INNOCENCIA

POR

Sylvio Dinarte

Autor da

MOCIDADE DE TRAJANO e LAGRIMAS DO CORAÇÃO.

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA NACIONAL

1872

INNOCENCIA

POR

Sylvio Dinarte

autor da

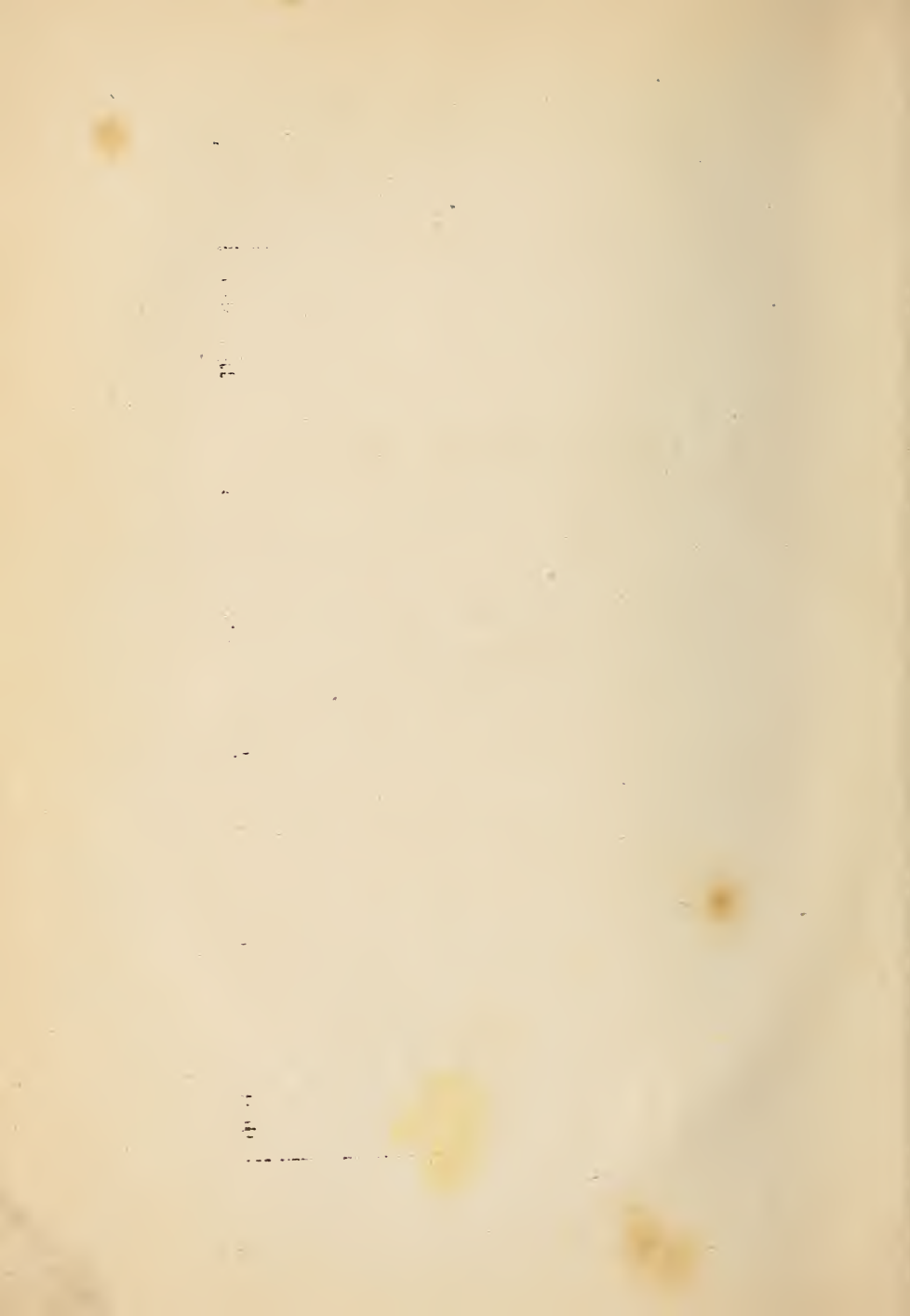
MOCIDADE DE TRAJANO e LAGRIMAS DO CORAÇÃO.

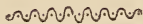
RIO DE JANEIRO.
TYPOGRAPHIA NACIONAL

1872

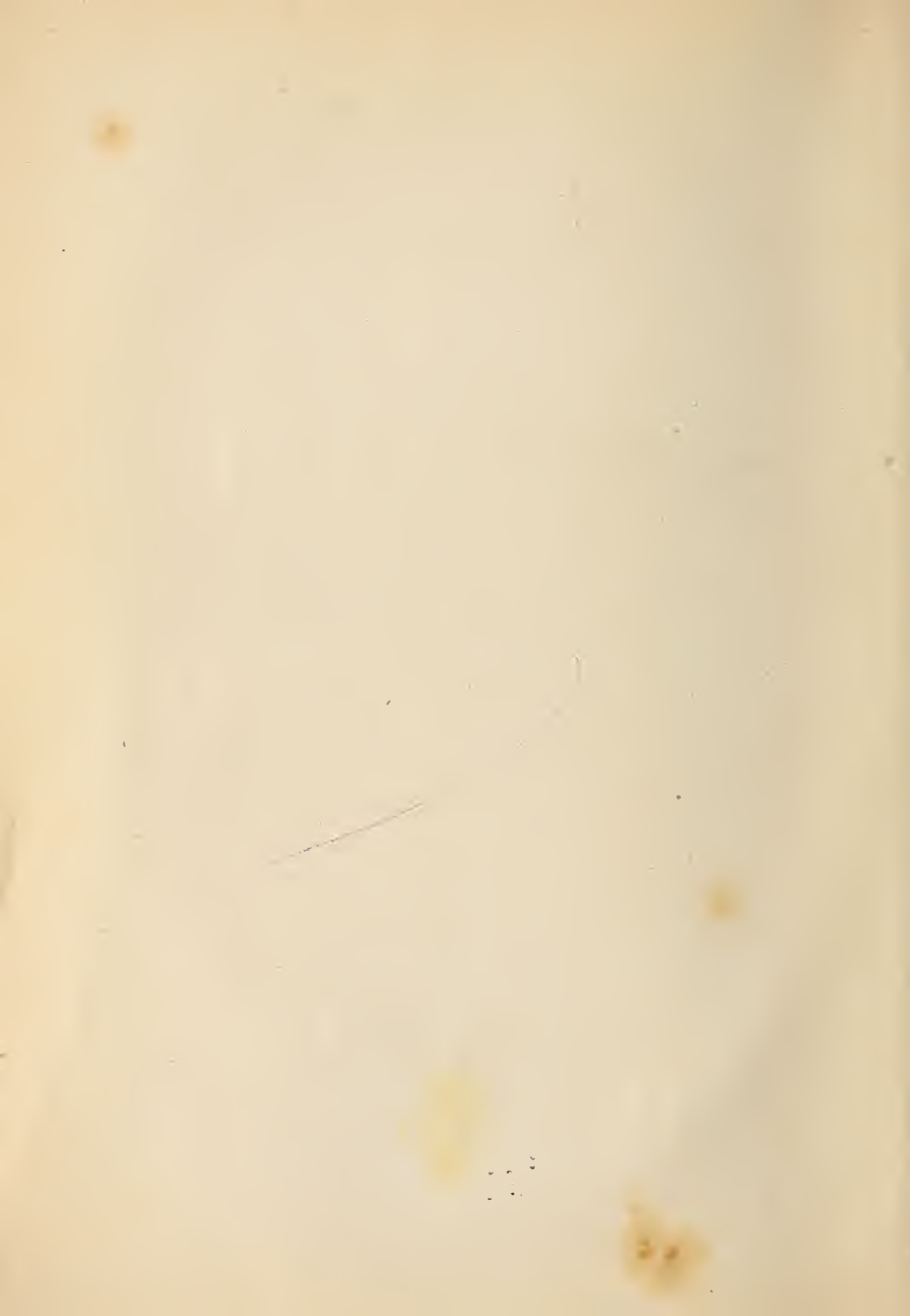
INNOCENCIA.

Minha obra é um capitulo do grande livro da natureza, sempre novo apezar das mil edições que se tenham tirado, quér em caracteres velhos e gothicos, quér em typo moderno e em papel assetinado.

WALTER-SCOTT — Waverley.

Ao Doutor

José Antonio de Azevedo Castro

AMIGO DE INFANCIA

E

INSEPARAVEL COMPANHEIRO.

Castro

Se eu vivêra na antiga Grecia e houvesse podido levantar custoso templo, dedicava-o á Amizade e gravava no frontispicio o teu querido nome.

Permitte-me hoje, amigo, que, daquelle vivo sentimento dê eu, no circulo de minhas limitadas posses, uma qualquer manifestação.

Não é em valioso monumento que vou inscrever teu nome; simplesmente na primeira pagina de uma narração campestre e despretenciosa, de um livro singelo e sem futuro.

Aceita-o como um dos mais espontaneos movimentos de meu coração, que á essa declaração sincera julga estar ligado o seu direito a completo indulto.

SYLVIO DINARTE.

Rio de Janeiro, 8 *de Julho de* 1872.

INNOCENCIA.

CAPITULO I.

O SERTÃO E O SERTANEJO.

> Todos vós percebeis o trabalho da natureza, cuja acção é eterna.
>
> GOETHE — Fausto.

> Então com passo tranquillo ia eu buscar algum recanto da floresta, algum lugar deserto, onde nada me mostrasse a mão do homem, me denunciasse a servidão e o dominio, asylo em que pudesse crêr ter primeiro entrado, onde nenhum importuno viesse interpôr-se entre mim e a natureza.
>
> J. J. ROUSSEAU — O encanto da solidão.

A estrada que da villa de Sant'Anna do Paranahyba leva ao ponto abandonado de Camapuan corta uma extensa e mal povoada zona da parte sul-oriental da vastissima provincia de Mato Grosso. Desde aquella villa, que assenta quasi no vertice do angulo em que confinam os territorios de S. Paulo, Minas Geraes, Goyaz e Mato Grosso, até o rio Sucuriú, affluente do magestoso Paraná, isto é, no

desenvolvimento de 40 leguas, vai-se commodamente viajando de habitação em habitação, mais ou menos proxima uma da outra ; depois rarêam as casas mais e mais ; caminham-se largas horas, dias inteiros, sem vêr morada nem gente até chegar-se ao retiro de José Pereira, guarda avançada daquellas solidões, homem chão e hospitaleiro, que acolhe o viajante desses alongados paramos, o recebe com carinho, e sorri-se para elle, ao proporcionar-lhe momentaneo agasalho e provêl-o de matalotagem para a jornada que o deve encaminhar aos campos de Miranda e Pequiry, ou da Vaccaria e Nioac, no Baixo Paraguay.

Depois começa o sertão chamado *bruto.* (1)

Pousos succedem a pousos, e nenhum tecto habitado ou em ruinas, nenhuma palhóça ou tapéra, dá abrigo ao caminhante contra a frialdade das noites, contra o temporal que ameaça ou a chuva que está cahindo. Por toda a parte a calma da campina não arroteada ; por toda a parte a vegetação virgem, tão virgem, como quando alli brotou pela vez primeira.

A estrada que atravessa estas regiões incultas desenrola-se como larga e alvejante faixa de areia, elemento predominante na natureza daquelle sólo, que é, comtudo, fertilisado por um sem numero de limpidos e borbulhantes regatos, cujos contingentes são outros tantos tributarios do Paraná e do Paraguay.

(1) Sem moradores.— Não é o deserto, palavra que envolve sempre a idéa de esterilidade, mas a completa solidão.

Essa areia, solta, mas não muito fina, tem uma côr uniforme, que reverbéra com intensidade os raios do sol, quando nella batem de chapa. Em alguns pontos é tão fôfa e movediça, que os animaes das tropas viajeiras arquejam de cansaço ao caminharem naquelle terreno incerto que lhes foge de sob os pés e onde se enterram até meia canela.

Tambem frequentes são os desvios que da estrada partem de um lado e de outro, a procurarem na mata do cerrado um leito mais firme, por ser menos batido.

Se o aspecto do caminho parece sempre o mesmo, em compensação as paisagens em torno mostram-se muito variadas.

Ora é a perspectiva dos *cerrados* (1), não desses cerrados de arvores rachiticas, enfezadas e retorcidas de S. Paulo e Minas, mas de garbosos e elevados madeiros, que, se bem não tomem todo o corpo de que são capazes á beira dos caudaes ou regados pela lympha dos corregos, ensombram, comtudo, o terreno que lhes fica em derredor com copada rama, e mostram na casca lisa e toda igual a força da seiva que os alimenta; ora são campos a perder de vista, cobertos ás vezes de macega alta, e lourejante, outras de viridante e mimosa grama,

(1) *Cerrados* são especies de florestas anãs, compostas de arbustos de tres a quatro pés de altura, mais ou menos chegados uns aos outros. A's vezes esses arbustos tomam mais desenvolvimento e formam a transição para as *capoeiras* (Saint Hilaire).

Em Minas Geraes chamam-se os cerrados *carrascos* e *carrasquinhos* os cerrados altos.

toda salpicada de silvestres flôres; ora successões de luxuriantes capões tão regulares e symetricos em sua disposição, que sorprendem e embellezam os olhos; ora, emfim, são charnecas, meio apaúladas, meio seccas, onde cresce o altivo bority e o gravatá estende o seu tapume espinhoso.

Esses campos que se mostram tão differentes no matiz das côres, já macega alta e requeimada, já vicejante tapete de relva, são transformações operadas pelo incendio que algum tropeiro, por acaso ou mero desenfado, ateou com uma faúlha de seu isqueiro no capim crescido e resiccado pelo ardor do sol.

A scentelha fica lavrando surdamente na touceira.

Venha uma aragem, e a lingua de fogo levanta-se esguia, tremula, comoque vacillante a contemplar os espaços em que vai precipitar-se. Sopre a briza com mais força e de mil pontos a um tempo arrebentam sofregas labaredas que se enroscam umas nas outras, se separam, deslizam-se, lambem vastas superficies, despedem ao céo rôlos de negrejante fumaça e correm, roncando pelos matagaes de tabocas e taquarissimas, até esbarrarem de encontro a alguma margem de rio que não possam transpôr, caso o vento não as tanja para além, ajudando com halito vivaz a obra de destruição.

Acalmado aquelle impeto por falta de alimento, fica tudo coberto de cinzas. O fogo, detido em pontos, aqui, alli, a consumir com mais lentidão algum estorvo, vai morrendo até extinguir-se de

todo, deixando como signal de sua passagem o alvacento lençol que lhe foi seguindo os veloces passos.

A atmosphera ennublada mal deixa coar a luz do sol: a incineração é completa, o calor intenso; e nos ares volitam palhinhas carburetadas, detritus, argueiros e granulos de carvão que põem-se a redemoinhar, a subir, descer, emmaranhar-se nos sorvedouros que, caprichosamente e a modo de innocentes trombas, formam as aragens, ao embater-se umas com as outras.

Por toda a parte, melancolia; de todos os lados tetricas perspectivas.

Se cahe, porém, dahi a dias copiosa chuva, parece que uma varinha de fada andou por aquelles sombrios recantos a traçar jardins encantados e nunca vistos. Tudo entra n'um trabalho intimo, de espantosa actividade. A vida transborda. Não ha ponto em que o capim não venha furando o chão, em que rebentões não surjam com o olhar travesso de quem espreita uma occasião azada para expandir-se em liberdade.

Nada póde impedir aquella resurreição.

Uma noite basta para que formosa alfombra verde, verde claro, verde gáio, assetinado, cubra todas as tristezas de ha pouco. Depois, aprimoram-se os esforços; rompem as flôres do campo que abrem á briza do deserto as delicadas petalas e lhe entregam as primicias de seus candidos perfumes.

Se falham essas chuvas vivificadoras, então ahi jazem por muitos mezes aquellas campinas devastadas pelo fogo, illuminadas lugubremente pelo sol,

sem uma sombra, sem um encanto, sem uma esperança de vida, com todas as suas garridas flôres, seus verdejantes pimpolhos occultos, como que amuados e tristonhos de que lhes tenham negado os meios de mostrar as preciosas galas.

Nessas paragens melancolicas nem sequér ouve-se o piar da esquiva perdiz, tão frequente antes do incendio: só de vez em quando echôa o prolongado grito de algum gavião que adeja lá em cima, ou que vem bordejando até conchegar-se á terra, para apanhar um ou outro reptil chamuscado do fogo que lavrou.

Tambem rompe o silencio o grasnido do cará-cará, que vai aos pulos procurando insectos e cobrinhas, ou então seguindo, junto ao sólo, o vôo dos urubús, cujos bandos buscam a carne putrefacta que o fino olfato lhes denunciou.

O cará-cará é commensal do urubú. Quando tem fome atira-se á rez morta, e, intromettido como é, á custo de algumas bicadas de seus pouco amaveis companheiros, bellisca aqui e acolá no immundo pasto.

Se o cará-cará passa á vista do gavião, então este precipita-se sobre elle com vôo firme; dá-lhe com a ponta das azas; atordôa-o, atormenta-o, só pelo gosto de mostrar-lhe a incontestada superioridade.

Nada mette com effeito o bicho em brios.

Pelo contrario, apenas levou dous ou tres baques de seu miudo, mas audaz adversario, baixa prudente á terra e ahi põe-se desageitadamente aos saltos, apresentando o adunco bico ao antagonista, que

com as azas levanta o pó da cinza, tão de perto as arrasta ao chão.

Afinal de cansado deixa o gavião o folguedo e, de um bote, agarra a serpesinha que elle não perdêra de vista e que estava, em custoso rasto, a procurar algum buraco, onde fosse, mais a salvo, pensar as suas fundas queimaduras.

Taes são os campos que as chuvas não vêm regar.

Com que gosto busca então o sertanejo os capões, que lá de bem longe se percebem nas encostas das collinas e baixadas ao redor de alguma nascente, orlada de pindahybas e boritys ?!

Com que alegria sauda elle aquelles lindos coqueiraes denunciadores da lympha que lhe vai estancar a sêde e banhar o afogueado rosto ?!

A's vezes as palmeiras enfileiram-se com singular regularidade na altura e disposição; mais commummente formam compactos grupos de entre os quaes segregam-se umas, mais e mais, ao acompanharem com as raizes algum tenue fio de agua que serpêa falto de forças e prestes a sumir-se na areia.

Esses capões de prompto chamam as vistas.

E' a principio um ponto negro, depois uma cupola de verdura ; afinal, de mais perto, uma ilha de luxuriante rama, um oasis para os membros lassos do viajante exhausto de fadiga, para seus olhos encandeados e suas fauces ardentes.

Com sofreguidão, pois, que tudo justifica, procura elle o sombreado retiro ; com presteza desarreia a cavalgadura, á qual dá liberdade para que vá

pastar, emquanto socego reparador e afinal somno benefico lhe tragam novo alento para o proseguir da viagem.

Estes momentos são para o homem do sertão incomparaveis, superiores a tudo quanto possa idear a imaginação.

Satisfeita a sêde que lhe seccára a garganta, comidas umas colheres de farinha de mandioca ou milho adoçada com rapadura, deita-se elle a fio comprido sobre os arreios desdobrados e contempla descuidoso o céo azul, as nuvens que se adelgaçam nos ares, a folhagem luzidia e os troncos esbranquiçados das pindahybas, a copa dos ipés ou as palmas dos boritys a ciciarem musicas sem conto com o perpassar da brisa.

Como são bellas aquellas palmeiras!

O stipite liso, pardacento e sem manchas, leva ao alto denso feixe de peciolos longos e cannulados sobre os quaes assentam folhas abertas como um leque, cujas pontas se curvam flexiveis e tremulantes á menor aragem.

A sopé dellas pendem, amparados por largas spathas, cachos de côcos amarellados e tão duros, que a casca desafia por algum tempo o ferreo bico das aráras.

Tambem com que vigor não trabalham as barulhentas aves para conseguirem a amendoa saborosa? Em grupos amontoam-se ellas, umas vermelhas como a labareda, outras de varias côres, outras pelo contrario de todo azues e grandes, a que chamam *araraunas*. Alli ficam agarradas ás folhas, balou-

çando-se gravemente, e atirando com impouencia aos ares immensos das campinas notas estridentes, quando não seja um clamor sem fim, ao quererem muitas disputar o mesmo cacho. Quasi sempre porém estão a namorar-se aos pares, pousadas uma bem encostada á outra.

O sertanejo vê tudo aquillo com o olhar carregado de somno. As palpebras batem-lhe pesadas: elle bem se lembra de que por alli podem rastejar onças e sucurys, mas é fatalista; confia no destino e sem mais esforço adormece com tranquillidade.

Correm as horas; o sol vem descambando, a brisa refresca e sopra rijo o vento. Os boritys não ciciam mais; gemem, e suas flabelladas palmas agitam-se convulsamente.

E' a tarde que chega.

Então desperta o viajante; esfrega os olhos, estira preguiçosamente os braços, boceja, bebe uma pouca d'agua fresca, fica sentado alguns instantes a olhar de um lado e d'outro, assovia baixinho um lundú e afinal corre a buscar o animal que de prompto ensilha e cavalga.

Uma vez montado, vai elle bem disposto de corpo e de espirito por aquelles caminhos a passo ou a trote, em demanda de um determinado pouso, onde pernoite.

Quanta melancolia desce á terra com o cahir do dia!

Parece que a solidão vai afastando os seus limites para tornar-se acabrunhadora. O sólo ennegrece; as moutas formam compactos grupos; e ao longe

desdobra-se um véo de gaze rôxeado de colorido uniforme e suave, sobre o qual destaca-se o caule de uma ou outra palmeira mais alterosa.

A essa hora o coração aperta-se de inexplicavel receio : qualquer ruido causa logo sobresalto, ora o grito tristonho da jaó nas matas, ora as plangentes notas do bacuráo a cruzar nos ares. Raro não é tambem que alguma perdiz ponha-se a piar, chamando ao ninho o companheiro extraviado, antes que a escuridão lhe impossibilite de todo a volta.

Quem viaja attento ás impressões intimas estremece, máo grado seu, ao ouvir, nesse momento de tristezas, o tanger de um sino ao longe ou o silvar estridente de uma machina a vapor. São insectos occultos na macega que trazem esta illusão, por tal modo viva e perfeita que a imaginação, ainda quando desabusada e prevenida, ergue o vôo e lá vai por esses mundos além a doudejar e a crear mil fantasias.

Afinal espalham-se as sombras da noite.

O sertanejo que de nada cuidou, que não ouvio nem as harmonias da tarde, nem reparou nos esplendores do céo, que não vio a tristeza a pairar sobre a terra, que de nada receia e vive consubstanciado com a solidão, pára, olha em derredor, e, se no lugar houver alguma aguada, por má que seja, apêa-se, desensilha o animal e, reunindo uns gravetos seccos, tira fogo do isqueiro, mais por distracção do que por necessidade.

Elle sente-se feliz. Tambem nada lhe perturba a paz do espirito e o bem estar do corpo. Nem

sequer monologa, como qualquer homem acostumado a conversar.

Seus pensamentos são raros; ou rememora as leguas que andou, ou computa as que tem que vencer para chegar ao termo da viagem.

No dia seguinte, quando a aurora acorda toda aquella natureza virgem, elle recomeça a caminhar como na vespera, como sempre.

O céo não lhe parece mudado; as nuvens são as mesmas. O sol dá-lhe os pontos cardeaes, e a terra só lhe prende as vistas, quando algum signal mais particular possa lhe servir de marco milliario na estrada que vai trilhando.

—Ah! exclama elle em voz alta ao avistar algum madeiro agigantado ou uma disposição particular de terras, topei com a *piuva* (1) grande... cheguei ao barranco alto. Até o pouso do Jacaré ha quatro leguas puxadas.

E, olhando para o sol, conclue:

—Daqui a 3 horas estou batendo fogo.

Ha dias em que o sertanejo dá para assoviar. Cantar, é raro; quando muito, á surdina: mais uma voz intima, um rumorejar para si, do que notas sahidas do robusto peito. Seu divertimento principal é responder ao pio das perdizes ou ao chamado angustioso da desconfiada zabelé.

O urro da onça é-lhe indifferente. Só por demais é que repara nas muitas pégádas que em todos os sentidos cortam a estrada.

(1) Em outras provincias é a peroba.

— Que bichão! murmura elle contemplando um rasto mais fortemente impresso no sólo, eu com um bom *onceiro* (1) ia acuar este diabo e metter-lhe um chumbo no focinho.

O legitimo sertanejo, explorador dos desertos, não tem familia: emquanto moço, seu unico fim é devassar terras, pisar campos onde antes ninguem puzéra pé, vadear rios desconhecidos, despontar cabeceiras (2) e furar matas que explorador algum até então varára.

Seu orgulho vai crescendo na razão da extensão e importancia das viagens emprehendidas: seu maior gosto é enumerar os caudaes que transpôz, os ribeirões que baptizou, as serras que tresmontou e os pantanaes que cortou afoutamente ou que, com rara paciencia, levou a rodear dias inteiros.

Cada anno que finda traz-lhe um conhecimento valioso, acrescenta uma pedra ao monumento de sua innocente vaidade.

— Ninguem póde commigo, exclama elle emphaticamente. Nos campos da Vaccaria, no sertão do Mimoso ou nos *pantános* (3) do Pequiry, eu sou rei.

Esta presumpção de realeza lhe infunde uma maneira de fallar e de gesticular toda magestatica em sua rude manifestação.

(1) Cão caçador de onças.

(2) Despontar cabeceiras é rodear as nascentes dos rios, procurando sempre terra não alagada.

(3) No interior do Brasil, todos pronunciam esta palavra grave e não esdruxula, mais conformes nisto com a etymologia.

A certeza que tem de que nunca poderá perder-se na vastidão, como que o levanta acima do desconhecido e permitte-lhe fóros de infallibilidade.

Se estende o braço, aponta com segurança no espaço e declara peremptoriamente:

— Neste rumo, ha daqui a 20 leguas uma serra bravia, depois um rio fundo; dahi a 5 leguas um mato muito sujo que vai dar n'um bréjal. Se *vassuncê* frechar direitinho, topa com o pouso do Tatú, no caminho de Cuyabá, em cinco dias.

O que elle faz n'uma direcção, com a mesma imperturbavel serenidade e firmeza indica em qualquer outra.

A unica demonstração que consente nos outros, quando conta os seus descobrimentos, é a da admiração. A' minima suspeita de duvida ou pouco caso, a colera incende-lhe as faces e seu gesto denuncia indignação.

— *Vassuncê* não *credita!* diz então. Pois ensilhe o seu *bicho* (1) e caminhe como eu lhe disse. Mas *assumpte* (2) bem, que no terceiro dia de viagem ficará decidido quem é *cavouqueiro* (3) e *embromador* (4).

(1) *Bicho* é palavra que serve para tudo. Neste caso é cavalgadura.

(2) Vêr o assumpto, attender, observar.

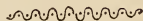
(3) *Cavouqueiro* é qualificativo usado para significar alguma qualidade má. Assim dizem animal cavouqueiro para exprimir algum sestro de cavalgadura. Homem cavouqueiro é o homem falso, mentiroso, com quem não se póde contar.

(4) Enganador.

Uma cousa é *mapiar* (1), outra andar por estes mundos de Christo.

Quando o sertanejo vai ficando velho, quando sente os membros cansados e entorpecidos, os olhos já ennevoados pela idade, os braços frouxos para manejar a machadinha que lhe dá o palmito ou o saboroso mel das abelhas, é que procura alguem que o queira para esposo, viuva ou parenta chegada, fórma casa e escola, e prepara os filhos e enteados para a vida aventureira e livre que tantos encantos lhe déra outr'ora.

Esses discipulos, aguçada a curiosidade com as repetidas descripções das grandes scenas da natureza, desertam n'um bello dia da casa paterna, espalham-se por ahi além, e uns nos confins do Paraná, outros nas brenhas de S. Paulo, nas planuras de Goyaz ou nas bocainas de Mato Grosso, por toda a parte emfim onde haja deserto, vão pôr em activa pratica tudo quanto souberam tão bem ouvir, relembrando as façanhas de seu conhecido mestre e progenitor.

(1) *Mapiar* é termo proprio da provincia de Mato Grosso. Quer dizer conversar.

CAPITULO II.

O VIAJANTE.

> Calar-se é não ser mais do que um espirito aborrecido: tagarellar é o encanto e a alma da vida.
>
> LA-CHAUSSEE.
>
> Commigo, respondeu Sancho, o primeiro movimento é sempre uma tal comichão de fallar que não posso deixar de dizer o que me vem á boca.
>
> CERVANTES — D. Quixote.

O dia 15 de Julho de 1860 era um dia claro, sereno e fresco, como costumam ser os dias chamados de inverno no interior do Brasil.

O sol ia alto em seu curso e illuminava com raios não muito ardentes para regiões intertropicaes a estrada cujo aspecto tentámos ha pouco descrever e que da villa de Sant'Anna do Paranahyba leva aos campos de Camapuan.

A' essa hora um viajante, montado n'uma boa besta tordilho-queimada, gorda e marchadeira, ia seguindo aquella estrada. Sua physionomia e maneira de trajar denunciavam logo que não era

homem de lide fadigosa e commum ou algum fazendeiro daquellas cercanias que voltava para a casa. A' cabeça trazia um chapéo do Chile com abas largas e cingido de uma fita preta, sobre os hombros um ponche-pala de variegadas côres e calçava botas de couro da Russia bem feitas e em bom estado de conservação.

Tinha quando muito vinte e cinco annos, presença agradavel, olhos negros e bem rasgados, barba e cabellos cortados quasi á escovinha e ar tão intelligente quanto decidido.

Na mão empunhava uma comprida vara que de pouco cortára, para ir distrahidamente fustigando o ar ou batendo em ramos de arvores que se dobrassem a alcance de seu braço.

Vinha só e, no momento em que começamos esta singela historia, achava-se no bonito trecho de caminho que medeia entre a casa de Albino Lata e a do Leal, a sete boas leguas da sezonatica e decadente villa de Sant'Anna do Paranahyba.

Nessa porção de estrada, ensombrada pelas arvores de vistoso cerrado, o leito, ainda que já bastante arenoso, é firme e mais aléa de bem tratado jardim, do que caminho de tropas e carreiros.

Ainda augmenta o encanto daquelle pedaço a innumeravel quantidade de rôlas caboclas a brincarem na areia e de pombas de cascavel, cujo bater de azas produz um arruido tão caracteristico e singular.

O nosso viajante, se caminhava distrahido e meio pensativo, não parecia, comtudo, de genio sombrio ou pouco divertido.

Pelo contrario, ás vezes, sacudia o torpôr em que vinha e punha-se a cantarolar, ou a assoviar, ou emfim a esporear a valente cavalgadura, que entrava a marchar, abanando alternadamente as orelhas com o movimento cadencial que imprimia á cabeça.

N'uma dessas reacções contra alguma preoccupação, elle disse em voz alta, puxando por um relogio de prata, seguro em corrente do mesmo metal:

— A's duas horas pretendo sestear no paiol do Leal. Falta pouco para o meio dia, e tenho tempo diante de mim a botar fóra...

Moderou, pois, a andadura que levava o animal e mais activamente pôz-se a bater nos galhos das arvores, boccejando de aborrecimento.

Tambem pouco tempo caminhou só, por isso que em breve emparelhou a seu lado um outro viajante, esse escanchado n'um cavallinho feio e zambro, mas muito forte que viéra quasi a galope e estava coberto de suor.

O recem-chegado era homem já de alguma idade, gordo, de compleição sanguinea, rosto expressivo e franco. Trajava á mineira e parecia, como realmente era, morador daquellas localidades.

— Olá, patricio, exclamou elle conchegando o seu animal ao da pessoa a quem interpellava, então vai para Camapuan?

O outro olhou com desconfiança e sobranceria para quem o interrogava tão peremptoriamente e respondeu meio-enviezado:

— Talvez sim... talvez não... Mas a que vem a pergunta?

— Ah! desculpe-me, replicou o primeiro rindo-se, nem sequer o saudei... Sou mesmo um estabanado... Deus esteja comvosco. Isto sempre me acontece... Minha lingua fica ás vezes tão douda que põe-se logo a bater-me nos dentes... que é um Deus nos acuda e... sem sequer avisar: agua vai! Olhe, por vezes já me tem vindo damno, mas que quer? E' sestro antigo... Não, que eu seja malcriado, Deus de tal me defenda, *abrenuncio*; mas péga-me uma comichão de fallar que vou logo, sem tir-te, nem guar-te, dando á taraméla.

A volubilidade com que foram ditas estas palavras causou espanto ao moço, que novamente encarou o seu companheiro, dessa vez com mais demora e ar menos altivo.

Notou então a physionomia alegre, e bonachã do tagarélla e correspondeu com um sorriso de sympathia ao seu riso communicativo.

— Pelo que vejo, disse elle, o Sr. gosta de conversar.

— Ora se! replicou o outro. Nestes sertões só sinto a falta de uma cousa: é a de um christão com quem dê dous dedos de *parola*. Isto sim, por aqui é *vasqueiro*. Tudo anda tão calado!... uma verdadeira caipiragem!... Eu, não. Sou mineiro; nasci na Parahybuna, conheci no meu tempo pessoas de *trus* e fui criado na Mata do Rio como gente e não como bicho do *monte* (1).

(1) Mato.

— Ah! o Sr. é de Minas?

— Geraes se me faz favor. Baptizei-me em Vassouras, mas sou mineiro da gemma. Andei céca e méca antes de dar fundo neste *paiz*. Isso já faz muito tempo, pois tambem vou sendo velho. Ha mais de quarenta annos pelo menos que sahi da casa de meus pais...

E interrompendo o que dizia, perguntou:

— O Sr. é de Minas tambem?

— Nhôr-não, respondeu o outro. Sou caipira de S. Paulo: nasci na villa da Casa Branca, mas fui educado em Ouro-Preto.

— Ah! na cidade Imperial (1)?...

— Lá mesmo.

— Então é quasi de minha casa, replicou o mineiro rindo-se ruidosamente. Ora, quem diria! Tambem batia-me a passarinha, quando vi seu rasto fresco na arêa. Ahi vai, dizia eu commigo mesmo, um sujeito que não tem pressa de chegar: e tocando o meu *canivete*, tratei de agarral-o para não fazer a viagem a conversar com meus botões. Acha que obrei mal?

— Não, Sr., protestou o moço com affabilidade. Agradeço muito a sua intenção. Assim alcançarei sem cansaço o Leal, onde pretendo dar hoje com os ossos.

— Oh! exclamou o outro todo expansivo, a caminhada é a mesma. Pois, meu rico Sr., eu moro a meia legua do Leal, torcendo á esquerda, e se

(1) E' o titulo que tem a capital de Minas Geraes.

vosmecê não tem compromissos lá com o homem, far-me-ha favor agasalhando-se a tecto de quem é pobre, mas amigo de servir. Minha pousada é pouco retirada do caminho, e quem vem montado como o Sr. não tem que andar contando bocadinhos de leguas.

Um convite tão espontaneo e amavel não podia deixar de ser bem aceito, sobretudo naquellas alturas, e trouxe logo entre os dous caminhantes a familiaridade que tão depressa se estabelece em viagem.

— Com toda a satisfação irei parar na sua casa, retrucou o joven. Nunca vi o Leal, pois agora é a primeira vez que transito neste sertão, e vou, de pouso em pouso, pedindo um canto de paiol ou de rancho para passar a noite com meus camaradas.

— Então traz tropa?

— Não; apenas dous bagageiros que vêm com minhas cargas e uma besta *á dextrá.*

— Oh! o amigo viaja á fidalga, observou o mineiro com gesto folgazão.

— Qual!... Bastantes privações tenho já sentido.

— De certo não as sentirá em nossa casa todo o tempo que lá quizer ficar. Não encontrará *luxarias* (1) nem cousas da capital, unicamente o que se póde ter nestes *mundos* (2): quatro paredes de páo a pique mal rebocadas, uma cama de vento,

(1) Superfluidades de luxo

(2) Lugares.

bom feijão a fartar, hervas picadas, arroz de papa, farinha de milho bem torrada, café e talvez até um lombo fresco de porco.

— Olé! exclamou o moço rindo-se com expansão, vou passar como um capitão-mór. Não queria tanto, bastava-me....

— O que desejo sobretudo é que commigo tenha o coração na boca. Se não gostar do passadio, vá logo *desembuxando*. Na minha rancharia pousa pouca gente, porque ella fica para dentro da estrada.... assim, talvez lhe falte alguma cousa; em todo o caso farei pelo melhor...

Depois de breve pausa, continuou:

— *Mas porém* creio que já é occasião, agora que nos conhecemos como dous amigos do tempo do Rojão, saber com quem lidamos. Eu, quanto a mim, me chamo Martinho dos Santos Pereira e minha historia lhe conto em duas palhetadas..... Sua graça, qual é?

— Cyrino Ferreira de Campos, respondeu o outro viajante, um criado para o servir.

— Obrigado, agradeceu Pereira inclinando-se cortezmente e levando a mão ao chapéo. Como lhe fiz vêr ha pouco, a historia que me diz respeito é curta. Minha gente não é de má raça, pelo contrario; meu pai, que Deus lhe dê a gloria, possuia alguma cousa de seu e deixou aos seus muitos filhos um nome limpo e respeitado. Cada um de nós — eramos sete irmãos — tomou o seu rumo. Eu casei muito mocinho e fui morar na Diamantina, onde abri negocio. Depois morreu minha dona e mu-

dei-me, a principio para Piumhy e mais tarde para Uberaba. A vida começou a desandar-me, e fiz logo o calculo: estar tão longe, antes estar no mato de uma vez. Vendi minha casinha de ferragens e interneí-me até cá com tres escravos. Ha doze annos que móro nestes *socavões* (1) e, palavra de honra, até o presente não me tenho arrependido. Na minha fazendola ha fartura e, louvado seja, nunca passei necessidades... Não posso por isso me queixar. Deus Nosso Senhor Jesus Christo tem olhado para mim e me julgo bem amparado, sobretudo quando lembro-me da *immundicie* (2) de miserias que ha por estas terras ahi fóra... Cruz ! nem fallar nisso é bom... Me diga porém uma cousa: vosmecê para onde é que se atira ?

— Homem, Sr. Pereira, eu não tenho destino certo.

— Devéras ? Então está caminhando ás tontas ?

— Eu lhe ponho tudo em pratos limpos. Ando por estes *fundões* (3) curando maleitas e feridas *bravas*.

— Ah ! exclamou Pereira com manifesto contentamento, vosmecê é doutor, não é ? Physico, como chamavam os nossos do outro tempo.

— E' verdade, confirmou Cyrino com alguma satisfação.

— Ora, pois, muito que bem, cahe-me a sopa no mel.

(1) Buracos, lugares retirados.
(2) Grande quantidade.
(3) Sitios distantes, longinquos.

— Porque ?

— Daqui a pouco saberá... Mas, me diga ainda : Onde é que vosmecê leu nos livros, aprendeu suas historias e bruxarias? Na côrte do Imperio ?

— Não , respondeu Cyrino, primeiro no collegio do Caraça ; depois fui para Ouro-Preto, onde tirei carta de pharmacia.

E acrescentou com infatuação :

— Desde então tenho batido todo o poente de Minas e feito curas que é um milagre.

— Ah ! a *sabencia* (1) é cousa boa... Eu tambem tinha geito para saber mais do que lêr e escrever, isso mesmo *malmente*; mas quem nasceu para carreiro, vira, mexe, larga e pêga, sempre acaba junto ao carro. Com o que, então, vosmecê entende de curar ?...

— Entendo, affirmou Cyrino sem a menor difficuldade.

— Pois cahio-me muito de geito na mão ; sim, senhor. Estou com uma menina doente de maleitas, minha filha, por cuja causa tinha eu ido a Sant'Anna buscar quina do commercio ; mas lá não havia da maldita e voltava bem triste ; ora....

— Trago, interrompeu o outro, muito remedio nas minhas malas. Para sezões tenho uma composição infallivel...

— Já se sabe ; entra cousa de quina. E' uma santa mézinha. A pequena tomou a do campo ;

(1) Sabedoria, conhecimentos.

mas essa pouco *talento* (1) tem, de maneira que a sezão não lhe deixou o corpo.

— Ha quantos dias appareceu o tremor de frio? perguntou o intitulado doutor.

— Hoje fazem dez dias. Até agora era uma rapariga *forçuda*, sadia e rosada como um jambo: nem sei como lhe entrou a maleita. Ninguem póde fiar na tal villa de Sant'Anna; é uma peste de febres. Eu bem não queria leval-a até lá, mas ella pedio muito e como era para vêr a madrinha, uma boa senhora, de muita *circumstancia* (2), a mulher do major Mello Taques, consenti. Não conhece?

— Pois não.

— E dá-se com o major? perguntou Pereira para abrir novo campo á sua garrulice.

— Estive com elle quando pousei na villa.

— E não gostou? Aquillo é que é homem ás direitas. Tambem é páo para toda a obra na Senhora Sant'Anna: é o *tutú* (3) de lá. Quando quero taramelar um pouco mais a gosto, busco o compadre. Isto arma logo uma conversa que me dá um fartão... E depois é pessoa de muita letra... escreve ao governo; é juiz de paz, major reformado, serve de

(1) Força, valentia. E' sempre tomado no sentido material.

(2) Importancia.

(3) *Tutú*, isto é, pessoa de mais consideração e que póde tudo. Pereira falla do major Martinho de Mello Taques, o qual mora com effeito na villa de Sant'Anna do Paranahyba e goza de merecida influencia.

juiz municipal, já fez a campanha dos farrapos e merece muita estimação. Mora n'uma casa de *andar* (1) e tem loja muito sortida e barata para a distancia. E as historias que conta? Hem? E' um nunca acabar. O homem parece que sabe o Imperio todo de cór e salteado! Nem o vigario! Olhe, Sr. Cyrino, vou lhe dizer uma cousa, que talvez lhe pareça *embromação*: ás vezes dou um pulo até a villa só para bater lingua com o major, porque com esta gente daqui não se tira partido: *escurraçada* e arisca que é um Deus nos acuda. Então, como lhe ia contando, galopeio até lá, e pégo n'uma *mapiagem* (2) que me enche as medidas. Não ha...

— Gabo-lhe a paxorra, atalhou Cyrino. Mas, diga-me, Sr. Pereira; farei por aqui algum negocio?

— Homem, conforme. Gente doente *é mato* (3); mas tambem *mofina* (4) como ella só. Meio arredado de minha casa fica o Coelho que está morre não morre ha muitos annos e é homem de boas patacas. Esse, se vosmecê o curar, talvez caia com os cobres. Tudo o mais é uma *récula* de gente mais ou menos.

— Vosmecê traz bastante quina do commercio? perguntou em seguida o mineiro.

— Trago, respondeu Cyrino, mas é caro.

— Que é caro, bem o sei. Pois é quanto basta, porque no fundo aqui tudo é sezão.

(1) Sobrado.

(2) Conversa.

(3) Quer dizer: ha abundancia.

(4) Pouco liberal. — Tambem quer dizer: ou doente ou covarde.

O Sr. Pereira começou então a desenrolar as molestias que o haviam assaltado durante a sua vida, raras na verdade, mas perigosas, e com esse thema ás ordens achou meios e modos de fallar até quasi perder o folego.

O outro recolheu-se ao silencio e ouvio talvez preoccupado, ou em todo o caso muito distrahidamente, o que lhe contava o seu novo amigo, sahindo tão sómente de sua apathica attenção para instigar com a voz e o calcanhar a cavalgadura quando esta parecia querer parar para descansar ou comer algum rebentão de capim mais appetitoso.

Afinal Pereira notou o tal ou qual abatimento do companheiro.

— Vosmecê a modo que está triste? disse elle. Deixou alguma cousa de seu lá por traz?

— Homem, para ser franco, respondeu Cyrino dando um suspiro, deixei, e essa cousa é uma divida.... divida de jogo.

— Isso é máo, retrucou o mineiro sériamente. Por causa desse demonio e de mulheres, é que as cruzes nascem á beira das estradas. Mas é *cóco* (1) grosso?

— Trezentos mil réis.

— Já é *gimbo* (2) graúdo. E com quem jogou?

— Com o Totó Siqueira de Sant'Anna. Elle queria me atrazar a viagem, mas eu lhe prometti mandar tudo do Sucuriú por meu camarada e lhe passei um

(1) Dinheiro.

(2) Quantia.

papel. No que estou pensando é se acharei até lá quem me dê aquelle dinheiro todo.

— Se lhe pagarem como devem, é com certeza. Em todo o caso aperte um pouco os doentes.

— Não imagina, replicou Cyrino com verdadeiro sentimento, quanto me tem amofinado essa maldita divida. Não pelo dinheiro, não faço caso disso, mas é por ter pegado em cartas, cousa que nunca tinha feito na minha vida; isso sim...

— Pois meu senhor, proseguiu Pereira, sirva-lhe esta de lição e tome tento com a gente do sertão, não com esses que moram nas suas casas muito socegados, mas com viajantes, homens de tropas e carreiros. Isso é uma sucia de jogadores, que andam armados de baralhos e visporas e por dá cá aquella palha empurram uma facada na barriga de um christão ou descarregam uma garrucha na cabeça de um companheiro, como se ella fosse alguma melancia pôdre. Depois, o demonio do jogo quando entra no corpo de um qualquer, faz logo ninho e *pincha* fóra a vergonha. Da má vida com mulheres, ainda a gente endireita, mas com cartas e sortes, só na caldeira de Pedro Botelho, é que se cuida em mudar de rumo. Eu já tive um tio morador no Corredor, para cá de Camapuan duas leguas, que trabalhava todo o anno na terra para vir jogar até perder o ultimo *cobre* no Sucuriú.

Pereira, de posse de tão largo assumpto, contou mil historias, umas lugubres, outras jocosas, veridicas, inventadas na occasião ou reproduzidas.

No entretanto os dous haviam caminhado bas-

tante : o sol inclinára-se para o horizonte e a briza da tarde já vinha soprando do lado do poente.

— Nós, observou o mineiro, com a nossa conversa, deixámos os animaes vir cochilando. Tambem já está aqui a minha estrada. Metta-se nella, Sr. Cyrino ; em frente ia-se parar no Leal : minha fazenda começa neste ponto á beira do caminho e vai por ahi fóra até longe.

Ao dizer estas palavras, tomou elle a dianteira e dando a direita á estrada geral, enveredou por uma aberta larga e muito encoberta, que levava com voltas e tortuosidades á margem de copioso e limpido ribeirão.

Os animaes, ao sentirem o ruido da agua, apertaram o passo e, entrando no caudal quasi até os peitos, estiraram o pescoço e puzeram-se a beber ruidosamente, avançando aos poucos de encontro á correnteza, como que para buscar o que houvesse de mais puro em lympha.

— Não deixe sua besta se *empazinar*, observou Pereira. Upa ! continuou elle puxando pela redea do cavallo e batendo-lhe amigavelmente na pá do pescoço, upa, canivete ! Vamos matar a fome no milho !

Transposto o ribeirão, alargava-se a vereda e, depois de cortar uma mata copada, abria-se n'uma verdadeira estrada que os dous cavalleiros tomaram a meio galope.

A final descambava o sol quando, por trás de ralo matagal, surgio a ponta de um mastro de S. João, que o mineiro saudou com mostras de grande alegria como signal proximo de sua querida vivenda.

Antes, porém, de nella penetrarmos, digamos quem era aquelle mancebo que viajava ornado do pomposo titulo de doutor, e, o que mais é, revestido de autoridade para ir, a seu-bel-prazer, applicando remedios e preconisando curas milagrosas.

CAPITULO III.

O DOUTOR.

> Fazei promessas: as promessas a ninguem causam desfalque, e o mundo é rico de palavras. A esperança, quando se crê nella, faz ganhar muito tempo.
>
> OVIDIO—A arte de amar.

> Ao morreres, dota algum collegio ou a teu gato.
>
> POPE.

> Sganarello.—De toda a parte vem gente procurar-me, e se as cousas continuam assim, sou de parecer que para sempre devo agarrar-me á medicina. Acho que de todos os officios é este o preferivel, visto como, quér se faça bem, quér mal, recebe-se sempre pagamento.
>
> MOLIÈRE—O medico á força.

Cyrino de Campos nascêra, como tinha dito a Pereira, na provincia de S. Paulo, na socegada e bonita villa da Casa Branca, a qual demora a 50 leguas do littoral. Filho de um vendedor de drogas, que se intitulava boticario e accumulava a esse officio o importante cargo de administrador do correio, crescêra elle debaixo das vistas paternas até a idade de doze annos, completos os quaes fôra enviado, em tempos de festas e a titulo de recor-

dação saudosa, a um velho tio e padrinho, morador na cidade de Ouro Preto, em Minas Geraes.

Esse parente, solteiro, de genio rabugento, misanthropo, e dado ás praticas da mais extrema carolice, recebeu o pequeno com máos modos e manifesto descontentamento, tanto mais quanto a presença de um estranho vinha interromper os habitos de completa solidão a que se acostumára desde longos annos.

Era homem que trajava ainda á moda antiga, usando de sapatos de fivela, calções de braguilha, e cabelleira empoada com o competente rabicho.

Sua reputação de pessoa abastada era, em toda a cidade de Ouro Preto, tão bem firmada quanto a de refinado sovina, chegando a voz publica a affirmar que o seu dinheiro, e não pouco, estava todo enterrado em buracos que crivavam o chão do seu quarto de dormir.

— Meu amigalhote, disse o tal padrinho para Cyrino poucos dias depois da chegada, fique sabendo que por qualquer cousinha eu lhe sacudirei a poeira do corpo. Dê-se por avisado e ande direitinho que nem um fuso.

O menino, transido de medo, passou a tarde a chorar n'um canto sombrio da casa, onde relembrou, até vir-lhe o somno, a alegre vida de outr'ora, os folguedos que fazia com seus camaradas na viçosa relva do Cruzeiro á entrada da villa da Casa Branca e sobretudo os carinhos da saudosa mamãe.

Em seguida áquella admoestação preventiva, fôra o tio á casa de uns padres que tinham influencia

na direcção do collegio do Caraça e com elles arranjára a admissão do afilhado naquelle estabelecimento de instrucção clerical.

Como finorio que era, conseguiu esse resultado sem muita difficuldade e pagando-o, à juros compostos, com promessas tentadoras.

— Por ora, resmoneou elle, nada poderei fazer pela educação do rapaz, mas.... emfim.... um dia.... estou já velho, e tratarei de mostrar que não me esqueci dos bons padres que tanto me ajudam.

Os clerigos farejaram logo um quantioso legado, e, lançada assim a eventualidade de uma verba testamentaria, ficou decidida a entrada de Cyrino na casa collegial.

O presentimento da falta de protecção natural torna os meninos doceis e resignados.

O caipirasinho não tugiu, nem mugiu ao penetrar no internato em que devia comtudo passar tristemente os melhores annos de sua adolescencia a mastigar latim, gaguejar Telemaco e entoar dia e noite, e em falsete, o cantochão.

O velho tio fizéra incontestavelmente optimo negocio. Ia desembolsando tão sómente boas palavras e, por estar agarrado á vida, chegou até a levar ao cemiterio dous dos padres que tanto se haviam prendido á esperança de alguma valiosa recordação.

A final, como tinha tambem que pagar o tributo universal, um bello dia morreu quando menos se pensava, deixando muito recommendado um seu

testamento, que foi com effeito aberto com sofreguidão digna de melhor exito.

Testamento havia, força é confessar; não já testamento, mas um extenso arrazoado todo da letra do velho; barras de ouro, porém, ou massos de notas, nem sombra.

Esfuracou-se a casa de alto a baixo; levantaram-se os soalhos; escutaram-se todas as paredes; quebraram-se os moveis; nada appareceu, nada denunciou escondrijo de riquezas, nem cousa que com isso vizinhasse.

Descobriu-se então que aquelle carola era um pensador desabusado, antigo admirador de Xavier o Tira-Dentes, que nunca tivéra vintem e que vivêra como philosopho, grazinando lá comsigo mesmo de tudo e de todos.

O seu testamento era uma gargalhada, meio de gosto, meio de ironia, atirada de além tumulo e corroborada pelo legado sarcastico que, em pomposo codicillo, fazia aos padres do Caraça da sua bibliotheca « a fim, dizia elle, de ajudar a educação dos mancebos e auxiliar as boas intenções dos seus honrados e virtuosos directores. »

Procuraram-se os taes livros e deparou-se com um bahú cheio de obras em parte devoradas pelo cupim e que, por ordem clerical, foram in continente e no meio de gritos de indignação e de horror entregues ás chammas de um grande auto de fé. Eram as Ruinas de Volney, o Homem da Natureza, o Diccionario philosophico de Voltaire, o Citador de Pigault-Lebrun, a Guerra dos Deuses de Parny, e os romances do Marquez de Sade.

A consequencia dessa brincadeira posthuma, que destruia de raiz o conceito de uma vida inteira, foi a immediata exclusão de Cyrino do collegio do Caraça.

Tinha elle então dezoito annos e, como era vivo, conseguiu, apezar da natural pécha que lhe atirava o parentesco com seu singular e defunto protector, entrar de caixeiro n'uma manhosa botica, onde entre drogas e receituarios foram-lhe voltando os habitos da casa paterna.

O trabalho era leve; o aviamento de prescripções tão lento que os ingredientes pharmaceuticos ficavam mezes inteiros nos embaçados e esborcinados frascos á espera de que alguem se lembrasse de tiral-os daquelle bolorento esquecimento.

Em localidade pequena, de simples boticario a facultativo não ha senão um passo. Cyrino foi com o tempo creando tal ou qual pratica de receitar, e, agarrando-se a um Chernoviz, já seboso de tanto uso, pôz-se a percorrer, com alguns medicamentos no bolso, as vizinhanças da cidade á procura de quem se utilisasse de seus serviços.

Nessas digressões principiou a receber o tratamento de doutor, e para melhor firmal-o, depois de ter-se despedido da botica em que servia, matriculou-se na escola de pharmacia de Ouro Preto e tratou de tirar carta de boticario, que o presidente da provincia de Minas Geraes tem o privilegio de conferir, dispensando documentos de qualquer faculdade reconhecida.

Uma vez de posse de tão lisonjeiro documento, fez-se Cyrino de partida decidida e começou então a viajar pelos sertões povoados a curar, sangrar e

retalhar, unindo a conhecimentos de algum valor outros que a experiencia lhe ia indicando ou que a voz do povo e da superstição lhe ministrava.

Toda a sua sciencia firmava-se no Chernoviz. Tambem esse era o seu inseparavel *vade-mecum;* seu livro de ouro; Homero á cabeceira de Alexandre. Noite e dia o manuseava; noite e dia o consultava á sombra dos pousos ou junto ao léito dos enfermos.

Chernoviz, dizem os entendidos, tem muito erro, muita lacuna, muita cousa inutil; entretanto no interior do Brasil é obra que incontestavelmente presta bons serviços, e cujos artigos têm força de evangelho.

Cyrino conhecia o seu exemplar de cór e salteado; abria-o com segurança nos trechos que desejava verificar e por meio delle formára um fundo de instrucção até certo ponto exacta, a que unira o estudo natural das uteis e pouco aproveitadas hervinhas do campo.

A fim de augmentar os seus recursos em materia medica vegetal, foi elle dilatando as excursões fóra das cidades, para onde voltava, quando via-se falto de medicamentos ou quando, digamol-o sem rebuço, queria gastar o dinheiro que ajuntára com sua clinica de sertão.

Afinal, affeito a habitos de completa liberdade, resolvêra emprehender viagem para Camapuan e sul da provincia de Mato Grosso, não só com o intuito de estender o raio de suas operações, como levado do desejo de ver terras novas e longinquas.

Curandeiro, simples curandeiro, ia por toda a parte grangeando o tratamento de doutor, que pouco e pouco foi-lhe parecendo, a elle proprio, titulo inherente á sua personalidade e a que tinha incontestavel direito.

O coração daquelle moço era bem formado, sua alma nobre e incapaz de pensamentos menos dignos; entretanto no fundo de seu caracter haviam gradualmente se enraizado certos habitos de orgulho, repassado de tal ou qual dóse de charlatanismo, oriundo não só de sua propria insufficiencia scientifica, como da roda em que tinha sempre vivido.

Em todo o caso afastava-se, ainda mesmo com seus defeitos, do commum dos medicos ambulantes do sertão, typos que se encontram frequentemente naquellas paragens, eivados de todos os accessorios da mais crassa ignorancia, mas rodeados de regalias completamente excepcionaes.

O doutor, com effeito, entra em toda a parte; penetra no interior das familias, verdadeiros gyneceos; o doutor tem o melhor lugar á mesa dos hospedes, a cama mais macia: o doutor, emfim, é um personagem cahido do céo, e junto ao qual acodem logo, de muitas leguas em torno, não enfermos, mas fanaticos crentes, que durante largos annos se haviam medicado ou por conselhos de vizinhos ou por suas proprias inspirações e que na chegada desses Messias depositam todas as ardentes esperanças de seu almejado restabelecimento.

CAPITULO IV.

A CASA DO MINEIRO.

> A ceia está na mesa, e que o bom acolhimento torne desculpavel o máo passadio.
>
> WALTER-SCOTT—Ivanhoe.

Quando os dous viajantes assomaram á entrada do terreiro que rodeava a vivenda de Pereira, sahiram-lhes ao encontro quatro ou cinco cães altos e magros que aos pulos saudaram o dono da casa com uma cainçada de alegria.

Algumas gallinhas puzeram-se a correr, ao passo que dous gallos, já empoleirados na cumieira do telhado, bradavam novidade e que porcos e bacorinhos erguiam-se aqui e acolá de entre palhas de milho e estremunhados olhavam para os recem-chegados com olhos pequenos e cheios de somno.

Do interior da habitação não tardou a sahir uma preta idosa, mal vestida, e trazendo atado á cabeça um lenço branco de algodão, cujas pontas pendiam até o meio das costas.

— Olá, Maria Conga, chamou Pereira, que ha de novo por cá?

— A benção, meu senhor, pediu a escrava chegando-se com alguma lentidão.

— Deus te faça santa, respondeu o mineiro. Como vai a menina? *Nocencia?*

— Nhã está com *sezão*.

— Isso sei eu, rapariga de Christo; mas como passou ella de *tras-ante-hontem* para cá?

— Todo o dia, vindo a hora, nhã bate o queixo, sim senhor.

— Está bem... E' que o mal ainda não abrandou... Daqui a pouco, veremos. E a *janta?*... Está prompta? Venho varado de fome. Que diz, Sr. Cyrino? perguntou elle voltando-se para o companheiro.

— Eu tambem não se me dava de comer alguma cousa. Temos razão para...

— Pois então, interrompeu Pereira, ponha pé no chão e pise forte, que o terreno é nosso. Minha casa, já lh'o disse, é pobre, mas... farta e a ninguem fica fechada.

Dando então o exemplo, descavalgou o cavallinho zambro, que foi logo correndo em direcção a uma dependencia da casa com fórmas de estribaria.

Cyrino apeou-se tambem, mas, ao penetrar n'uma especie de alpendre de palha que ensombrava a frente da casa, mostrou repentina e viva contrariedade no gesto e na physionomia.

— Ora, Sr. Pereira, exclamou elle batendo com o tacão da bota n'um sabugo de milho, só agora é que me lembro que minhas cargas vão todas tomar

caminho do Leal e deixar-me aqui sem roupa, nem medicamentos. Que massada! Deviamos ter esperado na boca de sua picada.

O mineiro respondeu-lhe todo desfeito em expansivo riso:

— Oh, pois o doutor é tão novato assim em viagens? Então pensa que não deixei um aviso para a sua gente? Não se lembra de um ramo que puz no meio da estrada grande?

— E' verdade, confirmou Cyrino.

— E então? D'aqui a pouco a sua camaradagem está batendo o nosso rasto. Entremos, que a fome já vai apertando.

A morada de Pereira consistia n'um casarão vasto e baixo, coberto de sapé, com uma porta larga entre duas janellas muito estreitas e mal abertas. A parede da frente talvez com o peso da coberta abahulava sensivelmente fóra da vertical e rachas longitudinaes mostravam que eram urgentes algumas reparações de importancia naquella obra feita de terra amassada e grades de páo a pique.

Ao oitão da direita existia encostado um grande paiol construido de troncos de palmeiras, por entre os quaes iam cahindo as espigas de milho, graças ao continuo fossar dos porquinhos que dalli não arredavam pé.

Corrido na frente de toda a vivenda, via-se um alpendre de palha de bórity, sustentado por grossas taquaras, appendice ligeiro acrescentado por occa-

sião de alguma passada festa, em que a quantidade de convidados ultrapassára os limites de abrigo da hospitaleira habitação.

Internamente a casa era dividida em dous lanços: um todo fechado, com excepção da porta por onde se entrava, era a sala dos hospedes; o outro, á retaguarda, era o sanctuario da familia, e portanto completamente retirado das vistas dos estranhos e sem communicação interna com o compartimento de diante.

O chão da sala da frente era de barro soccado e nelle viam-se signaes de que ás vezes alli accendia-se fogo: tambem o sapé do forro e o ripamento estavam revestidos de uma camada tenue de picuman que lhes dava brilho singular, como se tudo houvéra sido jacarandá envernizado.

— Isto aqui, disse Pereira penetrando na sala e sentando-se n'uma tripeça de páo, pertence aos hospedes. Poucos vêm cá parar, mas emfim é bom sempre contar com elles... A minha gente mora na dependencia dos fundos.

E apontou para a parede fronteira á porta de entrada, fazendo depois um gesto para mostrar que a casa se estendia além.

— Sr. Pereira, disse Cyrino recostando-se a uma solida marqueza, não se incommode commigo de maneira alguma... Faça de conta que aqui não ha ninguem.

— Pois então, retorquio o mineiro, deite-se um pouco, emquanto vou lá dentro ver as novidades. A hora é mais de comer, do que de cochilar; mas em-

fim espere deitado, que é sempre mais commodo do que de pé ou sentado.

O hospede não despresou o convite. Tirou o pala, puxou as botas e, cruzando-as, fez dos canos travesseiro, em que descansou a cabeça.

Quem se colloca na posição horizontal, depois de vencidas umas estiradas leguas, adormece com certeza. Depressa, pois, veio ao moço o somno cerrar as palpebras e entumecer-lhe o peito com socegada respiração.

Dormio talvez hora e meia e mais houvéra dormido, se não tivesse sido acordado pelo tropel de animaes que chegavam e por grita de gente ao pôr cargas em terra.

O Sr. Pereira appareceu á porta com ar jovial.

— Então que lhe disse eu ?

— De facto ; agora estou socegado.

— E o Sr. tomou uma boa *data* (1) de somno.

— *Quem sabe* (2) uma hora ?

— Boa duvida, se não mais. Todo esse tempo fiquei eu ao lado de *Nocencia*, que batia o queixo de frio, como se estivesse agora no Ouro-Preto, quando cahe geada na rua.

— Então não vai melhor ?

— Qual !... Depois que o Sr. tiver comido, ha de ir vêl-a. Está já tão desfeita que parece doente de dous mezes.

(1) Quantidade, porção.
(2) Talvez.

— Felizmente, observou Cyrino com alguma petulancia, aqui estou eu para pôl-a de pé.

— Deus o ouça, disse Pereira com uncção de pai.

— Patricios! Oh! gente! gritou elle em seguida para os dous camaradas chegados de pouco, mecês vão sestear naquelle rancho, alli. Perto ha boa agua, e lenha é que não falta: basta estender a mão. Olhem, dêm ração de fartar aos burros. Aproveitem o milho, emquanto ha: é a *sustancia* do animal. Aqui eu o vendo baratinho. Um *atilho* (1) por um *cobre* (2) e não são espigas chôchas, nem de grão *soboró* (3). Eh! lá! Maria Conga, vamos com isto!... *janta* na mesa!...

O chamado e as indicações de Pereira foram cumpridos.

Appareceu a velha escrava, que estendeu n'uma larga e mal aplainada mesa uma toalha de algodão grosseira, mas muito alva, sobre a qual derramou duas boas cuias de farinha de milho: depois, emborcou um prato fundo de louça azul, e ao lado collocou uma colher e um garfo de metal.

— Sente-se, doutor, disse Pereira para Cyrino, eu não *manduco* com mecê, porque lá dentro já petisquei. Desculpe se a comida não estiver do seu agrado.

Neste momento vinha Maria Conga entrando com

(1) Um atilho compõe-se de 4 espigas amarradas.

(2) Dous vintens.

(3) Soboró é o grão falhado.

dous pratos bem cheios e fumegantes, um de feijão cavallo, o outro de arroz.

— E as hervas? perguntou Pereira. Não ha?

— Nhôr-sim. Eu boto já, respondeu a preta, o que com effeito executou n'uma outra viagem.

O mineiro tornou a desculpar-se da insufficiencia e máo preparo da comida.

— Hoje não lhe dou lombo de porco. Mas o promettido não fica em esquecimento. Isso é que lhe posso assegurar.

— Estou muito contente com o que ha, protestou Cyrino, e pelo modo por que começou a comer, repetindo amiudadas vezes dos pratos, deu evidentes mostras de que fallava com sinceridade.

— Maria, disse Pereira á escrava que a alguma distancia da mesa puzéra-se firme com os braços cruzados, *traz* para merenda *mel* (1) e café com *doce* (2).

Vieram os dous artigos reclamados e Cyrino completou o jantar com patente satisfação.

— Ah! exclamou elle estirando os braços, fiquei que nem um ovo. O feijão estava de patente. Louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo, que me deu este bom agazalho.

— Amen! respondeu Pereira.

— Agora, amigo meu, disse o moço depois de pequena pausa, estou ás suas ordens. Podemos ver a sua doentinha e aproveitar a parada da febre *para*

(1) Melado.
(2) Rapadura ou assucar.

mim (1) atalhal-a de prompto. Não gosto de adiamentos nestes casos.

O rosto do mineiro cobrio-se de ligeira sombra: seus sobrolhos franziram-se e vaga inquietação pairou-lhe na fronte.

— Mais tarde, disse elle com alguma precipitação.

— Nada, não senhor, retrucou Cyrino, eu lhe digo que quanto mais cedo, melhor será.

— Que pressa tem mecê? perguntou Pereira com desconfiança.

— Eu? respondeu Cyrino sem perceber a intenção, nenhuma. E' mesmo para bem da moça.

Os olhos de Pereira accenderam-se de repentino brilho.

— E como sabe que minha filha é moça? exclamou com vivacidade.

— Pois não foi o senhor mesmo quem m'o disse na *prosa* do caminho?

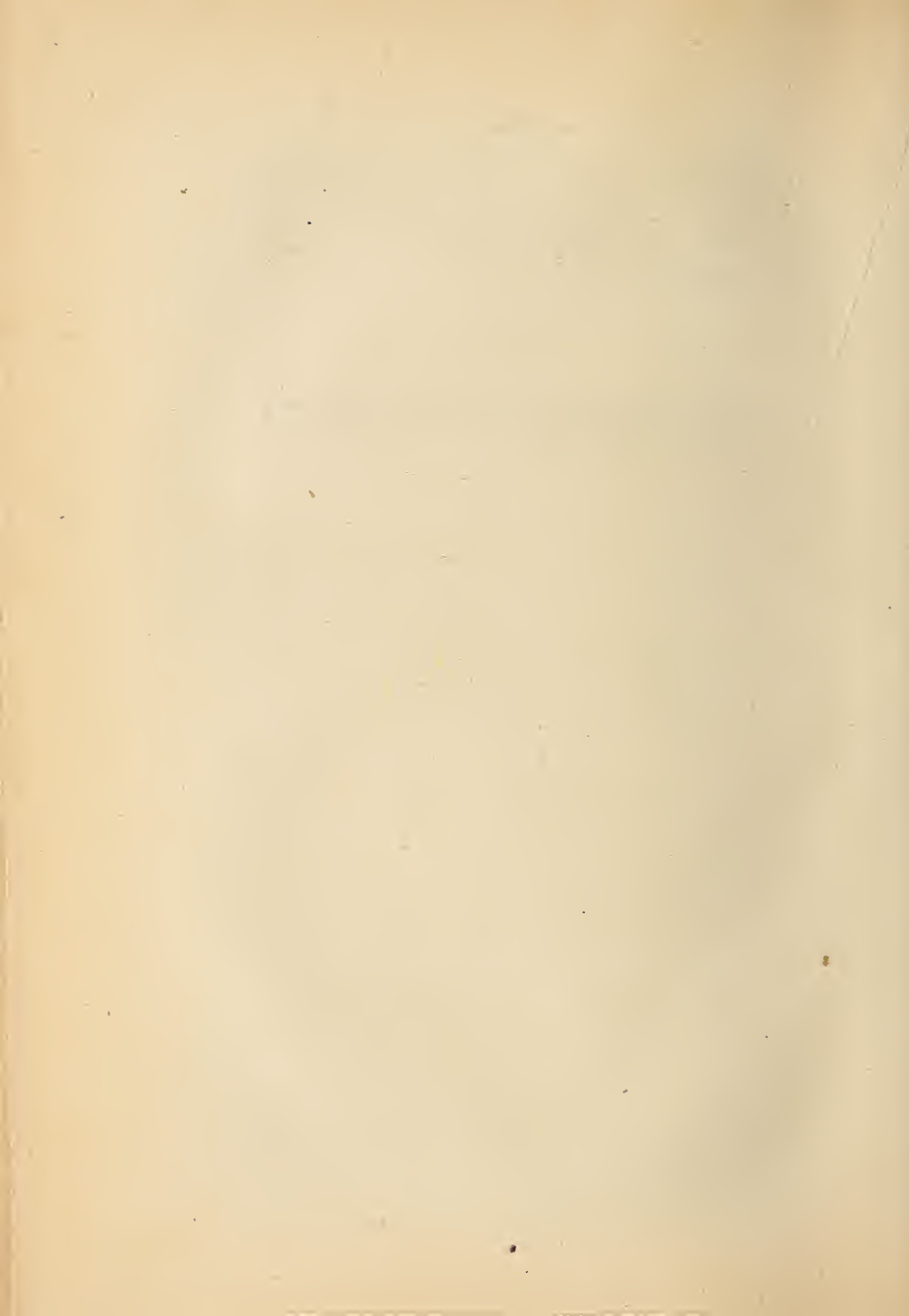
— Ah!... é verdade. Ella ainda não é moça... Quatorze, quinze annos, quando muito... Quinze annos e meio... Uma criança, coitadinha!...

— Emfim, replicou o mancebo, seja como fôr. Quando o Sr. quizer, venha me procurar. Emquanto espero, remexerei nas minhas malas e tirarei alguns remedios para tel-os á mão.

— Muito bem, approvou Pereira, bote os seus

(1) Este erro é commum no interior de todo o Brasil e sobretudo na provincia de S. Paulo, onde pessoas até illustradas commettem-no com frequencia.

trens (1) naquelle canto e fique descansado: ninguem bolirá nelles... Quanto á minha filha... eu já venho... dou um pulo lá dentro e... depois conversaremos.

(1) Trem na provincia de Mato Grosso é uma das palavras mais empregadas e com as mais singulares accepções. Neste caso significa objectos, cargas, etc.

CAPITULO V.

AVISO PRÉVIO.

> Onde estão mulheres, ahi estão todos os males juntos.
>
> MENANDRO.
>
> Não convém nunca que um homem sensato eduque seus filhos, de modo a desenvolver por demais o seu espirito.
>
> EURIPIDES — Medéa.
>
> Filhos, sois para os homens o encanto da alma
>
> MENANDRO.

Cyrino estava fazendo o inventario de sua roupa e já começava a anoitecer, quando Pereira chegou-se novamente a elle.

— Doutor, disse o mineiro, agora póde vosmecê entrar para vêr a pequena. Está com o pulso que nem um fio, mas não tem febre de qualidade nenhuma.

— Assim é *bem melhor* (1), respondeu Cyrino.

E arranjando precipitadamente o que havia tirado da canastra, fechou-a e pôz-se de pé.

(1) Locução muito usual no interior.

Antes de sahir da sala, Pereira deteve o seu hospede com ar de quem tinha que communicar uma cousa de gravidade e ao mesmo tempo de difficil confissão.

Afinal começou elle :

— Sr. Cyrino, eu sou um homem muito bom de genio, muito amigo de servir, muito accommodado e que tem o coração na boca, como vosmecê bem vio...

— Por certo, concordou o outro.

— Pois bem, mas... eu sou muito desconfiado. O doutor vai entrar no interior de minha casa e... não sei, mas... eu lhe peço que seja discreto e...

— Oh, Sr. Pereira ! atalhou Cyrino sem grande espanto pois conhecia o zelo com que os homens do sertão guardam os seus aposentos domesticos da vista dos profanos, tenho sido recebido no seio de muita familia e sei me comportar como devo.

O rosto do mineiro expandio-se um pouco.

— Vejo, disse elle com algum acanhamento, que o doutor não é nenhum *pé rapado*, mas é bom nunca facilitar... E já que não ha outro remedio, vou lhe dizer todos os meus segredos... Não mettem vergonha a ninguem, com o favor de Deus ; mas não gosto de bater lingua em negocios de minha casa... Minha filha *Nocencia* fez 18 annos pelo Natal e é uma rapariga que pela feição parece moça de cidade, muito acanhadinha de modos, mas bonita e boa devéras... Coitada, foi criada sem

mãe e aqui nestas *funduras* (1). Eu tenho outro filho, este um latagão, barbado e *grosso* (2) ... está trabalhando agora em porcadas para as bandas do Rio.

— Ora muito que bem, continuou Pereira cahindo pouco e pouco na habitual garrulice, quando vi a menina tomar corpo, tratei logo de casal-a...

— Ah! é casada? perguntou Cyrino.

— Isto é, é e não é. A cousa está apalavrada. Por aqui costuma trabalhar no costeio do gado para S. Paulo um homem de mão cheia... talvez o Sr. conheça?... o Manecão Dóca...

— Não, respondeu Cyrino abanando a cabeça.

— Pois *isso* é um homem ás direitas, trabalhador como elle só... fura estes sertões todos e vem *tangendo* (3) pontas de gado que mettem medo. Tambem dizem, que tem *bichado* (4) muito e eu dou fé, porque elle não é gastador nem dado ás mulheres. Uma vez que estava aqui de pousada... olhe, mesmo neste lugar onde mecê está *agorinha*, eu lhe fallei em casamento... isto é, dei-lhe uns toques... porque os pais devem tomar isso á sua conta para bem de suas *feminhas* (5), não acha?

— Boa duvida, approvou Cyrino, dou-lhe toda a razão.

— Pois bem, o Manecão ficou *ansim* meio em du-

(1) Sertões.

(2) Gordo.

(3) Este elegante verbo é muito usado no interior.

(4) Feito bichas, ganho dinheiro.

(5) Filhas.

vida, mas, quando mostrei-lhe a pequena, foi outra cantiga... Ah! tambem é uma menina!...

E Pereira, esquecido de suas prevenções, deu um muchôcho expressivo, apoiando a palma da mão aberta de encontro aos grossos labios.

— Agora está ella um tanto mudada, mas quando tem saude é coradinha que nem mangaba do areal. Tem cabellos compridos e finos como seda de paina, um nariz mimoso e uns olhos matadores... Nem parece filha de quem é...

O amor paterno levava Pereira a gabos imprudentes.

Foi o que repentinamente pensou lá comsigo, de modo que, reprimindo-se, disse com hesitação manifesta:

— Essa obrigação de casar as mulheres é o diacho!... se não tomam estado ficam *jururús* e *fanadinhas*.... se se casam podem cahir nas mãos de algum marido malvado... E depois, as historias!... Hi, meu Deus, mulheres n'uma casa, é cousa de metter medo... São redomas de vidro que tudo póde quebrar... Emfim, minha filha, emquanto solteira, honrou meu nome... O Manecão que se aguente, quando a tiver como sua... Com gente de saia não ha que fiar... Cruz! botam uma familia a perder, emquanto o demo esfrega um olho.

Este sentimento injurioso relativamente ás mulheres é muito espalhado em todo o sertão e traz como consequencia immediata e prática a rigorosa clausura em que são mantidas, o casamento convencionado entre parentes para filhos ainda crianças

e sobretudo os numerosos crimes commettidos, mal se suspeite uma possibilidade de intriga amorosa entre pessoa da familia e algum estranho.

Pereira desenvolveu todas aquellas idéas e applaudio a prudencia de tão preventivas medidas.

— Eu repito, disse elle com calor, isso de mulheres, não ha que fiar. Bem faziam os nossos do tempo antigo. As raparigas andavam direitinhas que nem um fuso... Uma piscadella de olhos mais enviesada, era logo páo... Dizem agora que lá nas cidades... arrenego!... não ha menina, por pobresinha que seja, que não saiba lêr e garatujar no papel.... que deixe de ir a *fonçonatas* com vestidos abertos na frente como *raparigas fadistas* e que dansam e fallam alto e *mostram os dentes* por dá cá aquella palha com qualquer tafulo mal criado... Cruz!... Assim tambem é demais... Não se maltratem as coitadinhas, mas é preciso não se dar azas ás formigas... Quando ellas ficam taludas, arranja-se uma festança para casal-as com um rapaz decente ou algum primo e acabou-se a historia...

— Depois, acrescentou elle abrindo com um dedo a palpebra inferior do olho direito, cautela e faca afiada para algum que se faça de tolo e venha se engraçar fóra de proposito... Minha filha...

Pereira mudou completamente de tom.

— Pobresinha... Della não ha de vir o mal... E' uma pombinha do céo... Tão boa, tão carinhosa!... E feiticeira?! Eu não posso com ella... só de pensar que a vou entregar ás mãos de um homem, bole todo commigo... E'preciso, porém!

Ha annos... já devia ter cuidado nesse arranjo, mas... não sei... cada vez que pensava nisso... cahia-me a alma aos pés... Tambem é menina que não foi criada como as mais... Ah! Sr. Cyrino, isto de filhos são pedaços do coração que a gente arranca do corpo e bota a andar por este mundo de Christo.

Os cilios do bom pai humedeceram-se ligeiramente.

— Meu mais velho pára, Deus sabe onde... Se eu morresse neste instante, ficava a pequena ao desamparo... Tambem era preciso acabar com essa incerteza... Além disso o Manecão prometteu-me deixal-a aqui em casa e deste modo fica tudo arranjado... isto é, remediado, porque filha casada não pertence mais a pai.

Houve um instante de silencio.

— Agora, proseguio Pereira com certo constrangimento, que eu lhe disse tudo, peço-lhe uma cousa: veja só a doente e não olhe para *Nocencia*... Fallei assim a mecê, porque era de meu dever... Homem nenhum, sem ser muito chegado a este seu criado, pisou nunca no quarto de minha filha... Eu lhe juro... Só em casos destes de extrema *percisão*...

— Sr. Pereira, replicou Cyrino com calma, já lhe disse e torno a dizer que, como medico, estou acostumado a lidar com familias e a respeital-as. Esse é o meu dever e até hoje, graças a Deus, minha fama é boa... A'cerca das mulheres não tenho suas opiniões, nem as acho razoaveis. Entretanto é inutil discutirmos, porque sei que são pre-

venções vindas de longe, e quem nasce torto, tarde ou nunca se endireita... Não leve a mal minhas palavras... O Sr. fallou-me com franqueza, eu tambem com franqueza lhe quero responder. No meu parecer as mulheres são tão boas como nós, senão melhores: não ha pois justiça em desconfiar tanto dellas e ter os homens tão em conta... Emfim, essas suas idéas podem lhe quadrar bem e é costume meu antigo não contrariar a ninguem, para viver bem com os mais e delles merecer o trato que julgo ter o direito de receber. Cuide cada um em si, olhe Deus para todos e ninguem queira ser palmatoria do mundo.

Esta profissão de fé dita com tom quasi dogmatico e superior pareceu impressionar de algum modo Pereira, que applaudira com um movimento expressivo de cabeça a sensatez dos conceitos e a fluencia da phrase.

CAPITULO VI.

INNOCENCIA.

> Nesta moça é que se acham reunidas minha vida e minha morte.
>
> HENOCH — O livro da amizade.

> Eu nunca vira cousa tão bem acabada como seu rosto pallido, seus olhos rodeados de sedosos cilios muito espessos e seu ar meigo e doentio.
>
> GEORGE SAND — Os mestres gaiteiros.

> Tudo em Fenella realizava a idéa de uma miniatura. Havia, além disso, em sua physionomia, sobretudo no olhar, extraordinaria promptidão, fogo e atilamento.
>
> WALTER-SCOTT — Peveril do Pico.

Depois das explicações dadas a Cyrino, sentio-se o mineiro mais desassombrado.

— Então, disse elle, se quizer, vamos já ver a nossa doentinha.

— Com muito gosto, concordou Cyrino, e, sahindo da sala acompanhou Pereira, que fel-o passar por duas cercas, rodear toda a casa, para ir tomar a porta do fundo, á qual ficava fronteiro um magnifico laranjal, naquella occasião todo coberto de suas brancas e odoriferas flôres.

5

— Neste lugar, disse o mineiro apontando para o pomar, juntam-se todos os dias tamanhos bandos de *graunas* (1) que é um barulho dos meus peccados. *Nocencia* gosta muito disso e vem sempre coser debaixo do arvoredo. E' uma menina exquisita...

Parando no limiar da porta, elle continuou com expansão:

— Nem o senhor imagina... As vezes aquella criança tem lembranças e perguntas que me fazem *embatucar*.... Aqui havia um livro de horas de minha defunta avó.... pois ella não me pedio que lhe ensinasse a lêr?... Que idéa!... Ainda ha pouco tempo me disse que queria ter nascido princeza... Eu lhe retruquei: Mas você sabe o que é ser princeza? Sei, me *secundou* (2) ella com toda a clareza, é uma moça muito boa, muito bonita, que tem uma corôa de diamantes na cabeça, muitos *lavrados* (3) no pescoço e que manda nos homens.... Eu fiquei tonto. E se o senhor visse que modos tem com os bichinhos?!...... Parece que está fallando com elles e que os entende... Uma *bicharia* (4), em chegando ao pé de *Nocencia*,

(1) E' o passaro que na provincia do Rio de Janeiro tem o nome mais prosaico de *vira-bosta*. A sua plumagem é negra como indica a denominação indigena — guirá-una (passaro preto) — seu canto muito melodioso, e seus habitos eminentemente sociaes.

(2) Respondeu.

(3) Chamam-se *lavrados* na provincia de Mato Grosso collares de contas de ouro e adornos de ouro e prata.

(4) Animal.

fica mansa que nem ovelhinha parida de fresco... Se eu fosse agora lhe contar historias dessa rapariga, era um nunca acabar... Entremos, que é o melhor...

Quando Cyrino penetrou no quarto da filha do mineiro, era quasi noite, de maneira que no primeiro olhar que atirou ao redor de si só pôde lobrigar, além de diversos trastes de fórmas antiquadas, uma cama alta e larga, feita de tiras de couro engradadas e encostada a um canto. Havia nella uma pessoa deitada.

Pereira mandára acender uma vela de sebo. Vinda a luz, approximaram-se ambos do leito da enferma que, conchegando ao corpo e puxando para baixo do queixo uma coberta de algodão de Minas, encolheu-se toda e voltou-se para os que entravam.

—Está aqui o doutor, disse-lhe Pereira, que vem te curar de uma vez.

— Boas noites, dona, saudou Cyrino.

Uma voz timida murmurou uma resposta qualquer, ao passo que o pretenso medico sentava-se n'um escabello junto á cama e tomava o pulso á doente.

A luz cahia de chapa sobre ella illuminando-lhe o rosto, parte do collo e a cabeça, que estava coberta por um lenço vermelho atado por trás da nuca.

Apezar de bastante descorada, Innocencia era de uma belleza deslumbrante. Sua testa abria-se larga; suas palpebras, meio cerradas então, tinham cilios

tão compridos que projectavam sombra nas mimosas faces: seu nariz era fino, um pouco arqueado; á boca pequena e o queixo admiravelmente torneado.

Ao erguer a cabeça para tirar o braço de sob o lençol, a camisinha de crivo que vestia descêra um pouco, deixando descoberto um collo de fascinadora alvura ainda mais realçada por um ou outro signal de nascença.

Razão de sobra tinha, pois, Cyrino para sentir a mão fria e um pouco incerta, e não poder atinar com o pulso de tão gentil cliente.

—Então? perguntou o pai.

—Febre nenhuma, respondeu o moço cujos olhos fitavam com manifesta sorpresa o rosto de Innocencia.

—E que ha a fazer?

—Tomar hoje mesmo um suador de folhas de larangeira da terra a vêr se transpira bastante e, quando fôr meia-noite, acordar-me para vir dar á dona uma dose de sulfato.

A moça levantára os olhos e os cravára em Cyrino para seguir com attenção as prescripções que deviam restituir-lhe a saude.

—Ella não tem fome nenhuma, observou o pai; ha quasi tres dias que vive só de beberagens. E' uma ardencia continua; isto até não parece maleita.

—Tanto melhor, replicou o moço; amanhã verá que a febre sahe do corpo e daqui a uma semana sua filha está de pé com certeza. Sou eu quem lhe afiança.

—Falle Deus por sua boca, disse Pereira com alegria.

—As côres hão de voltar logo, continuou Cyrino.

Innocencia enrubeceu ligeiramente e descansou a cabeça sobre o travesseiro.

—Porque amarrou este lenço? perguntou em seguida o joven.

—Por nada, respondeu ella com timidez.

—Sente dôr de cabeça?

—Nhôr-não.

—Pois então, tire-o: convém não chamar o sangue; solte pelo contrario os cabellos.

Pereira obedeceu e descobrio uma espessa cabelleira, negra como o amago da cabiuna e que em liberdade devia cahir até abaixo da cintura. Estava enrolada em bastas tranças que davam duas voltas inteiras ao redor da cabeça.

— E' preciso, continuou Cyrino, ter de dia o quarto arejado e pôr a cama na linha de nascente a poente.

— Amanhã hei de viral-a, disse o mineiro.

— Bom, por hoje então, ou melhor, agora mesmo, o suador. Fechem tudo e que a dona súe bem. A' meia noite, mais ou menos, eu virei dar a mézinha. Socegue o seu espirito e reze duas Ave-Marias para que a quina faça logo effeito.

— Nhôr-sim, balbuciou a enferma.

— Á luz não lhe dóe nos olhos? perguntou Cyrino, achegando-lhe um momento a vela ao rosto.

— Pouco.....

— Isto é bom signal. Creio que não ha de ser nada.

E levantando-se, saudou:

— Até logo, sinhá-moça.

Depois do que, convidou Pereira para sahir.

Este acenou para alguem que estava n'um canto do quarto e na sombra.

— O' Tico, disse elle, vem cá.

A esse chamado levantou-se um anão muito entanguido, mas perfeitamente proporcionado em todos os seus membros. Tinha o rosto sulcado de rugas como se fôra de velho, mas os olhinhos vivos e a negrejante guedelha mostravam que sua idade não era adiantada. Suas perninhas um pouco arqueadas terminavam em pés largos e chatos que sem grave perturbação na conformação poderiam pertencer a alguma ave palmipede.

Este ente singular trajava uma comprida blusa parda sobre calças que, por haverem pertencido a quem quer que fosse muito mais alto, formavam em baixo volumosa rodilha, apezar de estarem dobradas. A' cabeça trazia um chapéo de palha de *carandá* (1) sem cópa, de maneira que o cabello lhe apparecia todo arripiado e erguido em torcidas e emmaranhadas madeixas.

— Oh! exclamou Cyrino ao ver entrar no circulo de luz aquella estranha figura, isto devéras é um *tico* (2) de gente.

(1) Palmeira muito parecida com a carnauba, se não fôr a mesma.

(2) Pedaço.

— Não *anarchise* (1) o meu Antonio, replicou sorrindo-se Pereira. Elle é pequeno.... mas bom. Não é, meu *nanico* ?

O homunculo rio-se, ou melhor, fez uma careta mostrando dentinhos alvos e agudos, ao passo que deitava para Cyrino um olhar inquisidor e altivo.

— O Sr. vê, doutor, continuou Pereira, esta creatura ouve perfeitamente tudo quanto se lhe diz, comprehende tudo e não póde fallar.... isto é, sempre póde dizer uma palavra ou outra, mas com muito custo e quasi a estourar de raiva e de canceira. Quando elle mette-se a querer explicar alguma cousa, é um barulho dos seiscentos, onde apparece uma voz aqui, outra acolá mais christãsinha no meio da barafunda.

— E' que não lhe cortaram a lingua, objectou Cyrino.

— Não tinha nada que cortar, retorquiu Pereira. O defeito é de nascença e não póde ser remediado. Mas isto é um diabrete que corre este sertão de cabo a rabo, a todas as horas do dia e da noite. Não é verdade, Tico ?

O anão abanou a cabeça, olhando com bastante orgulho para Cyrino.

— Mas é filho aqui da casa ? perguntou este.

— Nhôr-não ; tem mãi na *beira* do rio Sucuriú daqui a 40 leguas, e envereda de lá para cá n'um instante, vindo a pousar pelas casas que todas o recebem com gosto, por que é bichinho que não

(1) Ridicularisar.

faz mal a ninguem. Elle fica aqui duas, tres e mais semanas e dispara depois como um *mateiro* (1) para a casa da mãi. E' uma especie de cachorrinho de *Nocencia*. Não é, Tico?

O mudo fez signal que sim e apontou com ar risonho para o lado da moça.

Pereira, depois de dar todas aquellas explicações que o anão parecia recolher com satisfação, disse, voltando-se para elle, ou melhor abaixando-se sobre sua cabeça:

— Você vá ao curral grande e apanhe *para mim* (2) uma *mãosada* (3) de folhas de larangeira da terra.... daquelle pé grande que encosta na *tronqueira*.

O homunculo mostrou com espressivo gesto que entendêra e sahio correndo.

Cyrino ia deixar o quarto, não sem ter olhado com demora para o lugar onde estava deitada a enferma, quando Pereira o chamou:

— O' doutor, *Nocencia* quer agua... Fará mal?

— Aqui não ha limões doces? indagou o moço.

— E' um nunca acabar... e dos melhores

— Pois então faça sua filha chupar uns gomos.

Pereira, depois de ter paternalmente arranjado e disposto os cobertores ao redor do corpo da menina, acompanhou Cyrino, que parado á porta de

(1) Veado do mato.

(2) Esse *para mim* é um accrescimo obrigatorio em certas locuções do sertão.

(3) Mão grande, porção boa.

sahida estava olhando para as primeiras estrellas da noite.

— Achou, doutor, perguntou o mineiro com voz um tanto tremula, algum perigo no que tem aquelle anjinho?

— Não, absolutamente não, respondeu Cyrino. O Sr. verá que daqui a dous dias sua filha não tem mais nada.

— Estas febres são umas malditas... Quando não derrubam um christão, o amofinam annos inteiros... Eu não quizera que minha filha ficasse esbranquiçada, nem feia.... As moças quando não são bonitas, é que estão doentes... Ah! agora ia me esquecendo... faltam os limões doces...

Pereira adiantou-se no terreiro e, pondo as mãos diante da boca, chamou com vóz forte:

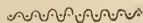
— O' Tico!

Um grito prolongado respondeu a certa distancia.

O mineiro pôz-se a assoviar com modulações á maneira dos indios.

Houve uns momentos de silencio; depois, veio correndo o anão e, chegando-se para perto, mostrou por signaes que não ouvira bem o recado.

— Uns limões doces, já!... *Nocencia* está com sêde....

O pequeno disparou como uma séta, sumindo-se logo na densa escuridão que já projectavam as arvores do pomar.

CAPITULO VII.

O NATURALISTA.

> Toda minha philosophia resume-se em oppôr a paciencia ás mil e uma contrariedades de que a vida está semeada.
>
> HOFFMANN— O reflexo perdido.

A noite corria serena e quasi luminosa.

Um sem numero de estrellas scintillavam com iriante brilho no puro campo do céo, atirando sobre a larga fita da estrada do sertão uma claridade mystica e suave.

Pelo caminhar dos astros havia de ser quasi meia-noite, e entretanto á essa hora morta, em que só vagueam á busca de pasto os animaes bravios do deserto, vinham a passo lento pelo caminho real dous homens, um a pé, outro montado n'uma besta magra e meio estafada.

O pedestre mostrava ser, como com effeito era, um camarada, e vinha com grossa e comprida vara na mão tocando por diante de si um orelhudo burro, sobre cujo lombo erguia-se elevada carga de canastras e malinhas, cobertas por um grande ligal.

O que estava montado cavalgava todo curvado sobre o sellim, com as pernas muito estiradas e abertas, e parecia entregue a profunda cogitação. Devia ser homem bastante alto e esguio e, como o observamos, apezar da hora avançada da noite, com olhos de romancista, diremos logo que tinha um rosto redondo, olhos gazeos, esbugalhados, nariz pequeno e arrebitado, e barbas, bigode e cabellos muito louros. Seu trajo era o commum em viagem: grandes botas, paletó folgado, e chapéo do Chile desabado. Trazia, entretanto, a tira-collo umas quatro ou cinco caixinhas de oculos ou quaesquer outros instrumentos especiaes e na mão segurava um páo fino e roliço preso a um saco de fina gaze côr de roza.

O camarada era homem de meia idade, de physionomia vulgar e balôrda e pelos modos e impaciencia com que fustigava o seu animal de carga indicava não estar affeito ao genero de vida que exercia.

A tropinha caminhava em silencio na ordem que designámos: o burro carregado na frente, logo atrás o inhabil recoveiro; em seguida, fechando a marcha, o viajante encarapitado na magra cavalgadura.

Houve um momento em que, depois de algumas pauladas de incitamento, o cargueiro pareceu querer protestar contra o tratamento que tão fóra de horas recebia e, fincando os pés na arêa, parou repentinamente.

A reluctancia, porém, provocou uma chuva de verdadeiras cacetadas que echoaram longe e confundiram-se com os brados do camarada.

— Burro do diabo! berrava elle. Mil raios te partam, bicho damnado! Arrebenta de uma vez!...

Durante uns bons minutos o cavalleiro que fizéra parar o seu animal, esperou pacientemente por um resultado qualquer, ou que a azemola renitente se désse por convencida e avançasse ou que então estourasse.

— *Júque*, disse elle afinal com accento fortemente guttural que denunciava origem teutonica, se porretada cahe assim no seu lombo, *vóce* gosta?

O homem a que haviam dado o nome de Juca, modificação familiar do de José, voltou-se com arrebatamento:

— Ora, *Mochú*, isto é um bicho sem vergonha que deve morrer debaixo do páo. Esta vida não me serve....

— Mas, *Júque*, replicou o allemão com inalteravel calma, quem sabe se a carga não está ferindo a pobre creatura?

— Qual! bradou o camarada, isto é manha só. Eu conheço este safado, e, levantando o varapáo, descarregou uma tal paulada no trazeiro do animal que fêl-o suspirar de dôr.

— *Júque*, observou o outro com tom monotono, quem sabe se na frente ha páo cahido ou pedra que não deixa elle ir para diante?

— Pedra, *Mochú*, e páo na cabeça até rachal-a precisa este ladrão.....

— Vê *Júque*, insistiu o allemão.

— Ora, *Mochú*....

— Vê, sempre...

O camarada sahiu resmungando de detrás do seu burrego e deu a volta.

Na frente deparou logo com o ramo quebrado que Pereira deixára cahir para desviar da estrada os acompanhadores de Cyrino.

— Uê ! exclamou elle com muita sorpreza, aqui esteve alguem e pôz este signal para que não se passasse....

— Eu não disse a *vóce*, replicou o cavalleiro com voz até certo ponto triumphante. Asno tem razão : para diante ha alguma cousa.

— Mas na villa, contestou José, não disseram que o caminho vai sempre direitinho sem *atrapalhação* nenhuma ?...

— Na villa disseram isto, confirmou o outro.

— E então ?

— E então ? repetiu o allemão.

Houve uns segundos de silencio.

Depois o cavalleiro acrescentou com a mesma imperturbavel serenidade e como que achando uma explicação muitissimo natural.

— Na villa muita gente não sabe caminho. E'....

— Mil milhões de diabos, interrompeu o camarada, levem o gosto de andar por estes matos do inferno a horas tão perdidas! Eu bem disse a *Mochú* : ninguem viaja assim. Isto é uma calamidade....

— *Júque,* atalhou por seu turno o patrão, o que é que adianta estar a berrar como um damnado ?.... Olha, antes, se por ahi *vóce* não vê algum caminho do lado.

O outro obedeceu e sem difficuldade achou a entrada da picada que levava á morada de Pereira.

— Está aqui, *Mochú*, está aqui! annunciou elle com alegria. E' um trilho que corta a estrada e vai dar em alguma casa pertinho.....

Mudando repentinamente de tom, observou com voz tristonha:

— Com tanto que até lá não haja alguma legua de beiço....

— Ah! eu não lhe disse, respondeu o allemão. Agora toque burro devagarinho: elle anda que nem vento.

O animal pareceu comprehender o alcance moral da victoria que acabára de colher e prestes pôz-se a caminho pela vereda com novo alento e até notavel celeridade.

A razão é que tambem dahi a pouco sorvia elle, teimoso e marralheiro bicho como sóem ser os de sua especie, a bella agua do ribeirão, em que se haviam refrescado as cavalgaduras de Cyrino e de Pereira.

CAPITULO VIII.

OS HOSPEDES DA MEIA NOITE.

Sei, sim, sei que é meia noite!

XAVIER DE MAISTRE— Viagem ao redor de meu quarto.

Não tardou muito que os dous nocturnos viajantes começassem a ouvir os furiosos latidos dos cães que no terreiro de Pereira annunciavam approximação de gente á casa entregue á sua vigilancia.

— Está perto algum rancho, *Mochú*, avisou o camarada ; emfim havemos de descansar hoje.... Mas que gritaria faz a cachorrada !... Elles são capazes de nos engulir, até que alguem venha saber quem somos... Safa ! Que barulho !.... O' *Mochú*, o Sr. deve ir na frente.... rompendo a marcha....

— *Vóce*, respondeu o allemão, bata nelles com cacete...

— Nada, retrucou José com energia, isso não é do ajuste... Quem está montado, caminhe adiante.. Ainda por cima essa !...

Depois de resmungar algum tempo elle exclamou :

— Ah! espere: já me lembrei de uma cousa... O filho do velho é mitrado...

E, dizendo estas palavras, de um só pulo montou na anca do cargueiro, que, ao sentir aquelle inesperado accrescimo de peso, parou por instantes e com surdo gemido procurou lavrar um protesto.

— *Júque*, observou o allemão sem a menor alteração na voz, assim burro quebra cadeira. Depois morre.... e *vóce* tem de levar as cargas delle nas costas....

O camarada quiz encetar uma discussão, mas nesse tempo chegaram elles ao terreiro, onde o ataque furioso dos cães justificou a medida preventiva de José, o qual pôz-se, todo encolhido atraz das cargas, a gritar como um possesso:

— Oh! de casa! Eh! lá, gente! O' amigos!

A gritaria da cachorrada augmentou por tal modo, que os tropeiros de Cyrino, parados no rancho proximo, acordaram e bradaram juntos:

— Que diabo é isso? Temos matinada de lobis-homens?

Nesse momento abrio-se a porta da casa e appareceu Cyrino na frente de Pereira, que com a mão direita aberta amparava uma vela da brisa nocturna.

— Quem vem lá? clamaram os dous a um tempo.

— Camarada e viajante, respondeu com voz forte e sympathica o allemão achegando-se á luz e tratando de descer da cavalgadura. O Sr. é dono desta casa?

— Está aqui elle, respondeu Pereira levantando

a vela acima da cabeça para dar mais claridade em torno de si.

— Muito bem, replicou o recem-chegado. Eu desejo um agazalho para mim e para meu criado e peço desculpas por chegar tão tarde.

O José aproximára-se tambem, cuidando logo de pôr em terra a carga do burrinho, ao qual segurára pelo cabresto.

— Mas, observou Cyrino, que faz o Sr. por estas horas a viajar?...

— Deixe o homem entrar, atalhou Pereira, elle se accommodará com o que achar.... Pois meu senhor, *desapeie*. Bemvindo seja quem procura o tecto que é meu.

— Obrigado, obrigado, exclamou com effusão o estrangeiro e, apresentando a sua larga mão, apertou com tal força as de Cyrino e de Pereira que os dedos lhes estalaram.

Em seguida penetrou na sala e tratou logo de descarregar os objectos que trazia a tira-collo e que por elle foram methodicamente arranjados em cima da mesa, no meio dos olhares de espanto que trocavam os que o rodeavam.

Na verdade digna de reparo era aquella figura á luz da bruxoleante vela de sebo; compridas pernas, corpo pequeno, braços muito longos e cabellos quasi brancos, de tão louros que eram.

— Será algum bruxo? perguntou á meia voz Cyrino a Pereira.

— Qual! respondeu este com sinceridade, um homem tão bonito, tão *bem limpo* (1)!

(1) Bem vestido.

José entrára com uma canastra no hombro e, depositando-a no canto menos escuro do quarto, julgou dever sem mais demora declinar a qualidade e importancia da pessoa que lhe servia de amo.

— Este Sr., disse elle apontando para o allemão e dirigindo-se a Cyrino, é doutor....

— Doutor?! exclamou este com despeito.

— Sim, mas não cura doenças. E' *allamão*, lá da *estranja*, e vem desde a cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro caçando *anicetos* e picando *barboletas*....

— *Barboletas?* interrompeu com admiração Pereira.

— Isso mesmo! Por todo o caminho vem apanhando bichinhos. Olhem .... aquelle saco que elle traz....

— O meu camarada, avisou com toda a tranquillidade e pausa o naturalista, é muito fallador. Os senhores tenham paciencia.... Anda, *Júque*, deixe de tagarelar!...

— Não, protestou Pereira levado de curiosidade, é bom saber com quem se lida.... Então o Sr. vem matando *anicetos?*... Mas para o que, Virgem Santissima?

— Para que? retrucou o camarada descansando as mãos na cintura. O patrão e eu já temos mandado mais de dez caixões todos cheiinhos lá para as terras delle....

— Depois o paiz fica sem borboletas, resmoneou Cyrino n'um assomo de despeitado patriotismo.

— Como é que o Sr. se chama? perguntou Pereira dirigindo-se ao allemão que estava virado para a parede a contemplar uma grande e sombria borboleta, da especie dos esphynges.

— *Júque*, disse elle sem se importar com a interrogação e acenando para o camarada, depressa me dá um alfinete, dos grandes.

— Temos historias, avisou José fazendo um signal expressivo a Cyrino, o Sr. vai ver....

O naturalista de posse de um comprido aculeo, fincou-o com mão segura e adestrada bem no meio do insecto, que pôz-se a bater convulsamente as azas e a gyrar em torno do centro a que estava preso.

— A pita! A pita! reclamou o patrão. Vamos, *Júque*.

José satisfez o pedido, depois de abrir uma malinha, onde estavam já enfileirados e espetados vinte ou trinta bonitos bichinhos.

— E' uma *saturnia* não commum, murmurou o allemão fisgando n'um pedaço de piteira o novo specimen, sobre o qual derramou umas gotas de chloroformio, cujo vidrinho trazia n'um dos muitos bolsos da sobrecasaca.

— O Sr. é viajante zoologista, não é? perguntou Cyrino depois que viu terminada a operação.

O interrogado levantou a cabeça com sorpreza e respondeu todo risonho:

— Sim, senhor; sim, senhor. Como é que o Sr. soube? Viajante naturalista, sim, senhor. Eu vejo que o Sr. é muito instruido.... Muito bem, muito bem!

— Ah! este tambem é doutor, disse Pereira com certo orgulho de hospedar em sua casa um sabichão de tal quilate.

— Oh! doutor? doutor?! Muito bem, muito bem. Doutor que *curra?*

— Sim, senhor, respondeu com gravidade o proprio Cyrino.

— Ah!... ah! muito bem.

Pereira, porém, voltára á carga.

— Mas como é que o Sr. se chama?

— Meyer, respondeu o allemão, para o servir.

— Maia? (1) perguntou o mineiro.

— Não, senhor; Meyer: sou da Saxonia, na Allemanha.

— Isto deve ser o mesmo que Maia na terra delle, observou Pereira abaixando a voz.

O camarada José, no entretanto, puzera para dentro todas as malas e canastras e sem ceremonia alguma intrometteu-se na conversa.

— Este *Mochú*, disse, vem de muito longe só para estas historias de *barboletas*, e ganha *côco* grosso com o negocio, eu....

— *Júque*, atalhou Meyer com fleuma, vai *botar* os animaes no pasto.

— Não, disse Pereira, solte-os no terreiro até raiar o dia; elles roerão o que acharem; ha por ahi muito resto de milho nos sabugos....

(1) O diphtongo ei, pronunciando-se em allemão ai, muito natural é a pergunta de Pereira e as confusões que faz amiudadas vezes sobre esse nome.

— Pois é o que fiz, declarou o camarada. Eu sou carióca do Rio de Janeiro, me chamo José Pinho e venho com este *allamão*, que é um homem muito bom.

— E' verdade? indagou Pereira olhando para Meyer.

Este esbugalhou mais os olhos e confirmou tudo com um sim guttural que échoou em toda a sala.

— Elle que tem, continuou José, é que é muito teimoso. Eu lhe digo sempre: *Mochú*, isto de viajar de noite é uma tolice e uma canceira a tôa.... Qual! elle diz que assim é melhor. Tambem a gente anda como se fosse alma do outro mundo.... Cruz!

— Pois, Sr. *Maia*, disse Pereira, tome conta desta sala, que é como se fosse sua.... Se quizer uma rede....

— Muito obrigado, muito obrigado!... minha cama é canastra. Não se incommode....

— Amanhã então nós conversaremos, concluio Pereira esfregando as mãos de contente.

Na verdade a companhia promettia-lhe boas occasiões de dar largas á volubilidade, sobretudo com o tal José Pinho, filho da côrte do Rio de Janeiro e, pelo que parecia, conversador de primeira força.

— Assim, pois, disse Pereira, durmam bem o resto da noite.

E abrio a porta para retirar-se.

— Ui! exclamou elle olhando para o céo. Doutor, já passou muito de meia noite.... Com a bréca, o cruzeiro está virado de uma vez....

Cyrino, que tornára a se accommodar na marqueza, calçou com presteza as botas e tomou uns papeisinhos que de ante-mão preparára e puzera n'um canto da mesa.

— Não faz mal, disse, já estou com tudo prompto e havemos de dar o remedio em tempo. Vá o Sr. deitar uma pouca de café n'um pires e acorde sua filha, caso esteja dormindo, como é muito natural depois do suador.

Pereira sahio então, levando a vela e, acompanhado de Cyrino, deu a volta ao redor da casa para buscar a porta que levava aos aposentos do interior.

O allemão e seu criado ficaram em completa escuridão, ambos porém, já deitados, um emcima das canastras, tendo por travesseiro uma maleta, o outro sobre o ligal aberto e estendido no meio do quarto.

— O' *Mochú*, perguntou José que remoia alguma cousa, está já ferrado?

— Ferrado? replicou Meyer levantando a cabeça. Que é isso agora?

— Pergunto se já pegou no somno.

— Pois, *Júque*, se eu fallo, como é que posso estar dormindo?

— Então não quer petiscar?

— Comer, não é?

— Está visto.

— Oh! se tivesse!... Justamente pensava agora nisso...

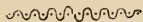
— Pois eu estou *manducando*.... Quer um pouco?

— Que é que *vóce* me dá?

— Rapadura com farinha de milho.... Está gostoso, devéras!

— Então, *Júque*, me passe um bocado.

O offertante levantou-se com boa vontade e ás apalpadellas pôz-se a procurar a cama do patrão, o que só conseguio depois de ter esbarrado na mesa e n'umas cangalhas velhas que estavam atiradas a um lado da sala.

Afinal agarrou n'um dos pés do naturalista, a quem entregou um canto de rapadura e um resto de farinha embrulhada em papel, pitança mais que sobria que foi devorada com satisfação pelo bom do Saxonio.

CAPITULO IX.

O REMEDIO.

> Não tendes que haver-vos com doente muito grave, e eis o serviço que de vós espero....
>
> HOFFMANN —A porta entaipada.

> Quem me poderá dizer porque meu leito me parece tão duro?... Porque passei esta noite, que se me figurou tão longa, sem gozar um momento de somno?.. Eis a verdade: em meu seio penetraram as agudas settas do amor.
>
> OVIDIO — Elegia II.

Quando Cyrino entrou no quarto de Innocencia, ella já estava acordada. O pai sentára-se á cabeceira da cama, a cujos pés Tico, o anão, acocorára-se sobre uma grande pelle de onça.

— Então, perguntou o medico tomando o pulso á doente, como se sente?

— Melhor, respondeu ella.

— Suou bastante?

— Ensopei tres camisas.

— Muito bem.... Agora a dona está fresquinha que mette gosto. Isto de sezões, não é nada, quando

se acode em tempo e que o sangue não tem máos humores. Mas quando tomam conta do corpo, nem o demo póde com ellas. Que dê o café? pedio elle em seguida a Pereira.

— Já vem já... Homem, eu vou buscal-o lá na cozinha. A Maria Conga está virando uma verdadeira preguiça. Venha para aqui e me espere um *nadinha.*

Levantando-se então da cadeira, indicou-a a Cyrino, a quem fez sentar antes de sahir do quarto.

Ficou, pois, o joven ao lado da moça e, como sobre seu rosto batesse de chapa a luz collocada n'uma prateleira da parede, pôz-se a contemplal-a com enleio e vagar, ao passo que de seu lado o anão lhe deitava olhares inquietos e algo sombrios.

Innocencia pousára a cabeça no travesseiro e para occultar a perturbação em vêr-se tão de perto observada, fingia dormir. Pelo menos tinha as grandes palpebras cerradas, mas o peito arfava-lhe apressado e de vez em quando fugace rubôr tingia suas faces descoradas.

Pereira tardava, e Cyrino, com os olhos fixos, a physionomia meditativa e um pouco de pallidez denunciadora de intima commoção, não se fartava de admirar a belleza de sua nova cliente.

Uma vez ella entre-abrio os cilios e a medo atirou um olhar que cruzou-se com o do mancebo. olhar rapido, instantaneo, mas que repercutio-lhe direito ao coração e fez-lhe estremecer o mimoso corpinho.

Sem saber pelo que, os queixos lhe bateram e um arripio de frio circulou-lhe pelas veias.

— Está com febre? perguntou Cyrino muito baixinho.

— Não sei, respondeu ella.

— Deixe-me vêr o pulso.

E, tomando-lhe a mão, apertou-a com ardor entre as suas e reteve-a, apezar dos ligeiros esforços que para retrahil-a empregou ella por vezes.

Nisso entrou Pereira. Innocencia fechou com força os olhos, e Cyrino voltou-se rapidamente, levando um dedo aos labios para pedir silencio.

— Está dormindo, avisou com voz sumida.

— Ora, disse Pereira no mesmo tom, a tal Maria Conga deixou entornar a cafeteira, de *maneiras* que precisei fazer outra porção. Demorei muito?

— Não, respondeu Cyrino com toda a sinceridade.

— Mas, agora, observou Pereira, é mister acordar a pequerrucha.

— Não ha outro remedio.

O pai chegou-se á cama e com todo o carinho chamou: *Nocencia! Nocencia!*

Como ella não despertasse logo, sacudio-a com brandura até vêr-lhe abrir uns olhos espantados.

— Apre! Que somno! disse o bondoso velho. N'um instante que fui alli?!... Vamos, é hora de tomar a mézinha.

Cyrino deitára sulfato de quinina no café e diluia-o cuidadosamente.

— Olhe, dona, aconselhou elle, beba de um só góle e depois chupe uns gomos de limão doce.

— Então é muito máo? choramingou a doente.

— E' amargo; mas n'um instante mecê toma isto.

— Papai, recalcitrou a moça, eu não quero... eu não quero.

— Ora, filhinha de meu coração, não se *canhe* (1); é preciso.... Você amanhã ha de sentir-se boa; não é, doutor?

— Com certeza se tomar esta porção, confirmou Cyrino.

— Depois, quando eu *ir* lá á villa, hei de trazer para você uma cousa bem bonita.... uns *lavrados*. (2) Ouvio?

— Nhôr-sim.

— Anda, Tico, acrescentou o mineiro voltando-se para o anão, vai depressa buscar limão doce: na cozinha ha um já *cascado* (3).

— Tome, dona, implorou por seu turno Cyrino approximando o pires da boca da mimosa medicanda.

Esta levantou uns olhos supplices e, agarrando resolutamente o remedio, de um só trago bebeu-o todo.

Depois, deu um suspiro de enjôo e ficou com os labios entreabertos, á espera que o adocicado sumo do limão lhe tirasse o amargor do medicamento.

(1) Acanhar-se, amofinar-se.

(2) Contas de ouro.

(3) Em toda a provincia diz-se cascar em lugar de descascar Estendem até o termo á operação da esfolação de rezes.

— Então, exclamou Pereira, o meio era maior do que a cousa! Você tomou a dóse n'uma *relancina*.

— Amanhã de manhã, ou melhor, hoje de madrugadinha temos que engulir outra porção, declarou Cyrino. Depois a dona poderá levantar-se.

— Ainda outra?! protestou Innocencia com gesto de amúo.

— Nhã-sim; é de toda a *precisão*, replicou o amoroso medico modificando com terna inflexão de voz a dureza da prescripção.

— De certo, corroborou tambem Pereira.

— Depois mecê não ha de comer carne fresca por um mez inteiro; nem leite, nem hervas, ovos ou farinha de milho. Só ha de sustentar-se de carne de sol bem secca com arroz quasi sem sal e por cima tomará café com muito pouco *doce* (1).

— Este *rejume* (2) ha de ser seguido com todo o cuidado, asseverou Pereira.

— Agora durma bem e não se assuste se lhe apparecer zoeira nos ouvidos e até sentir-se mouca. Isto é da mézinha; muito pelo contrario, é bom signal.

— Estes doutores sabem tudo, murmurou Pereira persignando-se ligeiramente.

Cyrino antes de retirar-se não se descuidou de tomar novamente o pulso e, á conta de procurar a

(1) Assucar.

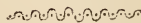
(2) Estas prescripções são seguidas religiosamente no sertão.

arteria, assentou toda a mão no punho da donzella, envolvendo-lhe o braço e apertando-o docemente.

Mal comtudo sahio-se de tudo isso, porque, se tratava da cura de alguem, para si arranjava enfermidade.

Com effeito de volta ao quarto dos hospedes, não pôde mais conciliar o somno e vio a aurora raiar, sem que houvesse conseguido fruir um só momento de descanso. Parecia-lhe que o peito ardia em chammas que lhe subiam ás faces e lhe abrazavam a mente.

Aquelle rosto que contemplára tão a sós; aquelles olhos, cujo brilho a furto percebêra, aquelle collo alabastrino que a medo se descobrira, aquellas fórmas vagas de um corpo esbelto, todo aquelle conjuncto harmonico que vira á luz de indecisa vela, o lançavam fatalmente nesse pelago semeado de tormentas que se chama uma paixão!

Precalços de tão temivel mal já ia elle sentindo, pois revolvia-se com inquietação (facto virgem!) em seu leito, ao passo que a respiração ruidosa do companheiro de quarto, o allemão Meyer, casava-se com o sonóro resonar do gárrulo José Pinho.

CAPITULO X.

A CARTA DE RECOMMENDAÇÃO.

> Aquelle bom velho, cuja benevola hospitalidade não tinha limites, julgára de dever tratar do melhor modo possivel a Waverley, fosse elle o ultimo camponez saxonio.... Mas o titulo de amigo de Fergus fel-o considerar como deposito precioso, que merecia toda a sua solicitude e a mais attenta obsequiosidade.
>
> WALTER-SCOTT.—Waverley.

Quando Meyer abrio os olhos, achou Cyrino já de pé arranjando uma canastrinha.

— Oh! exclamou elle com tom de louvor, o Sr. madruga muito.

— E' verdade, replicou algum tanto melancolico o outro.

— E *Júque* ainda dorme!... E' um homem, este *Júque*, que mais parece um tatú do que um homem.... Todo o dia eu estou acordando elle...

E juntando a pratica ao dito, foi o pachorrento amo sacudir o criado que, depois de espreguiçar-se ruidosamente, sentou-se no couro em que se deitára, e pôz-se a esfregar os olhos papudos, e somnolentos.

— Deus esteja com vosmecês, disse elle entre dous bocejos. Ora, *Mochú*, o Sr. me cortou o melhor do somno. Eu estava sonhando que voltára para o Rio de Janeiro e acompanhava uma musica no largo do Rocio. Conhece o largo do Rocio? perguntou elle a Cyrino.

— Não, respondeu-lhe este.

— Chi! Que largo! Hem, *Mochú?*...

E novo bocejo impedio-lhe a descripção da louvada praça.

— *Júque*, exclamou Meyer coçando a barba com ar alegre, o dia hoje está claro e bonito. Nós apanhamos pelo menos vinte borboletas novas.

— E quanto *Mochú* me dá, se eu agarro 25?

— Vinte e cinco? repetio o allemão com tom de duvida.

— Sim, vinte e cinco.... e até mais, vinte e seis. Diga, quanto me dá?

— Oh! eu dou a *vóce* dous mil réis.

— Está dito, fecho o negocio. Eu sou assim, pão, pão, queijo, queijo, tão certo como me chamo José Pinho, seu criado, carioca de nascimento e baptizado na freguezia da Lagôa, lá para as bandas do *Brocó*, e....

— Agora, interrompeu Meyer, vai buscar agua para lavar a cara, e tira sabão e pente da canastra.

— Olhe, Sr. doutor, continuou o camarada sentado sempre e voltando-se para Cyrino, esta minha vida é levada dos seiscentos diabos. Nós sahimos do Rio já ha mais de dous annos. Não é, *Mochú*?

— Vinte e dous mezes, rectificou Meyer.

— Pois bem, desde este tempo estamos a viajar, como se fosse cousa de penitencia. E não é só isto, não, senhor. Todos os dias ando pelo menos nove leguas, correndo, aqui, acolá, dando voltas, cahindo, atrás dos bichos voadores....

— *Júque*! tentou atalhar Meyer, olhe...

— Pois é como lhe digo, proseguio José Pinho. Eu hoje tenho uma raiva daquellas porcarias.... Nem sei para que Nosso Senhor foi crear essa sucia de creaturas sem prestimo....Emfim Elle é quem sabe... Quanto a mim, se pudesse, atacava fogo em todas as lagartas, porque da lagarta é que sahem esses *anicetos*, que estão enchendo mundos... Mas, olhe, Sr. doutor, lá na terra deste homem....coitado, elle é muito bom e me estima muito....esses bichos valem que nem ouro em pó...Tambem se o *Mochú* não gostasse de mim, *havéra* de ser muito ingrato.... Outro como eu elle não encontra, não, senhor.... Que tenha tanta paciencia....não ha dous...

No meio desse fluxo de palavras, Meyer fôra em pessoa procurar na canastra o pente e o sabão.

Mostrando os objectos ao fallador, ordenou com energia:

— Cala a boca, *Júque*, cala a boca, tagarella! Vai buscar agua já; senão.... eu não te levo no mato hoje.

José Pinho obedeceu meio resmungando e, tomando uma grande bacia de folha de flandres que vinha amarrada á argola de uma canastra, sahio a cumprir a ordem.

— Este camarada, disse Meyer explicando o seu

procedimento, é uma pessoa muito boa.... fiel e intelligente. Mas falla muito. E'-me precioso, porque apanha borboletas com muito talento!...

O elogiado vinha nessa occasião entrando e ouvio o final dos encomios que lhe dirigiam. Foi, pois, com ar de grave importancia que depôz no chão a bacia, diante da qual collocou-se logo Meyer, ou melhor acocorou-se, depois de ter tirado os oculos do nariz.

As pernas do allemão eram tão compridas em relação ao tronco, que a cabeça inclinada por sobre a agua lhe ficava na altura dos joelhos.

A ablução levou uns bons minutos e foi com os cabellos grudados ao casco e escorrecendo agua que elle levantou-se, justamente quando entrava Pereira.

Nesse momento o typo daquelle homem assumira proporções do mais sublime grotesco; entretanto tão varia é a apreciação de cada um, tão caprichoso o julgamento dos sentidos, que o mineiro, chegando-se para Cyrino, disse-lhe baixinho:

— Vosmecê já reparou, amigo, como este *estranja* é uma figura bonita? Tão *arvo* e que olhos tem!... As mulheres hão de perder a cachóla por causa deste bicharrão... Então, Sr. *Maia*, continuou elle interpellando em voz alta o seu specimen de belleza masculina, que tal passou aqui a noite?

— Oh! Sr. Pereira!... Desculpe se não o vi... Estava sem oculos...Já lhe respondo...espere um bocadinho.

E ainda todo molhado, correu a tomar os oculos, que assentou em cima dos salientes olhos.

— Agora, muito bem.... Dormi, meu bom amigo, como quem não tem peccados....

— Então, observou Cyrino quasi máo grado seu, tenho-os eu, porque de meia noite para cá não pude prégar o olho...

— Isto é volta de algum namoro, replicou Pereira, rindo-se e batendo-lhe com força no hombro.

Cyrino estremeceu.

— Sim, vosmecê é moço... deixou lá por Minas algum *rabicho*, e de vez em quando o coração lhe comixa... Está na idade....

— Póde muito bem ser, apoiou Meyer com toda a gravidade.

— Não é? insistiu Pereira. Ora, confesse... não lhe fica mal... Isto é volta de namoro...

— Juro-lhe, balbuciou Cyrino.

— Oh! se é, confirmou José Pinho, que julgou dever metter o bedelho na conversa, eu no Rio de Janeiro....

O allemão voltou-se para elle com calma, e, interrompendo-o:

— *Júque*, disse, vai ver burrinhos onde estão e não bote sua colher, quando gente branca está fallando com seu patrão.

Como o camarada quizesse retorquir:

— Ande, ande, verberou elle sempre sereno, discussão nunca serve para nada.

José deu uma meia duzia de muchôchos abafados e sahio resmoneando entre dentes.

Meyer suppôz dever novamente desculpal-o.

— Bom homem, disse, bom homem... porém falla muito.

— Mas me conte agora, perguntou Pereira com ar de quem queria certificar-se de cousa posta muito em duvida, devéras o Sr. anda *palmeando* estes sertões para fisgar *anicetos* ?

— Pois não, respondeu Meyer com algum enthusiasmo, na minha terra vale muito dinheiro para se estudar e se pôr nos muséos e nas collecções. Eu estou viajando por conta de meu governo e já mandei muitas caixas todas cheias...E' muito precioso !...

— Ora, vejam só, exclamou Pereira. Quem *havéra* de dizer que até com isto se póde *bichar* ? Cruz ! Um homem destes, um doutor, andar correndo atrás de caga-lumes e bichos do mato, como menino atrás das cigarras ! Muito se aprende neste mundo ! Olhe, senhor, se eu não tivesse familia, era capaz de ir com vosmecê por estes mundos *afóra*, porque sempre gostei de lidar com pessoas de qualidade.... Eu sou assim.... Quem me conhece, bem sabe....

— Como vai a doente ? perguntou distrahidamente Cyrino cortando aquella catadupa de palavras.

— Ora, estou muito contente. Ella tomou nova dóse, e parece quasi boa. Já tem outra feição. O senhor fez milagre....

— Abaixo de Deus, da Virgem purissima e dos Santos lá do céo, corrigio Cyrino com toda a modestia.

— O Sr. não cura? perguntou Pereira a Meyer.

— *Nô* senhor. Sou doutor em philosophia pela universidade de Carlsruhe, onde....

— Isto é nome de bicho? atalhou o mineiro.

— *Nô* senhor. E' uma cidade.

— Ninguem diria.... Pois, Sr. *Maia*, continuou Pereira apontando para Cyrino, alli está um com quem as molestias não brincam.

— Ah! rouquejou o allemão abrindo ainda mais os olhos. Estimo muito conhecel-o como notabilidade.... Nestes lugares aqui é muito raro....

— Se é, exclamou Pereira. Felizmente elle passou justamente para me pôr de pé a menina.... uma filha minha.... e....

Cyrino não pôde furtar-se a um movimento de infatuação. Com ar grave atalhou:

— Não falle nisso, Sr. Pereira, o caso era simples. Febre das enchentes.... não vale nada. Vi logo o que era preciso fazer: um simples suador e duas ou tres dóses de sulfato de quinina.... ficou tudo acabado.... E' simplicissimo.... O estomago não estava sujo.... e não havia necessidade de vomitorio....

Meyer ouvira essas indicações therapeuticas com os olhos muito fitos em quem as dava: depois, voltando-se para Pereira, disse com um aceno expressivo de cabeça:

— *Pom* medico! *pom* medico!

Desse momento em diante Cyrino votou ao allemão a mais decidida sympathia, e Pereira, presenciando o congraçamento daquelles dous homens,

qne elle cria de si para si dous grandes sabios, sentio-se feliz por abrigal-os a um tempo em sua humilde casa.

— Então, disse o mineiro recomeçando a tocar na questão das borboletas, com que seu governo o paga bem ; não, Sr. *Maia?*

— Sufficientemente.... e todas as autoridades me ajudam muito. Tenho muitos papeis.... cartas de empenho.... Olhe, quer ver? *Júque*, *Júque!* chamou Meyer sem reparar que o criado ha muito sahira do quarto, vem... E' verdade, elle foi levar os burrinhos á agua.... Não faz mal.... Eu lhe mostro já....

E, procurando entre as cargas uma malinha coberta de panno impermeavel, abrio-a e tirou um masso de cartas cuidadosamente numeradas e amarradas com fitas de diversas côres.

— Isto é para Miranda, em Mato Grosso, annunciou elle fazendo o inventario dos pacotes. Isto é para Cuyabá.... isto para Diamantino.... isto são cartas, cujos donos eu não encontrei, e que hão de voltar para as pessoas que as escreveram.

— E são muitas? perguntou Pereira.

— Tres ou quatro: uma é para o Sr. João Manoel Quaresma, em Oliveira; outra para o Sr. Quintana no Pitanguy: esta para o Sr. Martinho dos Santos *Perreira*, em Piumhy....

— Que é? perguntou o mineiro muito admirado. Leia outra vez.... leia....

Meyer obedeceu.

— Mas este nome é o meu! exclamou Pereira. Esta carta é para mim....

— Hu, hu! gaguejou o allemão boqui-aberto. E' muito curioso isto!

— Sou eu, sou eu! continuou o mineiro. Está claro.... Quando me escreveram, pensavam que eu ainda morava no Piumhy. Nunca disse a ninguem em que socavão vim me metter.... Abra a carta sem susto.... Oh! Senhora Sant'Anna, que dia hoje! Quem diria! Uma carta! Póde ler, Sr. *Maia*.... Estou n'uma fogueira para saber quem me escreve.... Martinho dos Santos Pereira, de Piumhy.... sou eu! Que duvida: não ha dous. Veja só o nome.... o nome de quem me manda a carta....

O allemão rompeu com alguma duvida e escrupulo o sello, e, correndo com os olhos, procurou a assignatura que leu pausadamente: Francisco dos Santos Pereira.

— Gentes! exclamou o mineiro no auge da alegria. E' meu irmão.... era o Chiquinho, e eu que o fazia morto. Nosso Senhor o conserve por muitos annos!.. O Chiquinho!... Já se vio cousa *ansim!*... Como se anda neste mundo; hem, Sr. Cyrino? Quem *havéra* de dizer que este homem, que chegou hontem com noite fechada, havia de trazer na canastra uma carta de meu irmão, que eu não vejo ha mais de quarenta annos!... Ora essa!... São voltas do mundo.... As pedras se encontram.... Foi em 1819.... não em 20.... Mas.... me leia a carta.... vamos ver o que me diz o Chiquinho.... Coitado!... deve estar bem velhinho.... Da familia era quem tinha mais

juizo.... tambem era o mais velho.... O Roberto era o caçula.... O Sr. seja bem vindo nesta casa.... Quem me traz noticias de minha familia....

Meyer interrompeu aquelle movimento de effusão que promettia dever ir longe, começando a ler com todo o vagar ou melhor soletrando a carta, cujos garranchos, que não letras, por vezes vio-se obrigado a encostar aos olhos para decifrar..

« Martinho, dizia a carta, dirijo-lhe estas mal traçadas linhas só para saber de sua saude e lhe dizer que o portador desta é um senhor de muita leitura e que vai para os sertões *brutos* (1), viajando e estudando os paizes. Elle me veio do Rio de Janeiro muito recommendado. Peço que o agazalhe não como um *transuente* qualquer, mas como se fosse eu em pessoa, seu irmão mais velho e chefe da nossa familia.... »

— Pobre mano, exclamou Pereira meio choroso.

« E' homem, continuou Meyer, de bastante criação. Adeus, Martinho. Eu estou estabelecido na Mata do Rio n'uma fazendola. Tenho cinco filhos, tres machos e duas *familias* (2), estas casadas, e que me deram netos, já faz bastante tempo. Não estou muito quebrado de forças. Ha mais de oito annos que não tenho noticias suas. Soube que o Roberto tinha morrido no *Paranan*.... »

— Roberto?!... Coitado, atalhou Pereira com voz angustiosa.

(1) Não habitados.
(2) Filhas.

E repentinamente a memoria representando-lhe os tempos da infancia, os seus olhos se arrasaram de lagrimas.

« Sem mais aquella, concluio Meyer, adeus. Seja feliz, e adeus. Seu irmão, Francisco dos Santos Pereira. »

— Devéras, afiançou Pereira adiantando-se para o allemão e apresentando-lhe a mão aberta, o Sr. deu-me um fartão de alegria. Toque nesta mão, e quando ella se levantar para bolir em um cabello de sua cabeça ou de alguem de sua familia, qualquer que seja o aggravo que me faça, seja ella cortada logo por Deus, que está nos ouvindo.

— Obrigado, Sr. Pereira, respondeu com animação o outro retribuindo o aperto da mão e corroborando-o com um concerto de garganta.

— Sim, senhor, continuou o mineiro. Esta carta vale para mim mais do que uma letra do Imperador que governa o Brasil. E' o que lhe digo, Sr. *Maia*....

— Meyer, corrigio o allemão apoiando com força na ultima syllaba, Meyer.

— Ah! é verdade. E' preciso traduzir: Meyer, Meyer. Agora já peguei a cousa. Mas como lhe ia dizendo: esta casa é sua. Meu irmão, meu irmão mais velho me disse que o recebesse como se fosse elle, o Chico, acabou-se. O Sr. é como se fosse da familia. Não tem que ver, é o que elle quer. Eu entendi logo. O mais é ser muito bronco, e, com o favor de Deus, não me tenho nesta conta. O Sr. ponha e disponha de mim, de minha tulha, de minhas terras, meus escravos, gado e tudo o mais.

Parta e reparta.... Quem está fallando aqui, não é mais dono de cousa nenhuma.... é o Sr.... Meu irmão me escreveu, é escusado pensar que eu não respeito as ordens de meus superiores e parentes. E' como se eu recebesse uma ordem do punho do Imperador, filho de Pedro I, que *pinchou* os *emboabas* (1) para fóra e levantou este Imperio no campo do Ipyranga, lá para os lados de S. Paulo de Piratinim, onde houve em seu tempo collegio de padres e fradaria *grossa* (2), e d'onde os *mamalucos* sahiam para ir por estes mundos afóra bater indios *brabos* e caçar onças, botando bandeiras até na costa do Paraguay e no salto do Paraná, tanto assim que deram nas reducções (3) e trouxeram de lá uma *immundicie* (4) de gente amarrada, por signal que muitos amolaram a canela em caminho, e só chegaram uns centos, tão magros que....

Pereira enfiava todas estas phrases com sorprendedora volubilidade, ao passo que Meyer o contemplava estatico, á espera de que a torrente de palavras lhe désse tempo e occasião de encaixar alguma palavra de agradecimento.

(1) Portuguezes.

(2) Em quantidade.

(3) Reducções eram o nome que tinham as aldêas formadas pelos padres Jesuitas no Paraguay. Pelo anno de 1630 subiu a 20 com 70.000 habitantes.

(4) Grande quantidade. Montoya, no seu livro — Conquista Espiritual — conta que 140 *castelhanos* do Brasil com 1.500 tupys, todos muito bem armados com escopetas, e em boa ordem militar, entraram pelas povoações e levaram 7.000 prisioneiros, numero evidentemente exagerado.

Não foi, porém, senão minutos depois, e a custo que elle pronunciou um aspero e retumbante

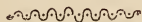
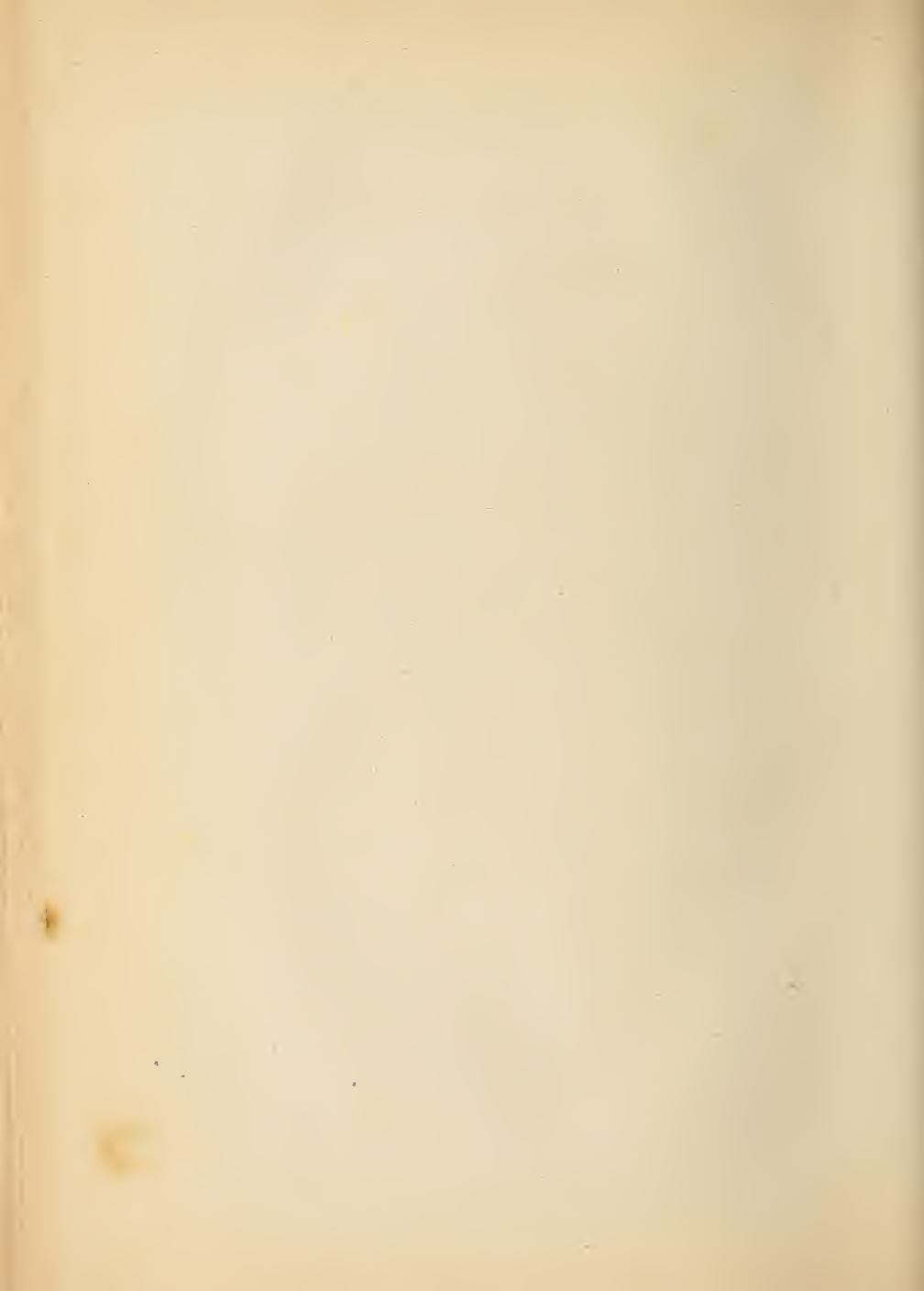
— Obrigado !

Acrescentando em seguida :

— Mas o senhor falla que nem cachoeira. E não cansa ?

— Qual ! replicou o mineiro com ufania A gente de minha terra é de natural calada ; eu, não : mesmo porque fui criado em *povoados* (1) de muita civilidade....

Tomando esse novo thema, começou a discorrer novamente, mostrando visivel contentamento por achar na estimavel pessoa do Sr. Guilherme Tembel Meyer um ouvinte de força, incapaz de pestanejar e cuja fixidez de olhos era prova evidente de que tomava interesse a todos os assumptos possiveis de conversa.

(1) Povoações.

CAPITULO XI.

O ALMOÇO.

> Comei, bebei, nada de ceremonias commigo. Minha casa é livre, eu tambem o sou. Fazei provisão de alegria e disponde de mim sem constrangimento.
>
> PLAUTO — Miles gloriosus.

Cyrino de repente levantou-se da marqueza em que estava sentado.

— Estou com vontade de seguir amanhã viagem..

— O que, doutor? protestou Pereira. Partir já? Isto nunca... Vosmecê ainda não curou de todo minha filha. Eu lhe pago sua estada aqui... se fôr preciso.

— Oh! Sr. Pereira, reclamou por seu turno o moço, isto me offende...

— Desculpe-me, muito, mas, antes de duas semanas, não o deixo sahir daqui...

— Porém....

— Doentes não lhe hão de faltar. A minha rancharia vai ser visitada como se fosse casa de presepe, e o Sr. não poderá dar *vasão* aos que o vierem procurar. Olhe, hoje mesmo mandei avisar o Coelho

e daqui a pouco elle está rentesinho como pão quente. Atrás delle ha de vir uma troça de meus peccados... Nada, o Sr. não sahe daqui... Então quer deixar *Nocencia*, como ella está ainda?.....

— E' verdade, observou precipitadamente Cyrino.

— Pois então? Nem pensar nisso é bom. Deixe estar por minha conta: vosmecê ha de aqui arranjar os seus negocios.

— Já que o Sr. o diz.... Eu.. tinha medo de vexal-o. Uma vez que venham doentes até cá....

— Hão de vir, fique sem susto....

— Ficarei, decidio Cyrino, quanto tempo fôr de seu agrado.

— Ora muito que bem, exclamou Pereira com sinceridade, estou como quero. Quanto ao Sr. *Maia*.. Meyer, quero dizer, esse ha de criar raizes nesta casa...

— Isso tambem não: tenho tempo marcado pelo meu governo.....

— Bem, bem, mas fará uma boa temporada comnosco. E' pena que o Manecão não chegue, que eu apressava o casorio, e tinhamos uma festa como nunca se vio nestes matos... Mas estou aqui a dar com a lingua nos dentes sem pensar que os estomagos ainda não têm *matula* (1). O almoço deve estar já prompto: é um pulo só... Eu vou ver.

Sahio da sala a dizer estas palavras e na verdade pouco tempo depois voltou com Maria, a velha

(1) Matalotagem.

escrava, que trazia a toalha da mesa e a cuia de farinha.

— A' mesa, gritou Pereira, eu hoje almoço com vosmecês. Sr. Meyer, o Sr. comerá d'ora em diante commigo e com minha filha, lá dentro ; ouvio ?

E, voltando-se para Cyrino :

— Bem sabe, explicou elle, é de casa : é como se fosse o Chiquinho.

Depois de prompta a mesa, sentaram-se os tres alegremente.

— Olhe, Sr. Meyer, disse o mineiro servindo o allemão, isto é feijão-cavallo do melhor. Misture-o com arroz e hervas, ponha-lhe uns salpicos de farinha...

O naturalista começou a mastigar com a lentidão de um animal ruminante, interrompendo de vez em quando o moroso exercicio para exclamar :

— Delicioso, com effeito ! Muito delicioso.

Cyrino comia pouco e em silencio.

— Na Allemanha, declarou Meyer contemplando um grão de feijão, a maior fava não chega a este tamanho : aqui a fava de lá havia de ter pollegada e meia pelo menos. Um almoço assim havia de custar na Saxonia dous thalers ; pelo cambio de agora dous mil e quinhentos réis....

Pereira interompeu-o com um gesto comico.

— Dous mil e quinhentos ? Ora, que terra essa ! Como é que se chama ?

— Sac-sonia, respondeu o allemão com gravidade.

— Saco-sonha! exclamou Pereira. Não conheço.. Mas então lá muita gente ha de andar a morrer de fome....

— Pelos ultimos calculos, replicou Meyer com muito vagar e pausas a fim de introduzir enormes colheradas da mistura que lhe aconselhára o seu amphytrião, sabe-se que em Londres morrem todos os dias 8 pessoas á mingoa, em Berlim 5, em Vienna 4, em Paris 2, em Pekim 12, em Ieddo 7, em....

—Salta! atalhou Pereira exultando de prazer, viva cá o nosso Brasil! Nelle ninguem se lembra até de ter fome. Quando nada se tenha que comer, vai-se ao mato e, ou se fura mel de jatahy e mandory ou se chupa miôlo de macaubeira. Isto é cá por estas bandas, porque nas cidades é estender-se a mão e esmolas logo chovem... Assim é que eu entendo uma terra... o mais é desgraça.

— Oh! corroborou o allemão, o Brasil é um paiz muito fertil e muito rico. Dá café para meio mundo beber e ainda ha de dar para todo globo, quando tiver mais gente...

— Eu bem dizia, observou Pereira tocando no hombro de Cyrino e com olhos de triumpho. Lá fóra é que se nos conhece. Não acha, patricio? Homem, vosmecê está tão calado!... meio casmurro, que é isso? sempre aquelle negocio?

Cyrino de feito, depois que ouvira o convite feito a Meyer para conviver no interior da casa de Pereira, tornára-se sombrio, inquieto e meditabundo. Seu corpo alli estava, mas sua imaginação

vigiava zelosa o quartinho onde repousava aquella menina febricitante, mas tão bella na sua febre, na sua pallidez de enferma.

— Se são mulheres, ponderou Pereira, deixe-se disso: não ha maior asneira.... Esta fazenda é que não falta.

Meyer, no meio dos exercicios de queixo, julgou que seu hospede considerava o sexo feminino debaixo do ponto de vista estatistico e acreditou de conveniencia assentar melhor a idéa que fôra aventada um tanto vagamente.

— De certo, disse elle dogmaticamente, na raça slava a proporção é de duas mulheres para um homem, na germanica ha aproximadamente numero equivalente, na latina de dous homens para uma mulher. Na França a proporção para o lado masculino é de...

— Mas o Sr. contou? interrompeu Pereira. Deixe-lhe dizer uma cousa: eu não engulo aráras....

— *Ni* eu, affirmou Meyer com alguma indignação, nem sei como o Sr. vem fallar nestes bichos agora.... Se os considera como caça, todos sabem que os trepadores têm a carne dura e...

Pereira rio-se do equivoco e, explicando-o, continuou a discutir com o seu methodico e polido interlocutor.

— O Sr. póde fallar um anno inteiro, disse o mineiro para terminar, mas eu não entendo patavina das suas contas e *gigajogas*. Quem me tira da taboada, bota-me no mato... Mas agora, vamos agra-

decer a Deus Nosso Salvador ter-nos dado esta comida.

E unindo o exemplo á palavra levantou-se, e com as mãos postas orou em voz baixa com uncção, no que foi imitado pelos dous hospedes.

— O Senhor esteja comvosco, disse o mineiro em voz alta e persignando-se.

— Amen, responderam Cyrino e Meyer.

— Agora, annunciou Pereira sahindo da mesa, vou dar um gyro pela minha roça, onde trabalham tres pretos *cangueiros* (1), um dos quaes é meu *fazendeiro* (2): depois hei de visitar uns conhecidos meus, avisando-os de sua chegada, doutor. Ah! acrescentou elle, falta mostrar-lhe minha filha, Sr. Meyer.

— Sua filha!! exclamou o allemão. Então tem filhos?

— Sim, senhor. Não se lembra que o seu *vulto* (3) é o do mano Chiquinho? Pois então? Que maior prova posso lhe dar de confiança e amizade?.. Não é, Sr. Cyrino?

— Sem duvida, balbuciou o moço com custo.

— Minha filha, que se chama *Nocencia*, só hoje é que levantou-se da cama... Esteve doente... Assim mesmo não sei se as maleitas a deixariam.... O corpo ás vezes fica *caroavel* (4) dessas malditas.

(1) Sem prestimo.

(2) Fazendeiro, no sertão de Mato Grosso, é, não o proprietario das terras, mas o capataz, o feitor.

(3) Pessoa.

(4) Acostumado, affeito.

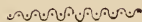
— Isto está a meu cuidado, atalhou Cyrino com alguma pressa. Ainda ao meio dia ella ha de tomar quina...

— Vosmecê faça o que fôr melhor.... Quer vir, Sr. Meyer?

— Pois não, pois não, respondeu amavelmente o allemão.

— E' a unica pessoa de familia que tenho aqui, além de um *marmanjão* que está agora na carreira [1] por estas estradas.... Então, vamos. Venha, tambem, continuou elle voltando-se para Cyrino, um cirurgião é quasi de casa.

Sahiram pois os tres; Pereira, na frente, foi seguindo o oitão da direita e, abrindo uma tranqueira do cercado dos fundos, entrou pela cozinha, onde a velha preta Conga estava a trabalhar.

(1) Fazer pela vida.

CAPITULO XII.

A APRESENTAÇÃO.

> Quem mostrava, porém, mais sorpreza e admiração, era Sancho Pança. Nunca, em todos os dias de sua vida, vira elle creatura tão bella.
>
> CERVANTES. — D. Quichote. C. XXIX.

> As moscas que morrem no balsamo, fazem-lhe perder a suavidade do cheiro. Uma parvoice, ainda que pequena e de pouca dura, dá occasião a não se fazer caso da sabedoria, nem da gloria.
>
> ECCLESIASTES — X.

Os visitantes, depois de atravessarem um quarto um tanto escuro, chegaram á sala de jantar, vasto aposento ladrilhado mas sem fôrro, a um canto do qual estava a filha do mineiro, mais deitada do que sentada n'uma especie de canapé de tacuáras.

Tinha os pés n'uma bonita pelle de tamanduá-bandeira, onde se acocorára, conforme o seu habito, o anão a quem Pereira chamára de Tico.

A bella moça, ao ver chegar tanta gente, abrio uns grandes olhos de espanto e quiz erguer-se:

não pôde porém e, corando ligeiramente, teve como que um deliquio de fraqueza.

Cyrino approximára-se com vivacidade.

— A donasinha, disse elle para Pereira, está tão fraca que mette dó.

O pai chegou-se com Meyer e, tomando as mãos da filha, perguntou-lhe com voz meiga:

— Sente-se peior, menina?

— Nhôr-não, respondeu ella.

— Pois então.... E' preciso não entregar o corpo á molleza... Abra os olhos.... Olhe... está aqui este homem, e apontou para Meyer, que é *allamão* e trouxe uma carta de seu tio, o Chico, lá da Mata do Rio. Quero mostrar que elle é como se fosse de nossa gente. Assim vim apresental-o a você....

Ella nada replicou.

— Vamos, diga: Tenho muito gosto em conhecel-o... Diga...

Innocencia repetio com vagar e acanhamento essas palavras, ao passo que Meyer lhe estendia a sua mão, larga como uma barbatana de cetaceo e franca como o seu coração.

— Gosto, muito gosto tenho eu, disse elle com tres ou quatro sonóros arrancos de garganta. Só o que sinto é vel-a doente... Mas o doutor não nos deixará ficar mal; não é, Sr. Cyrino?...

E apoiou esta pergunta com um hem? que écoou por toda a sala.

— A dona, disse o moço, precisaria tomar por alguns dias um pouco de bom vinho em que se

puzesse casca de quina do campo... Mas onde achar agora vinho? Só na villa de Sant'Anna....

— Vinho? perguntou Meyer.

— Sim.

— Vinho do Porto?

— Melhor ainda.

— Pois tudo se arranja. Na minha canastra eu tenho uma garrafa do *mais superfino* e com muito prazer... cedo-a á filha do meu amigo o Sr. Pereira.

— Oh! Sr. Meyer, agradeceu este com effusão, não sabe quanto lhe fico...

— Oh! não tem obrigação nenhuma! Não, Sr. Sua filha é muito bonita: parece boa menina.... Ha de ter umas côres tão lindas que eu daria tudo para a ver com saude... Que moça!.... Muito bella!

Estas palavras que o innocente saxonio pronunciava *ex abundantiâ cordis* produziram extraordinario abalo nas pessoas que as ouviram.

Pereira tornou-se pallido, franzio os sobrolhos e olhou de esguelha para quem tão imprudentemente elogiava cara a cara a belleza de sua filha; Innocencia corou fortemente; Cyrino sentio um movimento estranho de admiração, quasi desespero, e o anão ergueu-se meio apavorado de sua pelle de tamanduá-bandeira.

Meyer em nada reparou e com a habitual singeleza proseguiu:

— Aqui no sertão do Brasil ha o costume muito máo de esconder as mulheres. Viajante não sabe

se são bonitas, se feias, e não póde contar nos livros para os outros lerem. Mas, palavra de honra, Sr. Pereira, se todas são como esta moça, sua filha, é uma cousa muito digna de ser escripta ! Eu....

— O Sr. não quer sahir ? interrompeu Pereira com modo um pouco aspero.

— Pois não, replicou o allemão.

E como despedida dirigindo-se a Innocencia, acrescentou :

— Eu Guilherme Tembel Meyer, seu criado, estimo muito conhecel-a por ser a senhora filha de um amigo meu e prender a gente com seu rosto....

Estendeu então a mão, fez um movimento de cabeça e acompanhou o mineiro, que ia sahindo branco de colera.

— E que me diz deste homem ? perguntou elle a Cyrino a meia voz.

— Reparei muito nos seus modos, respondeu-lhe o moço no mesmo tom.

— Nem sei como me contenha..... Estou cego de raiva.... Que presente mandou-me o Chico !.... E' uma peste, este diabo *melado* (1)... Vê uma mocinha e logo enche as bochechas para lhe dizer meia duzia de graçolas.... Não está má esta.... E' um perdido. Nada...vou ficar de olho nelle...

— Faz muito bem, apoiou Cyrino.

— Vejam, continuou Pereira retendo o seu interlocutor para deixar Meyer distanciar-se, em que boas ando eu mettido... Se não fosse a tal carta de

(1) Chamam-se melados aos animaes cuja côr é quasi assa.

meu mano... juro-lhe que elle havia de dansar hoje mesmo debaixo do cacete... Malcriado! Uma mulher que daqui a dous dias está para receber marido... Deus nos livre que o Manecão o ouvisse... cosia-o logo ás facadas... Vejam só, hem?... Sempre é gente de outras terras... Cruz! Eu tambem vi logo....um latagão bonito...todo facceiro...*havéra* por força de ser *rufião*. (1)

Cyrino ouvia-o em silencio.

— E mulher, proseguio o mineiro com raivosa volubilidade, é cousa tão levada da breca, que lambe-se toda com ditinhos e pachuchadas desta sucia de *embromadores*. Com ellas, eu digo sempre, não ha que fiar.... Má hora me trouxe este *allamão*... E logo o Chico... Tenho agora de ficar de alcateia.... andar de *tocaia* (2) e a fazer fojos para ver que a *bracayá* (3) não me entre no gallinheiro....

— Tambem breve vai elle embora, disse Cyrino a modo de consolo.

— Que o demo o leve, replicou Pereira. Já estou todo *enfernizado* (4) com tal homem...

Neste momento, como que de proposito, voltava-se Meyer e declarava:

— Sr. Pereira, eu fico na sua casa talvez duas semanas. Os burrinhos vão engordar no seu pasto e farei viagens a pé ao redor de sua fazenda, apanhando tudo que achar... Ouvio?

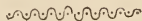
(1) Namorador.
(2) Fazer esperas.
(3) Gato do mato.
(4) Encolerisar-se: ter frenesim.

O interpellado reprimio um gesto de viva contrariedade e, levado pelo instincto e dever de hospitalidade, respondeu um tanto seccamente :

— Fique duas semanas, ou dous mezes ou dous annos. A casa é sua : eu já lh'o disse, e palavra de homem não volta atrás. Quem está aqui não é o Sr., é meu irmão mais velho.

Agarrando então com força a mão de Cyrino, acrescentou em voz surda.

— Olhe, doutor ; veja isto ! Que lhe dizia eu ?... Ah ! meu Meyer, quer se engraçar commigo, não é ? Mas cá fico....e quando avisado, nem dous, nem tres me botam poeira nos olhos... Não é com essa ! *Nocencia* nasceu filha de pobre, mas, graças á Maria Santissima, ella tem um pai com dous braços e muito sangue para defendel-a dos garimpeiros e cruzadores de estrada.... Elle que não brinque com Manecão : é homem de cabellinho na venta e se lhe bota a mão em cima, esfarela-lhe os ossos, como se fôra veadinho mateiro enroscado por sucury....

Meyer comtudo, ia totalmente alheio ao temporal que suas palavras haviam provocado, e, sem duvida exagitado em suas reminiscencias com a vista da menina que acabára de visitar, cantarolava entre dentes uma valsa allemã, dansada talvez com alguma loura patricia em épocas já remotas e de mais leviandade.

CAPITULO XIII.

DESCONFIANÇAS.

E'-se muitas vezes enganado pela confiança ; mas a desconfiança faz com que nos enganemos a nós mesmos.

PRINCIPE DE LIGNE.

Quando o saxonio entrou novamente na sala, em que estavam as suas cargas, vinha tão contente do gazalhado que recebia, da bondade do tempo e das futuras caçadas de borboletas, que chamou a attenção do seu camarada José.

Estava este encostado a uma canastra, e de faca comprida em punho esgaravatava a planta dos pés, verificando se alguma pedrinha da estrada se havia engastado na grossa e insensivel sóla.

— Homem, disse elle com familiaridade, *Mochú* está hoje muito alegre.... Vio passarinho verde ?

— *Passarrinho* verde ? perguntou Meyer. Que é isso ? Não vi *passarrinho* nenhum.... Vi uma moça bonita....

— Ah !... melhor ainda... E quem é ella ?

— E' a filha do Sr. Pereira.

— Parabens! parabens! exclamou José com toda a indiscrição.

— *Júque*, reprehendeu o allemão revestindo-se de ar severo, não tome confiança com gente que não é de sua classe...

— Mas eu não disse nada de máo, *Mochú*...

Pereira estava em cima de um brazeiro. Decididamente aquelle hospede punha-o a perder, proclamando assim com a trombeta da fama que avistára Innocencia, com ella conversára, que a achava bonita.... uma moça já noiva! Quantas incongruencias, meus santos do paraiso!

Era caso de muita prudencia. Qualquer passo menos pensado acarretava consequencias irremediaveis.

E' necessario penetrar-se dos sentimentos que sobresaltavam o mineiro para aquilatar os transes por que passava e achar natural que seguisse uma linha de conducta toda de duvidas e vacillações.

Se de um lado creava involuntaria admiração por Meyer e, rodeando-o em sua imaginação do prestigio de uma belleza irresistivel, via augmentar o seu terror em abrigar tão perigoso seductor; do outro sentia as mãos presas pelos deveres imperiosos da hospitalidade, que, com a recommendação expressa de seu irmão mais velho, tomava um caracter quasi sagrado. Juntem-se a isso os preconceitos sobre o recato domestico, a responsabilidade de vedar o sanctuario da familia aos olhos de todos, o amor extremoso pela filha, na qual não tinha, comtudo, por ser mulher, con-

fiança alguma, as supposições que logo forjou sobre o sentimento que naturalmente aquelle estrangeiro provocára no coração de Innocencia, ao passo que ella já pertencia a outrem, as collisões que previo para manter inabalavel sua palavra de honra, quando não fôra para defender essa propria honra, e, tudo isso revolvendo-se na cabeça de Pereira, reflectia-se com sombrios traços de inquietação no seu rosto habitualmente jovial.

—Porque razão, perguntou elle a José Pinho, para desviar aquella conversa que tanto o magoava, chama vosmecê o Sr. Meyer de *Mochú?*

O carioca rio-se com ar de superioridade e explicou muito desembaraçadamente :

—Ah ! E' um modo de fallar...

—Como assim ?...

—Muito bem... Vosmecê não chama a elle de Sr. ?

—Chamo-o.

—Pois então ?.. Eu tambem o chamo assim... mas em francez. *Mochú* quer dizer senhor nessa lingua.

—Ah ! replicou Pereira dando-se por convencido, então é isso ? Pensei que fosse outra cousa...

— *Júque*, avisou Meyer, que estava a remexer nas canastras, prepare tudo : nós vamos ao mato agora mesmo....

—Venha commigo, propôz o mineiro com voz insinuante. Eu lhe indicarei lugares, onde ha bicharia dessa miuda que é um nunca acabar.

—Com muito gosto, concordou o allemão.

E, voltando-se para o camarada :

—Anda, *Júque*, ordenou elle, bote pita fóra, caixas de folha de flandres, chloroformio, rede prompta... Depressa, homem, depressa!

José Pinho instigado por estas palavras, pôz-se a voltear de um lado para outro como pessoa atarantada por excesso de serviço.

—Minhas lentes, pedio o naturalista, o sacco para as hervas, o canudo para os bichos de casca grossa.... Vamos.... Eu vou ajudal-o.

E pôz-se por seu turno a procurar nas canastras os objectos de que necessitava, enfiando a tira-collo dous ou tres talabartes finos que sustentavam umas caixinhas cobertas de couro. N'uma dellas havia um copo de prata com sua competente corrente; n'outra um faqueiro de peças dobradiças e de metal do principe. Tambem pendia-lhe do flanco uma frasqueira defendida dos choques por um trançado de vime e que continha aguardente, comprada de fresco na villa de Sant'Anna do Paranahyba.

Não contente com o peso de todos esses appendices á sua pessoa, atou um largo cinturão com uma como que patrona de folha de flandres e que sustentava um grande facão inglez, um rewolver e uma espada de caça.

Depois de ter vagarosamente accommodado sobre si cada uma dessas peças, Meyer, com grande espanto de Pereira e até de Cyrino, tirou os oculos para trocal-os por um par de vidros afumados, muito grandes e convexos que devia defender-lhe

os olhos dos ardores do sol, contra o qual munio-se de outro singular preservador: era uma rodella de panno branco forrado de verde, que augmentava as abas do chapéo do Chile, descansando em parte sobre ellas.

Nesse trajo ficou Meyer o mais estapafurdio personagem com quem poderia algum christão topar naquellas trezentas leguas em derredor; entretanto, Pereira sentio-se offendido com aquelles cuidados que qualificava de faceirice.

— Veja, disse elle para Cyrino, como este *maricas* se enfeita!... Você não me engana, não, Sr. *allamão* de meus peccados....

Nesse momento mirava-se o naturalista para verificar se lhe faltava alguma cousa.

— Estou prompto, exclamou elle, e muito desejoso de entrar no mato.

— Os carrapatos te ponham a tinir, resmoneou Pereira.

— Ah! disse Meyer, e minhas luvas... *Júque*, procura na canastra n.º 2, á esquerda, no segundo canto.

O camarada sacou umas grandes luvas de lã branca já usadas, nas quaes o allemão enfiou de um só movimento as mãos.

— Agora, sim! annunciou elle com satisfação e, dando um sonóro e prolongado hum!, empunhou a rede de apanhar borboletas.

Depois, levando um dedo á testa:

— Ah! exclamou, e o vinho! Não me ia eu esquecendo?.... O vinho para sua filha, Sr. Pereira; sua linda filha.

O mineiro encolheu com impaciencia os hombros e disse em aparte a Cyrino:

— Fez-se de esquecido.... Veja, bem. Este *calunga* não me bota areia nos olhos.

E acrescentou alto, recebendo a garrafa que o camarada José Pinho tirára de uma das canastras:

— Agradeço seu presente, Sr. Meyer, mas se... lhe faz falta.... a pequena ha de curar-se sem isto....

— Não, não, não, não, respondeu o saxonio com uma serie de negativas que parecia não dever ter fim.

— Neste mundo, rosnou Pereira mais para si do que para ser ouvido, ninguem mette prego sem estopa; mas com sertanejos.... não se brinca.

Cyrino tomára a garrafa.

— Isto, affirmou elle, acaba com certeza a cura.

E, esquivando-se de pronunciar o nome e a qualidade da pessoa de quem estava tratando:

— Ella ha de ter hoje algum appetite e poderá levantar-se um pouco, pois já tomou o seu caldinho.

— Então ao meio dia, recommendou Pereira muito baixinho a Cyrino, vosmecê mande chamar a menina e lhe dê a mézinha. Ouvio? Eu já avisei lá dentro...

Cyrino abanou a cabeça, tomando ar mysterioso.

— Eu cá estarei com olho vivo no bichão.... Parece-me *çuçuarana* (1) á espera de veadinhas.

(1) Especie de onça.

campeiras...... Este vinho não terá algum feitiço?

O outro negou com energia tal possibilidade.

— Eu sei cá, continuou Pereira Estes namoradores são capazes de muita cousa.... Nunca ouvio contar historias de *pirlas* (1) e beberagens... hem? diga-me, nunca?

— Socegue, Sr. Pereira, replicou Cyrino, hei de examinar o liquido ... tenho certeza que não haverá novidade.

— Muito que bem.... Então, ao meio dia em ponto... Chame a Maria Conga ou o Tico... *Nocencia* ha de vir se arrastando até cá... e o doutor lhe dará a dóse....

— Ella sahir já? perguntou Cyrino com admiração. Não, senhor; nisso não consinto... Irei dar-lhe o remedio... Não me custa nada...

Pereira ficára meio perplexo.

— Não sei...

E com subita resolução:

— Pois bem, virei até cá da roça.... Se eu não apparecer, então o senhor dê um pulo e faça-a tomar a dóse... Quanto a este *allamão melado*, levo-o para longe e não o trago senão bem tarde e tão moido do passeio que só ha de pensar em dormir.

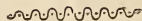
Com Pereira dava-se um facto natural e comesinho nas singularidades do mundo moral.

A' medida que as suspeitas sobre as tenções do innocente Meyer iam tomando vulto exagerado,

(1) Pilulas.

nascia uma confiança illimitada naquelle outro homem que elle não conhecia tambem e que ao principio lhe causára tanta prevenção como o segundo.

Ha, comtudo, nas collisões em que nos achamos mettidos uma tal necessidade de auxilio, uma tal anciedade de encontrar quem nos ajude ou por esforço proprio ou por conselho, que qualquer nos serve, ainda quando uma reserva bem pensada, alguma cautela nas sympathias fosse-nos de proveito, impedindo a intervenção desses alliados de momento.

Acrescente-se a isso o genio de Pereira, propenso á expansão e garrulice, e facilmente comprehender-se-ha a razão de todas as suas acções e ditos em relação aos seus dous hospedes, Cyrino de Campos e Guilherme Tembel Meyer.

CAPITULO XIV.

REALIDADE.

> Cordelia — O tempo ha de desvendar o que hoje esconde a discreta hypocrisia.
>
> Shakspeare — O Rei Lear — Acto 1.

Depois que Cyrino vio Pereira sumir-se, com seus dous companheiros por trás do laranjal da casa, seguindo em direcção á roça por uma vereda pedregosa, onde as patas dos animaes iam batendo nos seixos rolados, depois que teve certeza de que ficára só na casa, entrou em grande agitação.

Ora passeava pela sala rapida e inquietamente; ora media-a com passo lento n'uma e n'outra direcção; ora emfim, sahia para o terreiro e ahi, com a cabeça descoberta, ficava a olhar attentamente para diversos lados, abrigando com a mão aberta os seus olhos dos raios do sol.

O dia promettia vir a ser muito calido; por toda a parte chiavam as cigarras e ao longe ouvia-se o cantar das seriemas nos campos.

Cyrino ás vezes encarava o sol; depois tapava os olhos deslumbrados e, tomado de vertigem, voltava para a sala, onde recomeçava os seus passeios.

Porque não descansava aquelle mancebo? Elle, que preparára uma rede tão fresca de malhas abertas, a qual, balouçando-se levemente á brisa, parecia convidal-o á confortante sésta...

Porque não imitava os bacorinhos que, entrando familiarmente pela sala, se haviam abrigado dos ardores do dia e, deitadinhos debaixo de uns giráos, já resonavam, presos de gostoso somno?

Todos os viventes preparavam-se para o repouso: fóra, o sol resplandecia brilhante e as sombras das arvores iam cada vez mais diminuindo. Até uma egoa com seu poldrinho deixára o distante pasto e viera abrigar-se á protecção da casa, junto á qual parára, já meio a cochilar.

A' enervadora acção do calor estival juntavam sua influencia as monotonas modulações de umas chulas e modinhas que os camaradas de Cyrino, accommodados no rancho junto ao paiol de milho, cantavam ao som da viola de tres cordas.

Entretanto o moço a tudo resistia, e consultava com crescente desassocego o seu relogio de prata, pondo-o e tirando-o do bolso a cada instante.

Os segundos, os minutos, as horas passaram, e elle, afinal, soltou este suspiro de allivio:

— Meio dia!.... Cuidei que nunca havia de chegar!...

Sahindo já todo reanimado para o terreiro, chamou com voz forte:

— Maria!... O' Maria Conga!...

Ninguem respondeu-lhe. Só do lado da cozinha ladraram uns cães.

Cyrino, depois de esperar algum tempo, rodeou toda a casa, como fizera com Pereira e, encostando-se á cerca que defendia a approximação do lanço dos fundos, tornou a chamar:

— O' Maria?!.... Maria!.... Está dormindo, minha velha?

Vendo que seus gritos ficavam sem resultado, saltou então o cercado e foi-se encaminhando para a porta da cozinha, lentamente porém, e como que a medo.

— O' Maria?!... Minha *tia*!... Olá! Oh de casa! clamava elle.

Afinal appareceu, não a velha escrava, mas o anão Tico que, com um movimento imperioso de cabeça, pareceu perguntar a causa daquelle alarma.

— Que *de* a Maria Conga? disse Cyrino chegando-se a elle.

Tico com poucos gestos mas muito expressivamente deu a entender que a preta fôra ao corrego lavar roupa.

— E não ha mais ninguem em casa? indagou o moço.

O anão mostrou com expressão de orgulho que elle alli estava e deitou um olhar de colera para aquelle imprudente curioso.

— Bem, replicou Cyrino sorrindo-se, vai nesse caso dizer á dona que já chegou a hora de tomar

o remedio. Trago o vinho, e é preciso preparar café quanto antes.

Tico desappareceu, fazendo um aceno ao intitulado medico para que esperasse fóra.

— Ora, exclamou este com despeito, aqui ao sol?!... Não está má essa!... E que tal o *nanica*?...

Sem mais ceremonia entrou pois na casa, penetrando em um quarto que ficava entre a sala de jantar, onde dera-se a apresentação de Meyer a Innocencia, e a cozinha, theatro da actividade de Maria Conga.

Dahi a pouco ouvio elle passos arrastados e appareceu Innocencia embrulhada em uma grande manta tinta de variegadas côres e com os longos cabellos cahidos e puxados todos para trás. Seus olhos orlados de fundas olheiras e o quebrantamento do semblante ainda denunciavam muita fraqueza, entretanto as setinosas faces como que apressavam-se a tomar côres, á semelhança de rosas impacientes de desabrochar e provocar homenagens.

Ao chegar-se á porta, não a transpôz, mas encostando-se á grossa trave que fazia de umbral, ahi ficou parada, indecisa e com o olhar duvidoso.

Cyrino, ao vêl-a, deu com timidez alguns passos ao seu encontro; depois por seu turno estacou junto a uma cadeira de comprido espaldar, antigo e solido traste trazido por Pereira de sua casa de Piumhy.

Foi até com esforço que formulou esta pergunta:

— Então... donasinha... como está?... Sente-se melhor?

— Melhor, obrigada, respondeu Innocencia com voz aflautada e muito tremula.

— Comeu já alguma cousa?

— Nhôr-sim... uma aza de frango, mas com... vontade.

— Sente o corpo moido?

— A canceira está passando.... hontem muito mais...

Cyrino fôra, a pouco e pouco, recobrando o sangue frio e approximando-se da moça, que mais se apegára á ombreira, como que procurando abrigo. De um lado do limiar da porta ficou ella, do outro Cyrino, ambos tão esquivos e sobresaltados que davam razão aos olhares de espanto com que os mirava Tico, empertigado em suas perninhas bem defronte dos dous.

— Pois chegou a hora de tomar o remedio...

— Já, *siô*-doutor? implorou Innocencia.

— Nhã-sim.

— Mas eu não tenho mais nada...

— E' para cortar de uma vez as sezões... Olhe, se ellas voltassem... era um desgosto para mim...

— E' tão máo, observou ella.

— Não é bom, *devéras*... mas *bem melhor* é recobrar a saude... Com um bocadinho de coragem, engole-se sem muito custo... Já que lhe amarga tanto... eu beberei tambem uma pouca...

— Oh! não! protestou Innocencia.

— E' para lhe mostrar... que quero sentir... o que sente mecê.

A menina corou vivamente, levantou os olhos

com sorpreza e voltou logo o rosto para fugir dos olhares de Cyrino.

— A mézinha? pedio ella por fim toda commovida.

— Ah! é verdade! exclamou Cyrino. Ande, Tico: vai buscar café na cozinha. Lave bem um pires... percebeu?

O anão fitou o moço com altivez e não se mecheu.

— Você é mouco?

— Não, respondeu Innocencia. Tico ás vezes por manha é que se faz *ansim*.

Voltando-se então para o homunculo, disse com voz meiga e olhar carinhoso:

— Vai, Tico; é para mim, ouvio?

A physionomia do anão transformou-se repentinamente. Nos labios pairou-lhe ineffavel sorriso: sua cabeça abaixou-se duas ou tres vezes como resposta affirmativa; mas a testa enrugou-se-lhe toda, e os olhos moveram-se com inquietação e duvida.

Innocencia teve que repetir o recado.

— Já lhe disse, Tico: vai buscar o café.

A essa quasi ordem não ousou elle resistir, mas sahio lentamente, voltando-se varias vezes antes de entrar na cozinha, onde pouco demorou-se.

Cyrino neste entremente tomára o pulso de Innocencia que, de mais longe que podéra, lhe estendêra o braço e, sem pensar no que fazia, quebrando a debil resistencia da menina, cobríra de beijos a mãosinha que segurára.

— Meu Deos! balbuciou ella, que é isto?... Olhe, ahi vem o Tico.

O mancebo recuou então e, para melhor encobrir sua commoção, adiantou-se para o anão que vinha trazendo na mão direita uma vazilha de folha de flandres, n'outra um pires com colher.

— Bom, disse elle, põe tudo em cima da mesa.

E preparando rapidamente o medicamento, apresentou-o com mal segura mão a Innocencia, que sem hesitação o sorveu todo.

— Deixe-me um pouco, exorou Cyrino, um pouco só... Se é tão máo... soffra eu tambem.

— Não, respondeu ella com alguma energia, porque *havéra* de mecê soffrer?

E, ou por effeito do abalo que experimentava no estado de debilidade a que chegára, ou por ser aquella a hora em que costumava a febre assaltal-a, o certo é que teve que encostar-se ou melhor agarrar-se ao umbral para não cahir no chão.

— Oh! exclamou com angustia Cyrino, a dona vai desmaiar.

Transpondo então o limiar da porta segurou entre seus braços a pallida donzella, que sem reluctancia encostou à desfallecida cabeça ao hombro do seu medico, cujo halito offegante aos poucos foi-lhe fazendo voltar ás faces o precioso sangue.

— Estou melhor, balbuciou ella procurando afastar-se de Cyrino.

— Não se faça de forte a tôa, contrariou este. Vamos até aquella cadeira.

E com toda a lentidão foi levando a convalescente até sental-a, desembaraçando-a depois dos muitos

cabellos que todos revoltos haviam invadido o collo e cahiam-lhe até sobre o rosto.

—Quanto cabello! exclamou Cyrino meio risonho.

Tico seguira as peripecias de toda aquella scena com muita attenção. Ao vêr Innocencia perder os sentidos, soltou um grito surdo de desespero, depois foi seguindo-a até a cadeira e ajoelhou-se diante della, contemplando-a com inquietação.

Cyrino quiz aproveitar a occasião para um congraçamento.

— Você está com cuidado, hem ?... Não é nada.. sua ama fica boa logo...

O anão, ao ouvir esta interpellação, levantou-se e correspondeu ao sympathico annuncio do moço com um olhar de desprezo e pouco caso, como quem lhe diria :

— Não se metta commigo que não quero graças com você, medico de arribação!

— Agora, disse Cyrino voltando-se para Innocencia, mecê vai beber dous góles de vinho e verá logo que *sustancia* ha de sentir dentro do corpo.

Desarrolhou, então, com a ponta de uma comprida faca que tirou do cinto, a garrafa do vinho, presente espontaneo de Meyer, e offereceu á moça um pouco do roborante liquido n'um caneco de louça branca.

A doente molhou os labios e gratificou o obsequioso mancebo com um sorriso encantador.

Decididamente aquelle medico lhe agradava: curava do seu corpo enfermo e entendia-lhe com a

alma. Raros homens que não seu pai e Manecão, além de pretos velhos, tinha ella até então visto; mas parecia-lhe, a ella tão ignorante das cousas e do mundo, que ente algum poderia ser comparado em graça e belleza com esse que lhe ficava agora em frente. Depois, que cadeia mysteriosa de sympathia a ia prendendo áquelle estranho, simples viajante que via hoje para nunca mais tornar a vêr, talvez?

Quem sabe se a meiguice, a bondade que para com ella mostrava Cyrino não eram a causa unica desse sentimento novo, desconhecido, que nascia de chofre em seu peito, como a flôr do campo brota depois da chuva?

A gratidão a muito obriga.

Esses pensamentos correram rapidos pela mente de Innocencia, ao passo que seus olhos iam se erguendo até fixarem-se em Cyrino, limpidos, grandes, abertos como que dando entrada para que elle lesse claro o que se passava em sua alma.

— Sinto-me tão bem, disse ella com metal de voz muito suave, tão leve de corpo, que parece que nunca mais hei de ficar *mofina*.

— Não, não de certo! exclamou Cyrino, nunca mais. Além disso aqui estou e...

Maria Conga, a velha negra, interrompeu com sua chegada aquelle começo de dialogo. Vinha da fonte com uma volumosa trouxa de roupa que pôz-se a estender em compridos bambús, assentes horizontalmente sobre forquilhas fincadas no chão.

Cyrino despedio-se então de Innocencia.

— Agora, disse elle pegando-lhe na mão, socegue um pouco: depois tome um caldo e... queira-me bem.

— Gentes! Porque não lhe *havéra* de querer? perguntou ella com ingenuidade. Mecê nunca me fez mal...

— Eu, retrucou Cyrino com fogo, fazer-lhe mal? Antes morrer... Sim... dona... de minha alma, eu...

E, sem concluir, disse repentinamente:

— Adeus!

Depois com passo lento foi sahindo e passou diante da janella, junto á qual ficára Innocencia sentada.

— Olhe, recommendou elle recostando-se ao peitoril, cuidado com o sereno...

— Nhôr-sim...

— Não beba leite...

— Mecê já disse...

— Coma só carne de sol...

— Já sei...

— Então, adeus... adeus, moça bonita!

E, com custo, despegou-se daquelle lugar, em que quizéra ficar, até que de velho lhe fraqueassem as pernas.

CAPITULO XV.

HISTORIAS DE MEYER.

> E' grande felicidade ter um filho prudente e sabio; mas quanto a uma filha é para um pai carga bem pesada.
>
> MENANDRO—Os primos.

Com a tarde voltaram Meyer, José Pinho e Pereira, acompanhado de seus tres avelhentados escravos, estes dos trabalhos agricolas, aquelles de grandes excursões entomologicas.

O mineiro vinha meio risonho e em altos gritos acordou Cyrino que, deitando-se a dormir, sonhára todo o tempo com a sua graciosa medicanda.

— Olá, amigo, olá, doutor! chamou Pereira com voz retumbante, isto é que é vida, hem? Emquanto nós trabalhamos, eu e o *Mochú* do José, você nesta cama de velludo!...

— E' verdade, concordou o moço, apenas os Srs. sahiram, estendi as pernas e até agora enfiei um somno só...

— E o remedio da menina? perguntou Pereira abaixando a voz.

— Ora, Sr., e eu que me esqueci!... Não faz mal... se ella não teve febre.... Ah! espere... agora me lembro!... Eu lh'o dei... estou ainda tonto de somno.

Pereira rio-se.

— Estes doutores matam a gente, como se fosse cachorro do mato..... N'um momento passa-lhes da cachola se deram ou não mézinhas a christãos...

Vendo que Meyer sahira da sala, elle mudou repentinamente de tom e proseguio em voz baixa e muito rapidamente:

— Então sabe que o tal *allamão* levou todo o dia, querendo conversar sobre a menina?

— Devéras?

— E' assim... E... eu preso por aquelle offerecimento de leval-o a comer lá dentro!... Nada, nem que desconfie e arrenegue-se de meu modo... elle não me pisa em quarto de familia... Deus te livre!...

Com effeito á hora de ceiar, Meyer manifestou a sorpreza de comer na mesma sala, não que tivesse motivos para desejar outro qualquer local, mas, methodico como era, gravára na mente a promessa de Pereira e, por delicadeza, suppunha dever lembral-a.

As desculpas que o mineiro apresentou foram arranjadas de momento e ajudadas victoriosamente por Cyrino, que carregou com a responsabilidade de haver recommendado á enferma muito socego, quasi completa solidão.

Tambem o reconhecimento de Pereira manifestou-se de um modo muito expansivo.

— Estou conhecendo, disse elle em aparte e apertando as mãos de Cyrino, que o doutor é um homem sério com quem se póde contar.... Deixe estar... o Manecão ha de ser seu amigo... Isso... ha de sêl-o. Pessoas de bem devem se conhecer e se estimar... Ora, veja o tal *cujo*... que temivel, hem?... Não faz mal, elle ha de ter o pago.

Se Pereira mostrava-se inquieto, pelo contrario o naturalista parecia nadar em mar de rosas.

— Sr. doutor, declarou elle a Cyrino á mesa da ceia, estou muito contente com minha estada aqui.... Hoje achei mais bichinhos curiosos, do que em todas as zonas por que tenho andado....

— Vosmecê não imagina, interrompeu Pereira dirigindo-se a Cyrino, o que faz este senhor quando está dentro do mato. Ha de ainda quebrar o pescoço em algum barranco em que se atire, pois caminha sempre com as ventas para o ar.... Nem sei como não tem ambos os olhos furados.... não repara em galhos nem em nada.... o que elle quer é pôr a mão nos *anicetos*.... Eu já o avisei umas poucas de vezes; agora, sua alma, sua palma....

As advertencias do mineiro eram judiciosas e bem cabidas, tanto assim que n'uma das tardes seguintes voltou Meyer todo arranhado e com um tal gilvaz na cara, que immediatamente deu nas vistas de Cyrino.

— Que foi isto, Sr. Meyer? perguntou elle com admiração. Andou o Sr. aos trambolhões com alguma onça?

— Oh ! não é nada, respondeu fleugmaticamente o allemão.

— E sua roupa vem suja de barro.... toda rota....

Pereira desatou a rir.

— Isto são historias deste homem.... Eu bem lhe dizia que tinha de acontecer. Meu amigo não sabe do dictado ?... Fie-se na virgem e não corra, e verá o tombo que leva.... Tambem foi um dia em que me ri a mais não poder... Tomei um fartão.... Imagine vosmecê que o tal Sr. Meyer, como eu já lhe contei, anda pulando dentro da mata como se fosse um veado mateiro.... O José Pinho, que é mitrado, vai sempre pela estrada limpa....

— Preguiçoso, atalhou Meyer a modo de observação.

— Juizo tem elle, proseguio o mineiro; mas, como ia dizendo, cá o Sr. com seus trancos e saltos parece anta disparada. Era apparecer um bichinho voador, zás, trás que darás, lá ia elle, sem olhar para os páos, podendo pisar em cobras e espinhos, com aquella rede na mão e tanto fazia que agatanhava sempre o animalejo... Eu fui para a roça e o homem furou o mato, emquanto José buscou uma sombrinha e pôz-se logo a roncar como um perdido....

— Eu, não Sr., protestou José Pinho, que queria ouvir a historia.

— *Vóce*, sim, corroborou Meyer com tal ou qual energia, preguiçoso !... Ande.... dê cá a pita.

— Pois bem, continuou Pereira, o *Mochú* voltou dahi a duas horas neste estado pouco mais ou menos, mas trazia uma caixa cheia de bichos do mato....

— Ah! perguntou Cyrino, e são bonitos?

— Não ha mais nada, replicou Meyer com tom dolente, o trabalho ficou perdido!... Eu tinha apanhado cinco especies novas... Uma quéda....

— Deixe-me contar o caso, atalhou Pereira. Oh! eu me ri.... eu me ri....

E, para confirmar a asserção, pôz-se novamente a dar gargalhadas, que foram acompanhadas por José Pinho e por Meyer, da parte deste com menos expansão comtudo.

— O *Mochú* appareceu-me muito contente e me mostrou a sua caixa, como se tivesse o rei na barriga. Era uma *immundicie* de besouros e até cigarras.... tinha de tudo. Depois, quando nós voltavamos da roça, elle enchergou n'um páo pôdre um *aniceto* vermelho e foi correndo a apanhal-o. Eu lhe bradei: — Olhe, que ahi tem barranco; a arvore é *caroavel* de *óco* (1) e vosmecê rola no despenhadeiro, que nem sua alma se salva. — Qual! O homem é teimoso, como um cargueiro empacador.... Eu lhe gritava: — Tome tento, *Mochú!* — Elle pôz-se a caminhar em cima da *sipoada* que cobria a boca de um *percipicio*, fundo como tudo neste mundo.... Quando ia botar a mão no tal bicho encarnado, encostou-se ao páo e... zás...

(1) E' sujeita á podridão.

afundou-se, dando um grito esganiçado que parecia de cotia. Mal teve tempo de agarrar-se aos sipós e alli ficou entre a vida e a morte, chamando *Júque, Júque* !... Eu, quando vi isto, mandei a toda pressa buscar na roça uma vara comprida e se ella não chega logo, o Sr. Meyer e toda a sua bicharada rolavam de uma vez naquelles fundões....

— Não, rectificou o allemão, bicho rolou : caixa abrio e tudo cahio no fundão....

— Pois bem, o *Mochú* segurou-se com unhas e dentes ao páo e nós o puxámos devagarinho, devagarinho, com um medo, um medo !... Maria Santissima !...

Fazendo breve pausa :

— O mais engraçado ainda não chegou, avisou o mineiro. Ah ! vosmecê vai tomar uma boa *data* (1) de riso. Quando o *Mochú* ganhou pé em terra, pôz-se a pular como um cabrito adoidado, por aqui, por acolá, pulo e mais pulo e gritando como se o estivessem esfolando.... Estava.... cheio de formigas *novatas* ! (2)

— Sim, exclamou Meyer com desespero, formiga de páo pôdre !... *Mein Gott!*... Eu rasgo a roupa.... eu pulo.... eu gemo.... fico nú, como quando minha mãi me botou no mundo !... Horrivel cousa !... Formiga do diabo !... Faz calombo em todo meu corpo !... Muita dôr !...

(1) Porção, quantidade.

(2) A dentada dessas formigas é muito dolorosa. Provém o seu nome, de que novatos são aquelles que se deixam morder por ellas.

Pereira, Cyrino e José Pinho acolheram com novas gargalhadas estas virulentas imprecações.

— Podéra, observou o mineiro, isto cural-o de sua mania de não ouvir os outros que conhecem as cousas.

E, voltando-se para Cyrino :

— A verdade é que o corpo delle.... Que corpo, Sr. doutor, tão *arvo!*... ficou todo empolado que foi preciso esfregal-o com folhas de fumo. Depois elle tomou um banho no ribeirão....

— Tudo estava muito bom, observou Meyer, se caixa não abre e atira no buraco meu trabalho....

— Ora, ficará para amanhã, consolou-o philosophicamente e com familiaridade o camarada.

Pereira, acalmado o frouxo de riso, approximára-se de Cyrino e lhe fallava a meia voz:

— Ah ! doutor, tive uma vontade de deixar este *allamão* sumir-se no socavão !... Se não fosse meu hospede, emfim, e recommendado de meu mano, palavra de honra, eu o *pinchava* no inferno... Não sou nenhum *pinoia* (1)....

— Mas porque? indagou Cyrino simulando admiração....

— Ainda o Sr. me pergunta?... Porque o homem não me faz senão fallar em *Nocencia!*... Me disse outra vez que ella era muito bonita e outras cousas... perguntou se estava casada, se não; que era preciso casar as mulheres para bem dellas....

(1) Homem fraco.

Eu lá sei o que mais?... Isto é um bruto perdido.... um namorador!...

— Qual, Sr. Pereira!...

— E' o que lhe digo!... Por acaso sou cobra de duas cabeças (1) que não veja?!... Ah! que peso que uma filha!... E então uma menina que já está apalavrada.... Isto é uma *anarchia* (2)! Que diria meu genro, o Manecão!...

— Não poderá dizer nada, retrucou o moço. E que diga, não faltará quem queira sua filha....

— Louvado Deus, não, de certo! Eu é que não quero que ella ande de mão em mão.... Ou casa com o Dóca, ou....

— Ou.... o que? perguntou Cyrino com inquietação mas fingindo pouca curiosidade.

— Ou mato a quem vier lhe virar a cabeça.... Commigo ninguem ha de tirar farofa!... E não hei de ter mil cuidados, quando vejo este *estranja* estar com suas macaquices a dar no fraco das mulheres?...

— Por ora, elle nada fez....

— Por ora.... só leva a fallar na pobre menina que a Sra. Sant'Anna guarde sempre!... Adivinhasse eu e, macacos me mordam, se elle punha os olhos em cima de *Nocencia*.... Chamei o José Pinho, proseguio elle em voz mais baixa, e dei-lhe uns toques. — Então, disse-lhe eu, seu patrão é o

(1) E' crença geral que umas cobras que vivem dentro de terra fôfa têm duas cabeças e não têm olhos.

(2) Desmoralização.

diabo com mulheres, hem? Elle que é muito *ladino* (1), respondeu-me logo—Nhôr-não.—Assumptei a *embromação* (2). — Qual, você, carioca, tem levado areia nos olhos.— Eu ? ... não é capaz....
— Então você não tem visto o que faz seu patrão?
— Elle tem sido um santo, retrucou o espertalhão. No Rio, sim — Na côrte? — Nhôr-sim, na côrte. Elle ia todas as noites para uma casa de bebidas e lá estava petiscando e conversando com mulheres de vida alegre, muito bonitas, *bem limpas* .... algumas com o pescoço e os braços á mostra....

— Elle contou isso? atalhou Cyrino com alguma duvida.

— Contou, affirmou Pereira. Vejam que homem! Hem? Isto é um *malquitrefe* !... Esta noite e d'ora em diante venho dormir nesta sala a ver se elle meche da cama. Ah! se eu pudesse!... cahia-lhe de *cala-boca* (3) em cima, que suas costellas ficavam em pedacinhos.

As historias imprudentes de José Pinho acabavam de pôr a ultima pedra ao edificio de desconfiança que a imaginação de Pereira tão depressá erigira em desconceito de Meyer. O que nellas havia de verdadeiro, eram tão sómente algumas horas de lazer que, durante sua estada no Rio de

(1) E' um qualificativo muito usado em todo o interior do Brasil.

(2) A mentira, o engano.

(3) Assim chama-se em Minas um cacete curto e grosso.

Janeiro, o naturalista consagrára ao consumo da cerveja no café *Cidade de Coblentz*, e nas quaes entretivera risonhas, bem que innocentes conversas com pessoas do sexo feminino, frequentadoras daquelle estabelecimento e de costumes não muito rigorosos.

CAPITULO XVI.

O EMPALAMADO.

> Os homens habeis são sempre procurados, e estamos ao facto de vossa capacidade.
>
> MOLIÈRE — O medico á força.

Conforme o promettido, trouxe Pereira a sua rede para a sala dos hospedes e, encetando um modo de vigilancia muito especial, ainda que em todo o caso perfeitamente inutil em relação á pessoa suspeitada, associou os roncos sonoros de seu peito á ruidosa respiração de Meyer.

Se, comtudo, os seus olhos não tivessem a venda da confiança, ou melhor se o somno não os acommettesse habitualmente com tamanho imperio, naturalmente e em pouco tempo houvéra sua attenção sido chamada para o estado de exagitação que dominava Cyrino.

Na verdade, o modo por que este passava as noites era de natureza a fazer nascer suspeitas no espirito mais desprevenido. Ou revolvia-se na cama, dando mal abafados suspiros, ou então sahia para o terreiro e ahi punha-se a passear e a fumar cigarros de palha uns atrás dos outros, até que os gallos,

trepados na cumieira da casa e nas arvores mais proximas a ella, annunciassem as primeiras barras do dia.

Uma paixão desabrida enchia o peito daquelle moço; dessas paixões repentinas, explosivas que se apoderam de uma alma, a enleiam por toda a parte, a suffocam como as serpentes de Minerva a Laocoonte. Conhecedor, como era, dos costumes do sertão, do jugo absoluto dos preconceitos, antevia tantas difficuldades que, se de um lado desanimava, de outro mais sentia avigorar-se o nascente e já tão violento affecto.

— Deus me ajudará, pensava comsigo mesmo: o que só quero é a amizade de Innocencia.... Ha dias que não a vi... se não puder mais vêl-a... dou cabo da vida....

Seu coração sublevava-se: o sangue gyrava-lhe com rapidez vertiginosa nas veias e vinha toldar-lhe a vista, trazendo ondas de calor ao rosto.

— Nossa Senhora da Abbadia, implorava elle puxando os cabellos de desespero, valei-me neste apuro em que me vejo! Dai-me ao menos esperanças de que aquella menina poderá querer-me bem.... Não desejo mais nada... Possa este fogo que me consome abrazar tambem o seu coração!....

Esta fervorosa prece feita á santa da especial devoção de toda a provincia de Goyaz costumava acalmar um pouco o mancebo, que alquebrado de forças pegava no somno para acordar instantes depois sobresaltado e cada vez mais abatido.

Tambem estava sempre de pé, quando Pereira costumava saltar da rede.

— Oh! observou elle da primeira vez, isto é que se chama madrugar!

— Pois é fóra de meu costume, replicou Cyrino, tenho passado mal todas estas noites....

— Na verdade vosmecê não está com boa cara...

— Creio que me entraram no corpo as maleitas.

— Essa é que é boa! Então o doutor foi *emprestar* (1) da doente a molestia?.... Olhe, é preciso pôr-se forte, porque hoje mesmo hão de chegar doentes para vosmecê *inziminar*.

— Melhor...

— Já está tudo espalhado por ahi de sua chegada e a romaria não ha de tardar.

— Cá a espero....

— Naturalmente o Coelho virá primeiro... E' uma occasião de pagar sua divida... Não tenha receio de pedir mais caro....

— Pretendo daqui mesmo despachar um proprio para vêr-me livre dessa idéa......

(1) *Emprestar* de alguem, por tomar emprestado ou pedir emprestado a alguem, é locução muito corrente em todo o sertão de S. Paulo, Minas Geraes e Mato Grosso. E' um legitimo gallicismo, por isso que, com a simples modificação da preposição *à* em *de*, corresponde perfeitamente ao verbo *emprunter*.

O autor recorda-se da admiração com que ouvio uma pessoa da villa de Miranda, aliás de alguma leitura, dizer-lhe: — Venho ter com o Sr. para emprestar 20$000 — Mas não preciso, retorqui-lhe — Não; sou eu quem precisa. Eu empresto do Sr.— Ah! o Sr. vem pedir-me emprestados 20$000, não é?— Pois foi o que eu lhe disse desde principio. — Não querendo encetar uma discussão philologica, o autor sacou do bolso o dinheiro pedido, o qual, para fazer justiça a quem *emprestava*, isto é, pedia emprestado, foi pontualmente pago no prazo promettido.

— Isto mostra que o Sr. é pessoa de brio... Não é como certa gente que conheço....

Ao dizer estas palavras, Pereira voltou-se para Meyer e contemplou-o attentamente.

O allemão estava na verdade digno de exame, posto ainda de parte outro qualquer motivo que não fôra o de simples curiosidade.

Dormia com os braços e pernas abertos e cahidos para fóra do estreito leito de canastras: tinha o queixo muito levantado pela posição incommoda da cabeça, e a boca meio aberta deixava vêr uma fileira de excellentes dentes.

— Está roncando, hem? murmurou o mineiro. *Cavouqueiro*.... a mim você não engana, mas é o mesmo!

As prevenções de Pereira iam tomando proporções de idéa fixa e Meyer, na simplicidade da ignorancia, como que de proposito fornecia elementos para que ella mais e mais se arraigasse.

Assim, ao almoço, lembrou-se de perguntar entre duas enormes colheradas de feijão:

— E sua filha, Sr. Pereira? Como vai? *E'* melhor?

— E' melhor o que, *Mochú*? exclamou o pai com máo modo.

— Saude della é melhor?

— Está melhor; está, está, respondeu Pereira muito seccamente. Está boa... vai fazer uma viagem...

— Viagem; para onde?... E' para a villa?

— Homem, *Mochú*, observou o mineiro um tanto

desabrido, vosmecê está como mulher velha. Quer saber de tudo...

Meyer, nessa reprehensão que lhe causou vexame e alguma admiração, só vio estranheza á sua curiosidade, falta que confessou com toda a nobreza, bem que aggravando a situação:

— E' verdade, Sr. Pereira, disse elle. Boa educação não manda o que eu fiz.. mas me desculpe, me desculpe.. Sua filha é tão interessante.. que eu me lembro sempre della... Tenho mesmo uns presentes...

— Guarde-os, rosnou Pereira abafando a reflexão n'um accesso de tosse e para evitar a continuação da conversa deu por finda a refeição, levantando-se da mesa.

— Ahi vem o Coelho, doutor, exclamou elle olhando para fóra. Chi! como está amarello!... Ha tempos que eu não o via... parece uma alma do outro mundo.. E' o tal em quem fallámos.. Aperte-o, porque é *mofino* como que...

E interpellando a quem chegava, gritou:

— Bons olhos o vejam!.. Se não fosse, amigo Sr. Coelho, ter medico em casa, nunca *havéra* de vel-o por cá; não é?

— Ora, respondeu o outro com um gemido, ando sempre tão doente. Nem faz gosto.... Mas *quê* delle, o homem?

— Está aqui..

— Já me disseram que faz milagres. Deixou nome para lá das Parnahybas... Sabia?

— Lá que elle tivesse deixado nome, não; mas

que é *cirurgião* de patente, tenho certeza, porque n'um abrir e fechar de olhos pôz-me de pé uma pessoa de casa.

— Se elle me curar...não sei mesmo como agradecer-lhe.

— E pagal-o, concluio Pereira como advogado dos interesses do seu hospede.

— Sim, como... pagal-o, confirmou o outro com alguma hesitação.

— Em todo o caso, desça de seu animal.

Pouco depois entrava na sala e cumprimentava a Cyrino e a Meyer a pessoa a quem o mineiro chamára Coelho. Era homem já de idade, muito mais quebrantado por enfermidades do que pelos annos: tinha a testa enrugada, as bochechas meio inchadas, os labios quasi brancos e os olhos empapuçados.

— Qual dos senhores é o doutor? perguntou elle.

— Sou eu, respondeu Cyrino revestindo-se de um ar de importancia, ao passo que Meyer apontava para elle, cedendo talvez direitos que podesse contestar.

Pereira interveio com amabilidade.

— Sente-se, Sr. Coelho, disse elle. Não ponha-se logo a fallar de molestias...Isso não vai de afogadilho....Descanse um pouco...Olhe, já almoçou?

— O pouco que como, retrucou o outro, já está comido.

— Pois bem, primeiro ponha-se a gosto; depois então converse com o doutor.... Diga-me: que ha de novo pela villa?

— Que eu saiba, nada...Tambem ha mais de um mez, que de lá não tenho noticia....Já não me importo com o resto do mundo...Quem não tem saude, perde o gosto para tudo....E' mesmo uma calamidade...

Emquanto Coelho desenrolava outras queixas no mesmo sentido, Cyrino tirára da canastra o seu Chernoviz e algumas hervas seccas que depôz em cima da mesa.

— O Sr., declarou elle voltando-se para o doente, está empalamado.

— E'verdade, Sr. doutor.

— Eu que não sou *physico*, observou Pereira, diria logo isso...

— Chi, compadre! atalhou Coelho com impaciencia e impondo silencio.

— O Sr., continuou Cyrino com toda a imponencia, teve muitas maleitas annos seguidos; depois começou a sentir muito fastio, inchou todo e em seguida desinchou....Aos poucos foi perdendo a *sustancia* e o *talento*. (1)

— Tal e qual! murmurou Coelho seguindo com cautelosa attenção a marcha do diagnostico.

— Agora, o Sr. não póde comer, que não sinta affrontação, não é?

— Muita, Sr. doutor.

— Este homem, disse Pereira para Meyer, leu bastante nos livros....

(1) Como já dissemos em nota, talento é empregado como synonimo de força physica, robustez.

— Depois veio-lhe uma canceira que quando o Sr. anda lhe dá uns suores e uns tremores por todo o corpo....O baço está engurgitado e o figado tambem...De noite fica o Sr. sem poder tomar respiração, mais sentado do que deitado....As vezes tosse muito, uma tosse sem escarrar, como quem tem um pigarro....

— E'isso mesmo, exclamou o enfermo com quasi enthusiasmo.

— Pois, terminou Cyrino, como lhe disse já, o Sr. está *empalamado*.

— E não ha cura ? perguntou Coelho meio duvidoso.

— Ha, mas o remedio é forte.

— Com tanto que faça bem....

— Muita gente, replicou Cyrino, tenho já curado em estado peior que o Sr.; mas, repito, o remedio é violento...

— Tomarei tudo, declarou Coelho: ha annos que faço um horror de mézinhas e com nenhuma dellas me ageitei. Vamos ver....

Cyrino neste ponto mudou o tom de voz e olhando para Pereira :

— O Sr. sabe, disse elle, que meu modo de vida é este...

O mineiro applaudio com um movimento de cabeça aquella entrada em materia.

O mesmo não pensou Coelho, que tartamudeou:

— Ah!... Estou prompto... Sou pobre, muito pobre...

Pereira piscou um olho com malicia.

— Eu costumo, continuou Cyrino, receber o pagamento em duas *ametades*....

Depois acrescentou, corando fortemente:

— Se fallo nisso agora com esta especie de pressa, é porque tambem tenho precisão... Não acha, Sr. Meyer?

— Pois não, pois não, concordou o allemão: tem todo o direito.

— Meu amigo, corroborou Pereira, o Sr. não trabalha para o bispo, mas para ganhar a vida.

— Então, como lhe dizia, proseguio o moço dirigindo-se a Coelho, o Sr. me pagará no principio da applicação e no fim. Assim não ha enganos.... Serve-lhe?

— Que remedio! suspirou Coelho. Eu lhe darei... até trinta mil réis ... ou ... quarenta....

— Qual! retorquio Cyrino. Meu preço é um só.

— E a quanto monta?

— Cem mil réis (1).

— Cem mil réis!? exclamou Coelho.

— Cincoenta no principio; cincoenta no fim.

O doente gemeu surdamente.

— Ora que é isso para você, compadre? interveio Pereira. Um atilho de milho para quem tem uma tulha de massarocas (2)!...

— Nem tanto, nem tanto, observou o outro.

(1) E' o preço por que um curandeiro queria curar um empalamado, por cuja fazendola passámos em Julho de 1867 nesse mesmo sertão de Sant'Anna.

(2) Corresponde ao adagio do Rio Grande do Sul: O que é um boi para quem tem uma estancia?

— Deixe-se de historias, continuou Pereira. Se vosmecê não tivesse seus patacos eu diria ao amigo Cyrino :— Olhe que este é dos nossos, não tem onde cahir morto—e elle o *havéra* de curar de graça... não é ?

— De certo, de certo, declarou Cyrino com muita promptidão.

— Mas com vosmecê o caso é *defronte* (1). D'outra maneira, porque razão havia um cirurgião de andar por estes *socavões*? Elle quer tambem *bichar* um pouco.... E' muito justo...

— Cincoenta... mil... réis, balbuciou Coelho ; assim de pancada...

— Se o medico o cura, disse Meyer mettendo-se na conversa, é negocio da China.

Cyrino por dignidade propria nada dizia e estava folheando o Chernoviz, cujas paginas mostravam continuado manusear. Algumas dellas tinham até notas e observações á margem.

Assim no artigo *oppilação* ou *hypoemia intertropical* havia Cyrino escripto ao lado: E' o que se chama no sertão *molestia de empalamado*. E no fim fizera uma grande chave para encerrar esta ousada e peremptoria sentença: « Todos estes remedios não servem. Sei de um muito violento, mas que é seguro. Foi-me ensinado por Mathias Pedroso, curandeiro da villa do Prata, no sertão da Farinha Podre, velho de muita pratica e que conhecia todas as raizes do mato e hervas do campo. »

(1) Differente.

— Pois bem, disse Coelho por fim e depois de grandes hesitações, o negocio está fechado. Mas, olhe que entra no pagamento o preço das mézinhas, e as visitas hão de ser feitas em minha casa....

— Não haja duvida, concordou Cyrino; irei á sua fazenda todos os dias... Não é longe daqui?

— Nhôr-não.... Duas leguas pequenas, indo pela estrada.

— Bem. O Sr., em voltando á casa, metta-se logo na cama.

Coelho fez signal que obedeceria.

— Depois, continuou o moço, ha de se purgar com estes pós que lhe estou mostrando. Tome isto em duas porções; ha de fazer muito effeito: depois descanse dous dias ou tres, se se sentir muito fraco: em seguida....

E, parando de repente, encarou Coelho alguns instantes.

— O Sr. mesmo quer curar-se?

— Oh! se quero!

— E tem confiança em mim?

— Abaixo de Deus, só mecê póde salvar-me.

— Então tomará ás cegas o que eu lhe mandar?

— Até ferro em braza.

— Olhe bem no que diz.... Não gosto de começar a tratar para depois parar....

— Não tenha esse medo commigo.... Viver como vivo, antes morrer....

— Então, acabados os dias de socego, o Sr. ha de tomar uma boa *data* de leite de jaracatiá.

— Jaracatiá!? exclamaram com assombro o doente e Pereira.

— *Jarracatiá*?! bradou por seu turno Meyer arregalando os olhos, que é *jarracatiá*?

— Mas isto vai queimar as tripas do homem, observou o mineiro.

Cyrino replicou algum tanto offendido:

— Não sou nenhuma criança, Sr. Pereira. Sei bem o que estou dizendo. Este remedio é segredo meu, muito forte, muito daninho, mas não é nem uma, nem duas vezes o quanto tenho curado com elle *empalamados*. A cousa está todo no modo de dar o leite e na quantidade: por isso é que não faço mysterio da receita; entretanto uma porçãosinha mais do que o preciso, e o doente está na cova...

— Salta! atalhou Pereira, tal mézinha não quero eu... antes ficar *empalamado*...

— Que é *jarracatiá*? tornou a perguntar Meyer.

Coelho abaixára a cabeça e parecia estar meditando.

Depois com voz melancolica:

— O dito está dito, declarou elle, aceito o que vosmecê me der. Tudo quanto fizer, está bem feito.... Como é que tomarei o jaracatiá?

— Em tempo lhe direi, replicou Cyrino. Fazem-se tres córtes no pé da arvore e deixa-se correr o primeiro leite: eu mesmo hei de recolher o que fôr bom. Tenho toda a confiança que o Sr. ficará são.... Bem sabe, ninguem em negocio de molestia, mas do que em outro qualquer, póde nunca dizer: isto ha de ser assim ou *assado*... Todos estão

nas mãos de Deus. Elle é quem manda que a molestia saia do corpo ou que atire a gente na sepultura. Todo o bom christão conhece isso e deve conformar-se com a vontade divina... O que o medico faz é ajudar a natureza e dar a mão ao corpo que póde e quer ainda levantar-se...

— Justo, justo! apoiou Meyer, que estava picando um formoso coleoptero.

— Assim tambem entendo, disse o mineiro.

— Mas que é *jarracatiá*, Sr. Pereira? insistio o allemão.

Pereira voltou-se para elle com impaciencia:

— E' uma arvore, Sr. Meyer, arvore grande de folhas cortadas que dá umas especies de mamõesinhos, que têm muito leite.... e queimam os beiços, quando se os come sem cuidado. E' uma arvore, ouvio?... Uma arvore! (1)

— Ah! exclamou o allemão concertando a garganta.

Neste tempo sacou Cyrino da canastra outros remedios e passou-os a Coelho, dando-lhe minuciosas informações do modo por que havia de usar delles.

—Tem muito enjôo quando come? perguntou o mancebo.

(1) A receita do leite de jaracatiá para cura de hypoemia é veridica e causou-nos grande admiração, quando a ouvimos aconselhada por um medico do sertão.
Pareceu-nos tão absurda, que dissuadimos a pessoa que devia, conforme sua resolução, executal-a dahi a dias. Entretanto um medico abalisado a quem contámos o caso, declarou-nos que talvez fôra de proveitosa applicação.

— Muito, Sr. doutor.

— Assim é, mas deixe estar: depois do leite de jaracatiá volta-lhe a *appetencia*. Nos primeiros tempos o Sr. ha de só beber claras de ovos bem batidas. Depois irá pouco e pouco tomando mais alimento.

— Deus o ouça....

Pereira levantára-se e, chegando-se á porta, annunciou:

— Ahi vem gente... Estou ouvindo passos de animal montado... Sem duvida é algum pobre *engorovinhado* de doença. Isto de molestias, não faltam no mundo. Tambem ha tanta maldade, que não podéra ser por menos.

Depois de ligeira pausa, elle acrescentou com tom de sorpresa:

— Hi! meu Deus!.... Nossa Senhora nos soccorra... Sabem quem vem chegando?... E' o Garcia que está com o *mal* (1) ha mais de um anno e não quer crêr na desgraça... Coitado, elle sem duvida vem comprar o desengano... Tenho muita pena dessa gente.... mas, devéras, não a quero vêr na minha casa... Vamos, Sr. doutor, despache o Garcia depressa. Com lazaros não se brinca. A Senhora Sant'Anna de tal nos livre. Nem olhar é bom.

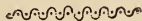
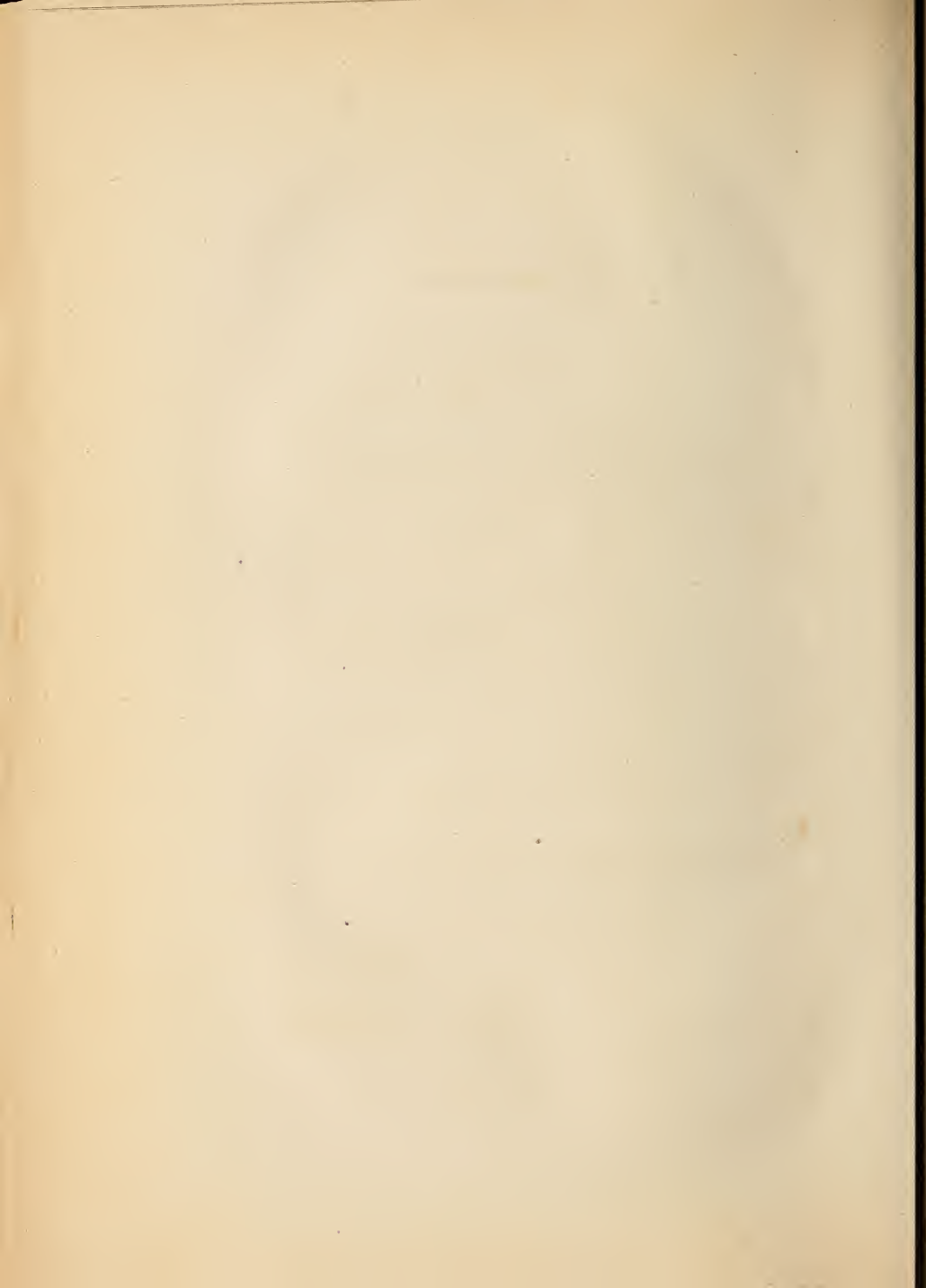
E, Pereira, voltando-se para dentro, pedio apressadamente:

— Não deixe o homem *desapear*, doutor: depois ficava eu com desgosto de ter que fazer alguma

(1) Mal de S. Lazaro.

desfeita. Pelo amor de Deus, vá lá fóra... Veja o que elle quer... e dê-lhe boas tardes de nossa parte... Olhe, está chamando.... Saia! saia!

Com effeito ouvio-se uma voz perguntar se estava em casa o Sr. Pereira.

Este, vendo que Cyrino não se apressava conforme os seus desejos, ou temendo que o recem-chegado entrasse na sala, appareceu immediatamente á soleira da porta e respondeu com seccura ao cumprimento de chapéo que lhe faziam e á saudação que lhe dirigiam.

CAPITULO XVII.

O MORPHETICO.

O leproso. — Interesse?! Ah! nunca inspirei senão compaixão....
O militar. — Quão feliz fôra eu, se pudesse dar-vos algum consolo!....

XAVIER DE MAISTRE — O leproso de Aosta.

Não devo ter sociedade senão commigo mesmo; nenhum amigo, senão Deus! — Generoso estrangeiro, adeus, sêde feliz — Adeus para sempre!....

IDEM.

A pessoa que chegára, bem que se tivesse apeado, não adiantou-se ao encontro do dono da casa. Pelo contrario como que recuou, conservando-se depois immovel, encostado ao seu burrinho, cujas redeas segurava. .

Pereira, do seu lugar, perguntou-lhe com tom não muito prazenteiro:

— Então, como vai, Sr. Garcia?

— Como hei de ir? respondeu o interpellado. Mal.... ou melhor, como sempre.

— Pois esteja certo que muito sinto o que me diz.

— O cirurgião está aqui? indagou Garcia.

— Elle não tarda a vir vêl-o cá fóra.... Olhe, é um instante....

Palavras tão crueis não pareceram fazer mossa no desgraçado.

— Eu o esperarei com toda a paciencia, replicou elle melancolicamente.

— Já sei que volta hoje para sua casa, disse Pereira.

— Volto. Se a noite me pegar em caminho, ficarei no pouso das Perdizes.

— E' verdade: lá tem uma tapéra. Mas o Sr. não tem medo de almas do outro mundo? Dizem que aquelle rancho velho é mal assombrado.

— Eu?! exclamou o infeliz. Só tenho medo de mim mesmo. Quizesse um defunto vir brincar um pouco commigo, e eu de agradecido lhe beijava os dedos roidos dos bichos. Olhe, Sr. Pereira, continuou elle com voz um pouco alta e agoniada, não levo a mal o Sr. não me convidar para entrar na sua casa; porque eu, no seu caso, havia de fazer o mesmo.

— Oh! Sr. Garcia! quiz protestar Pereira.

— Não;... lhe digo isto de coração... Na minha familia sempre tivemos nojo de lazaros.... Eu sou o primeiro... O Sr. não imagina.... Vivi muitos annos com desconfiança.... A ninguem contei o caso.... De repente appareceu o *mal* fóra... Já não era mais possivel enganar, nem a um cego.... Ah! meu Deus, quanto tenho soffrido!...

— Permitta Elle, interrompeu Pereira com tom

compassivo, que este doutor tenha algum remedio.
Bem vê... ás vezes....

— Curar morphéa?! replicou Garcia com riso pungente de sarcasmo. Não ha esse *pintado*.... que pense em tanto....

— Então para que quer vêr o medico? replicou o mineiro.

— Para uma só cousa.... Saber pelos livros que elle tem lido e pelo conhecimento das molestias, se isto péga... E' só o que eu quero.... Porque então fujo de minha casa... Desappareço desta terra... e vou-me arrastando até cahir em algum canto... Uns dizem que péga... outros que não.. que é só do sangue... Eu não sei...

E abanando tristemente a cabeça, apoiou-se ao tosco sellim.

Depois, erguendo os olhos para os céos, exclamou:

— Cumpra-se tudo quanto Deus Nosso Senhor Jesus Christo tiver determinado!... Se o medico me desenganar, não quero que minha gente fique toda... marcada... Irei para S. Paulo...

Pereira cortou este doloroso dialogo.

— Está bem, Sr. Garcia, disse elle, vou lhe mandar o homem.

E entrando para dentro reiterou o pedido a Cyrino, que se demorára a receitar a Coelho umas beberagens de *velame* e *pés de perdiz*, plantas muito abundantes naquellas localidades e que deveriam ser empregadas um mez depois da applicação do leite de jaracatiá.

— Ande, doutor, avisou Pereira, vá lá fóra vêr

o coitado do outro e despache-me elle, que estou *enfernizado* de vel-o no terreiro.

Cyrino sahio então e, caminhando com lentidão, parou a alguns passos do malaventurado Garcia.

O rosto deste contrahio-se repentinamente, ao passo que elle descobria-se com humildade e receio.

Vinha então a tarde descendo, e a luz do crepusculo irradiava por toda a parte, tão melancolica e suave que, sem saber pelo que, a alma de Cyrino confrangeu-se dolorosamente.

O lazaro encarava-o com assombro. Diante delle erguêra-se quem lhe ia apontar o caminho da eterna proscripção. Daquelles labios ia cahir a sentença ultima, irremediavel, fatal !

Oh ! quanta angustia no olhar daquelle homem ! Quantos pensamentos tetricos ? ! Quanta dôr !

Tambem ficava elle attonito, boqui-aberto, á espera de que a palavra de Cyrino lhe quebrasse o horroroso enleio.

— Então, disse este depois de breve pausa, que quer o Sr. ?

— Doutor, balbuciou Garcia , eu ... primeiro... quero lhe... pagar... trouxe algum... dinheiro... mas, talvez... seja... pouco.

Cyrino interrompeu-o.

— Não recebo dinheiro para tratar... de sua molestia.

— Isto quer dizer, replicou com acabrunhamento Garcia, que ella não tem cura... Eu bem sabia, mas... é tão duro ouvir-se sempre isso....

Olhe, o meu mal é de pouco... está em principio.
Quem sabe... se o Sr. conhecerá hervas ?...

— Infelizmente, respondeu Cyrino, nem eu, nem ninguem conhece taes plantas....

— Emfim !

E Garcia, fechando os olhos como que para concentrar as forças, continuou:

— Ah ! doutor, eu sou um pobre homem... velho já e cansado... Porque não me veio a morte em lugar desta podridão que me come as carnes ?... Muito tempo eu a senti em mim... Disfarcei, disfarcei até o dia, em que minha neta... a filha de meu coração... a Jacintha... ella mesma, mostrou medo de me abraçar... Ah ! Sr. quanto se soffre !

E Garcia parou offegante e empallidecendo muito.

— Me dê agua, exclamou elle, agua... pelo amor de Deus !... Podesse agora... ser meu dia... Minha garganta... está que nem fogo !...

E agarrou-se aos arreios para não cahir no chão.

Cyrino correu a buscar agua.

— Onde ha de ser ? perguntou Pereira.

— Onde queira, respondeu o moço com pressa, mas... veja que aquelle christão está soffrendo...

— Ah ! leve a canéca de louça... Nós a quebraremos depois....

O lazaro agarrou o vaso com sofreguidão, bebeu de uma assentada e pareceu melhorar.

— Foi um vágado, disse elle reassumindo aos poucos a calma. Mas, como lhe contava, certeza tinha eu do mal. Agora só quero saber uma cousa e vou-me de partida. Este mal... péga ?

— Péga, affirmou Cyrino com imposição.

— E o que me resta fazer?

— Pedir á Senhora Sant'Anna paciencia e a Nosso Senhor Jesus Christo....

Garcia descobrio-se acabrunhado.

....que o proteja na sua vida de desgraças.

— Meu Deus, balbuciou o morphetico a meia voz, dai-me forças... coragem para que eu faça o que devo fazer.

E, como que tomando subita resolução:

— Cumpra-se a vontade do Altissimo, exclamou elle. Doutor, obrigado. O pobre lazaro ha de pedir ao Senhor para que Elle lhe pague neste mundo e no outro as suas palavras de homem de letras... Adeus!.. eu me vou para as terras de S. Paulo... talvez me junte á gente da minha especie... Adeus!

E, montando com custo a cavallo, voltou-se para as pessoas que tinham vindo assistir de longe á consulta.

— Adeus, disse elle acenando com o chapéo, gente e patricios. Sr. Pereira, Sr. Coelho, mais senhores, adeus! Eu me *bóto* para *lá* das *Parnahybas* (1)... Este sertão não me vê mais nunca!...

O silencio acolheu essas palavras de despedida.

Garcia então, esporeando com o calcanhar o ventre da cavalgadura, tomou rumo da estrada geral e sumio-se, quando a noite vinha já estendendo o seu lugubre manto.

(1) Isto é, para lá do rio Paranahyba. *Para cá* ou *para lá das Parnahybas* é phrase muito usada no sertão em que corre aquelle grande caudal.

CAPITULO XVIII

IDYLLIO.

> Mas que luz é essa que alli apparece naquella janella? A janella é o oriente, e o sol é Julieta. Sóbe, bello astro, e mata de inveja a pallida lua.
>
> SHAKSPEARE— Romeu e Julieta Acto II.

> Entretanto, desde algum tempo, Virginia sentia-se agitada por mal desconhecido... A serenidade não pousava mais em sua fronte, nem o sorriso lhe pairava nos labios... Ella pensa na noite, na solidão e um fogo devorador a abraza toda inteira.
>
> B. DE SAINT-PIERRE—Paulo e Virginia.

Sem novidade passaram-se os dias uns após os outros; Cyrino diagnosticando e curando, ou melhor receitando, Meyer augmentando cada vez mais a sua bella collecção entomologica, e feitorizado por Pereira, que tratava cautelosamente de mantel-o sempre no circulo de acção de seu poder visual.

O confidente de todos os receios era Cyrino.

— O *allamão*, dizia o mineiro, não me deixa pisar em ramo verde, mas tambem trago-o vigiado que

é um gosto... Se elle desconfiasse, teria medo até da sombra... Estou em brazas. Não sei porque não chega o Manecão Dóca... Quero pôr a carga no chão... Agora mais do que nunca devo casar *Nocencia*... Estas mulheres botam sal na moleira de um homem. Salta! E ainda isso tudo não é nada.

— Então espera muito breve o Manecão? perguntou Cyrino descorando.

— Não póde tardar... por estes dous ou tres dias quando muito... Elle vem de Uberaba e sem duvida por lá arranjou todos os papeis... Dei a certidão do meu casamento... a do baptismo da pequena... e adiantei dinheiro para as despezas... bem que elle *refugasse* de vexado.

— Então tudo está decidido? perguntou Cyrino com vivacidade.

— Boa duvida!.. Já lh'o tenho dito mais de uma vez. Hoje é cousa de pedra e cal... Se trato até o Manecão de filho... A honra desta casa é tambem honra delle.

— Mas sua filha?

— Que tem?

— Gosta delle?

— Ora se!... Um homemzarrão... desempenado. E ainda quando não gostasse, é vontade minha, e tudo está acabado. Para felicidade sua e, como boa filha, não tinha que piar.... Estou, porém, certissimo que o noivo lhe faz bater o coração... tomára já vêr o *cujo* chegado.

Já nesse tempo havia-se, como dissemos, res-

tabelecido de todo Innocencia, bem que Cyrino tivesse feito render o mais possivel a enfermidade. Mas quando o rubor da saude voltou á assetinada cutis da sertaneja, não houve mais pretexto a que agarrar-se, e as entrevistas curtas e graves de medico foram cortadas, mesmo para não desviar a attenção de Pereira da pessoa de Meyer.

Com o coração, pois, partido de dôr, declarou o moço que seus cuidados e sua presença tornavam-se completamente desnecessarios.

Passaram-se então semanas inteiras sem que elle pudesse pôr os olhos na bella namorada e com isso por tal modo exacerbou-se-lhe a paixão que, para encobril-a e disfarçar a sua excitação nervosa, a falta de appetite e pallidez extrema, teve novamente que recorrer a desculpas de molestia.

A incerteza em que se via, sem saber se seu affecto era partilhado, dava-lhe accessos de verdadeira angustia, que sobretudo no silencio das deshoras tocava as raias da exasperação.

Uma noite, em que havia luar embaciado por ligeira nevoa, a afflicção do moço tomou taes proporções que elle pretendeu fugir daquelle local de soffrimentos e incertezas logo pela manhã seguinte.

Assente uma vez nessa resolução sentio-se quasi calmo e impressionado pela serenidade nocturna, com mais tranquillidade pôz-se a pensar no seu caso.

Talvez fosse então mais de uma hora da madrugada. Os espaços pareciam illuminados por luz cer-

cada de um vidro fosco, luz branda, sem intermittencias no brilho, sem scintillações, serena e difundida igualmente por toda a atmosphera.

Os gallos haviam já cantado uma vez, e, ao longe, muito ao longe, ouvia-se de vez em quando o clamor das anhumas-pócas.

Cyrino de repente levantou-se.

Depois de alguma vacillação deu volta a toda a casa, pulando os cercados, e tomou rumo do frondoso laranjal, em cuja sombra escondeu-se por algum tempo.

Em seguida achegou-se á cerca dos fundos da casa e parou no meio do pateo, olhando com assombro para uma janella aberta.

Um vulto ahi estava e era o della; era Innocencia, não havia duvidar.

A principio nenhum movimento fez, mas depois retirando-se lentamente, fechou aos poucos o postigo.

Cyrino deu um só pulo e de leve bateu tres pancadas na taboa da janella.

— Innocencia!... Innocencia!... chamou elle com voz surda mas ardente e cheia de supplica.

Ninguem lhe respondeu.

— Innocencia, implorou o moço, olhe... abre... tenha pena de mim... Eu morro por sua causa...

Depois de breve tempo que a Cyrino pareceu um seculo, a janella só abrio-se a medo, e appareceu a moça toda assustada, sem saber por que razão ahi estava e como se movêra aquelle postigo.

Quiz, no entretanto, dar um colorido qualquer á

situação, e, fingindo-se admirada, perguntou muito baixinho e a balbuciar:

— Que vem... mecê... fazer aqui?... Eu... já... estou boa.

Cyrino da parte de fóra agarrou-lhe nas mãos.

— Oh! disse elle com fogo, doente estou eu agora... Sou eu que vou morrer... porque você me enfeitiçou e não acho remedio para meu mal.

— Eu... não, protestou Innocencia.

— Sim... você que é uma moça como eu nunca vi... Seus olhos me queimaram... Sinto fogo dentro de mim... Já não como... não vivo... só quero é vel-a... e amal-a... Não conheço mais o que é somno e nesta semana fiquei mais velho do que em muitos annos havia de ficar... E tudo porque, Innocencia? Você bem sabe...

— Eu não sei, não, respondeu a menina com ingenuidade.

— Porque eu amo a você...

— Ué, exclamou ella, pois amor é soffrimento?!

— Amor é soffrimento quando a gente não sabe se sua paixão é aceita, quando não se vê a quem se adora: amor é o céo, quando se está como agora eu estou.

— E quando se está longe, perguntou ella, o que é que se sente?..

— Sente-se uma dôr cá dentro que parece que se vai morrer... Tudo causa desgosto: só se pensa na pessoa a quem se quer, a todas as horas do dia e da noite, no somno, na reza, quando se ora á Nossa Senhora, sempre ella, o bem amado... e...

— Oh! interrompeu a moça com singeleza, então eu amo...

— Você? indagou Cyrino sofregamente.

— Se é como... mecê diz...

— E'... eu lhe juro!...

— Então... eu amo, confirmou Innocencia.

— E a quem?... Me diga: a quem?

Houve uma pausa, e a custo ella retrucou, ladeando a questão:

— A quem me ama.

— Ah! exclamou o joven, então é a mim... é a mim, com certeza; porque ninguem neste mundo, ninguem, ouvio? é capaz de amal-a como eu... Nem seu pai... nem sua mãi, se viva fosse... Deixe fallar seu coração... se quer me vêr fóra deste mundo... diga que não sou eu, diga!...

— E como ia mecê morrer? atalhou ella com receio.

— Não faltam páos para enforcar-me, nem agua para afogar-me.

— Deus me livre! não falle nisso... Mas porque é que mecê gosta tanto de mim? Mecê não é meu parente, nem primo, longe que seja, nem conhecido até... Eu *lhe* vi apenas pouco tempo... e tanto se agradou de mim?

— E com você... não succede o mesmo? perguntou Cyrino.

— Commigo?

— Sim, com você... Porque é que está acordada a esta hora? Porque é que não póde dormir?... que a cama lhe parece um brazeiro, como a mim?...

Porque pensa em alguem a todo o instante? Entretanto esse alguem não é seu primo, longe que seja, nem conhecido até!...

— E' verdade, confessou Innocencia com candura.

Depois quiz emendar a mão:

— Mas quem lhe disse que eu penso em mecê?

— Innocencia, rogou o moço, não queira negar: eu vejo que sou amado...

— Sempre amar! observou ella mais para si do que para quem a ouvia. No anno que já passou e por occasião da Sra. Sant'Anna (1), aqui vieram umas parentas minhas e caçoaram commigo, porque eu não as entendia: tanto assim que uma dellas, a Nhã-Tuca, me disse: « Devéras, mecê ainda não gostou de nenhum moço? E eu respondi: Não *assumpto* (2) o que mecês estão a *prosear*. » Aquillo era certo e tão verdade como estar Nosso Deus no paraiso... Hoje...

— E hoje?

— Hoje?! repetio a moça. Quem sabe se não era *bem melhor* não ter nunca gostado de ninguem?

— Isso não está na gente... E' ordem lá de cima...

— Emfim se fôr destino, que se cumpra.

Innocencia conservava-se ainda um pouco arredada da janella, de modo que Cyrino, para lhe fallar baixinho, tinha o corpo inclinado do lado de dentro. Segurava as mãos da namorada e pu-

(1) Sc. da festa.
(2) Não percebo.

xava-a com doce violencia, quando ella queria afastar-se.

A conversa que tinham os dous jovens era cortada de frequentes pausas, durante as quaes embebiam-se reciprocos os olhares carregados de paixão.

— Deixa-me vêr bem teu rosto, dizia Cyrino a Innocencia. Para mim elle é mais bello do que a lua e tem mais brilho do que o sol.

E, apezar da resistencia, fraca embora, mas conscienciosa que lhe foi opposta, conseguio que a moça se recostasse ao peitoril da janella.

— Amar, observou ella, deve ser uma cousa feia.

— Porque?

— Porque estou aqui e sinto tanto fogo no rosto.. Cá dentro um palpite me diz que é um peccado que faço...

— Você tão pura! contestou Cyrino.

— Se alguem viesse agora e nos visse, eu morria de vergonha. Sr. Cyrino, me deixe... vá se embora!... O Sr. me pôz algum quebranto.... aquella sua mézinha tinha alguma herva para *mim* tomar... e ficar....

— Não, atalhou o mancebo com força, eu lhe juro! Por alma de minha mãi... o remedio não tinha nada!

— Então porque fiquei... *ansim*, que me não conheço mais... Se papai apparecesse... não tinha o direito de me matar?...

A sua voz foi se tornando cada vez mais baixa e sumio-se n'um golfão de lagrimas.

Cyrino atirou-se de joelhos diante della.

— Innocencia, exclamou elle, pela salvação de minha alma eu lhe dou o juramento de que nada fiz de máo para prender o seu coração.... Se você me ama, é porque Deus assim mandou... Sou um rapaz de bons costumes.... Até hoje nunca tinha amado mulher alguma.... mas não sei como se póde deixar de amar uma moça como você... Me perdôe, se você soffre... eu tambem padeço muito... Me perdôe....

O moço alçára um pouco a voz.

De repente Innocencia estremeceu.

— Ouvio a bulha? perguntou ella com terror.

— Não, respondeu Cyrino.

— Alguem acordou ahi dentro....

— Pois... então vá vêr... o que é... Se não fôr nada, volte... Eu a espero aqui, escondido á sombra da parede....

Minutos depois reappareceu a moça.

— Não vi nada, disse ella.

— Então foi abusão.

— E' melhor o Sr. ir-se embora.

— Não, Innocencia, tenha pena de mim.... Eu não poderei vêl-a tão cedo e... preciso conversar... mesmo para arranjo de nossa vida... O Manecão não tarda...

— Ah! exclamou ella com sobresalto, então mecê sabe....

— Sei e desgraçadamente breve elle está batendo aqui...

— Eu bem dizia que o Sr. *havéra* de me perder... Antes de tel-o visto... casar com aquelle homem

me alegrava até... Era uma novidade... porque elle disse-me que me levava para a villa.... Mas agora esta idéa me mette horror! Porque é que mecê mecheu commigo? Sou uma pobre menina, que não tem mãi desde criancinha... Não ha tanta moça nas cidades.... nos *povoados?*... Porque veio bulir com o meu coração, que estava socegado? Para que veio tirar o somno... a vontade de viver a quem era.... tão alegre... que até hoje não pensou em màldade.... e nunca fez damno a ninguem...

— E eu? replicou com energia Cyrino, pensa você que sou feliz?... Olhe bem uma cousa, Innocencia. Isto lhe digo diante de Deus: ou hei de casar com você... ou dou cabo da vida.... Quem arranjou tudo assim... foi o meu caiporismo.... Se eu tivesse passado antes daquelle homem, que odeio, que quizéra matar,... o que impediria que eu fosse hoje o ente o mais feliz do mundo?... Mais feliz aqui neste sertão, do que o Imperador no seu palacio e os ricassos lá da côrte do Rio de Janeiro!... Eu já lhe disse.... culpa não tive....

— Não ha meios que nos possam salvar, atalhou a moça.

— Meios?... Lhe vou...

Nesse momento ergueu-se do lado do laranjal um assovio prolongado e fino, e uma pedra, atirada por mão mysteriosa e com muita força, sibilou nos ares e veio bater na parede, passando rente á cabeça de Cyrino.

Innocencia deu um grito abafado de terror e fechou rapidamente a janella, ao passo que o mancebo se esgueirava com celeridade pela sombra, correndo depois resolutamente para o ponto d'onde presumia ter partido a pedra.

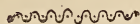
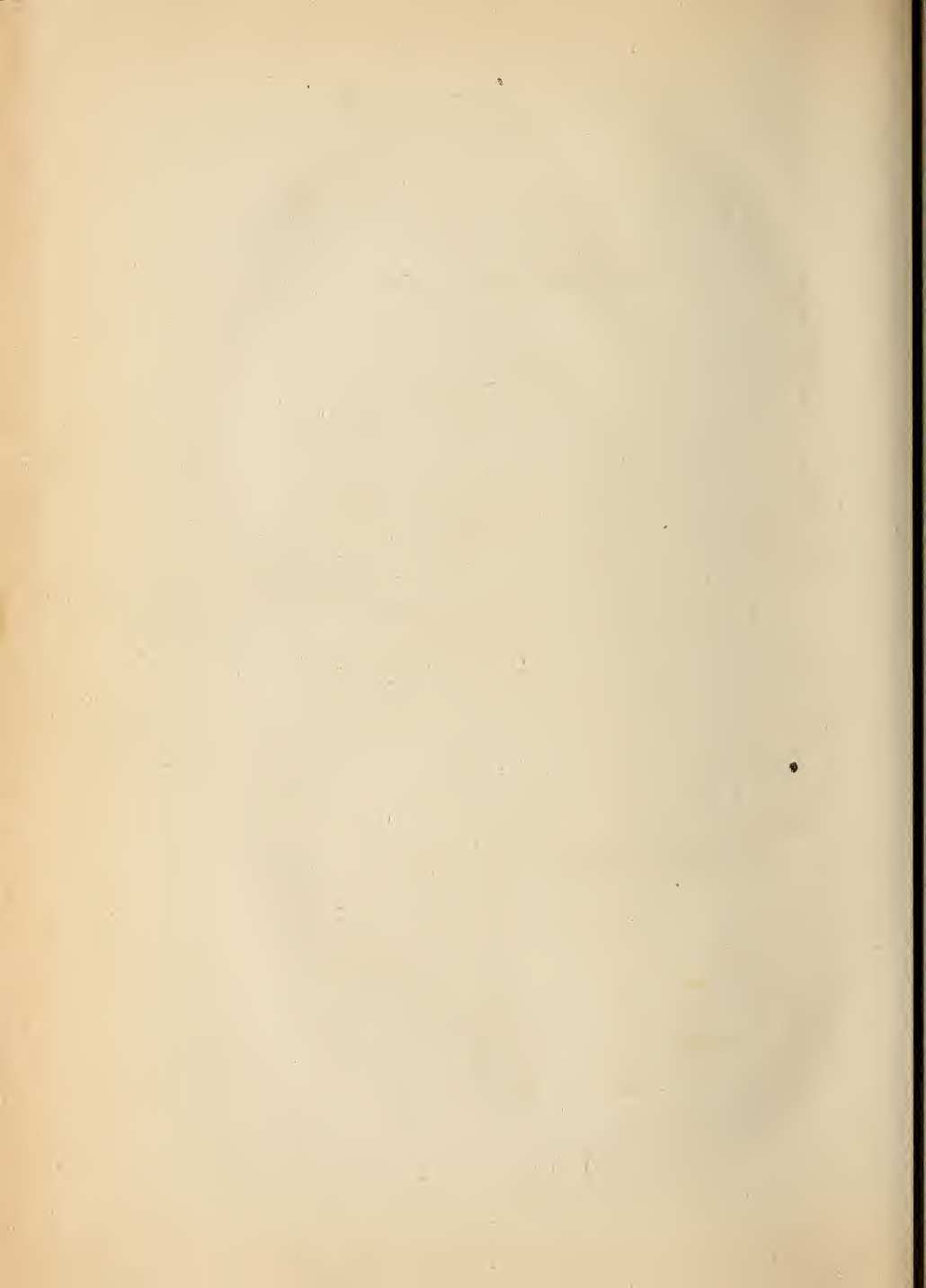
Não vio ninguem.

Por toda a parte o ruido proprio de uma noite calma.

Percorreu em todos os sentidos o pomar, e só ouvia o barulho de seus passos.

Afinal de cansado deixou o sitio e cautelosamente dirigio-se para o terreiro da frente.

Quando lá chegou, parou attonito.

O mesmo assovío prolongado e fino, dessa feita talvez mais estridente, ferira-lhe os ouvidos.

CAPITULO XIX.

CALCULOS E ESPERANÇAS.

> Apezar, porém, de moça, apezar da violencia do amor que a ligava a Julião, ella sabia conter os movimentos de seu coração e desconfiar de si mesma.
>
> WALTER-SCOTT—Peveril do Pico.

> Lisa — Com tanto que tenhas bastante resolução...
> Lucinda—Que queres que eu faça contra a autoridade de um pai? Se elle fôr inexoravel aos meus pedidos?...
>
> MOLIÈRE — O amor medico.

Durante os dias de sua estada nas terras de Pereira, as quaes não tinham limites nem vizinhos senão dahi a muitas leguas, Meyer augmentou a sua interessante collecção com uma variedade extraordinaria de bichinhos e sobretudo borboletas.

A alegria, de que se possuira por tão fausto motivo, era tal que a cada momento manifestava-a com um tom de franqueza capaz de convencer por si só ao mais descrente dos homens em questão de sinceridade.

— Sr. Pereira, dizia o naturalista, afianço-lhe que em parte alguma do Brasil estive ainda tão bem como em sua casa.

— Eu te entendo, maroto, rosnava o mineiro.

—Devéras!... Só o que sinto é que sua filha não nos apparecesse mais... Sinto muito, na verdade...

Pereira sorrio-se todo amarello e replicou apertando os punhos de raiva:

— *Mochú* sabe... isto são costumes cá da terra. As mulheres não são feitas para...

— Para que? perguntou Meyer com pausa.

— Para *prosearem* com qualquer *um*...

— Que é *prosearrem* ?

— E' conversar, dar de lingua, explicou Cyrino.

— Obrigado, doutor, retorquio Meyer agradecendo mais aquella indicação philologica que foi immediatamente enriquecer o seu caderno de notas. *Prosearrem* é conversarem. Muito bem!... Pois é pena, Sr. Pereira, porque sua filha é uma bonita moça!

— Nessa arapuca não caio eu!...Hei de *toda a vida* andar com o olho em ti, murmurava o mineiro.

— E' pena, confirmava Meyer duas e tres vezes... é pena....

De certo não era essa linguagem a mais propria para desvanecer as prevenções e receios de Pereira, de modo que sua vigilancia cada vez mais se apurava, permittindo comtudo que o verdadeiro culpado tivesse toda a liberdade de que carecia para tornar a vêr o tão mal guardado thesouro.

Assim mesmo não foi sem custo.

A mocinha ficára muito impressionada com o final da primeira entrevista e por alguns dias mal sahira de seu quarto.

Escrever-lhe era de todo inutil, por isso que ella, nunca aprendêra a lêr e depois qual o meio de fazer-lhe chegar ás mãos qualquer papel ou signal?

Sobravam, pois, razões para que Cyrino se ralasse de impaciencia e quasi desesperasse da sorte.

Passava no entretanto as noites em claro, mettido no laranjal e procurando uma solução á tanta difficuldade e uma explicação aceitavel para aquelles dous assovios e sobretudo para aquella pedrada tão bem dirigida que por pouco o houvesse talvez estendido por terra.

N'uma dessas noites de anciedade, vio afinal re-abrir-se a janella de Innocencia.

A pobre coitada, abrazada tambem de amor, queria respirar o ar da noite e beber na viração do sertão um pouco de tranquillidade para sua alma não affeita á violencia dos sentimentos que a agitavam e, quem sabe? verificar se por ahi não andava rondando aquelle que no seio lhe inoculára tamanho desassocego.

Cyrino, rapido como uma séta, rapido como aquella pedra arrojáda tão violentamente, achou-se ao pé da janella e cobrio de beijos as mãos de sua amante.

— O grito? balbuciou ella. Dous gritos... e a pedrada... Que era?

— Ah! não era nada, respondeu apressadamente

Cyrino; fui vêr no laranjal... era um macauán. (1) O que pareceu pedrada foi um noitibó (2) que frechou para mim e veio dar com a cabeça na parede.

— Devéras? perguntou ella incredula.

— Devéras. Eu tambem a principio tomei um susto grande. Depois verifiquei que não passava de miragem. De noite a gente em tudo vê maravilhas... Para mim a unica que vi era você, minha vida, meu anjo do céo...

Cyrino com este madrigal encetou uma conversa como a da primeira noite, como a que balbuciam duas almas candidas na eterna e sempre nova declaração de amor, desde que Adão e Eva a fizeram á sombra das arvores divinas do Eden.

O moço mostrou-se receioso de que a presença de Meyer pudesse lhe trazer rivalidade. Ella rio-se e gracejou com espirito e bondade da figura do estrangeiro. Com toda a confiança chegou a idéar planos de um futuro risonho:

— Agora, que eu sei o que é amar, direi a papai que não quero casar com Manecão...

— E se elle não consentir?

— Hei de chorar... chorar muito...

— Lagrimas muitas vezes de nada servem.

— Mas eu tenho outro recurso...

— Qual é? perguntou Cyrino.

— Morrer!..

— Não!.. Ha outros... eu lhe hei de dizer...

(1) Especie de gavião.
(2) Passaro da noite.

Innocencia tomou um ar grave.

— Escute, Cyrino, disse ella, nestes dias tenho aprendido muita cousa. Andava neste mundo e delle não conhecia maldade nenhuma... A paixão que tenho por mecê foi como uma luz que faiscou cá dentro de mim. Agora começo a enxergar melhor... Ninguem me disse nada, mas parece que a alma acordou para me avisar do que é bom e do que é máo... Sei que devo ter medo de mecê, porque póde me botar a perder... Não fórmo juizo como, mas minha honra e a da minha familia toda estão nas suas mãos...

— Innocencia, quiz interromper Cyrino.

— Me deixe fallar, deixe-lhe contar o que me enche o peito... Depois ficarei socegada... Sou filha dos sertões; nunca li em livros, nem tive quem me ensinasse cousa nenhuma... Se eu lhe magoar, me desculpe, será sem querer... Eu me lembro que ha já um *tempão* pararam aqui umas mulheres com uns homens e perguntei a papai porque é que elle não as mandava entrar para cá dentro, como é de costume com familias... O papai me respondeu : — Não, *Nocencia*, são mulheres perdidas, de vida alegre. Eu fiquei muito *assombrada*. — Mas então, melhor ; se são alegres, hão de me divertir. — Isso é gente perdida, sem vergonha, *secundou* meu pai. — Tive tanto dó dellas, como mecê não imagina. Depois fui espiar... Hi ! como diziam nomes feios !... Como se chingavam !... Bebiam cachaça... cahiam tontas no chão... *pitavam* e cantavam muito alto ! E são os homens

que fazem ficar *ansim* as coitadas!... Antes morrer... Parece-me que Nossa Senhora ha de ter pena das que amam... mas desampara com certeza as que erram... Se não houver outro remedio, temos que nos lembrar que as almas, quando acaba-se tudo neste mundo, vão pelos céos cheios de estrellas, passeando como n'um jardim... Se eu me finasse e mecê tambem... minha alma punha-se a correr pelos ares, procurando a de mecê, procurando, procurando, e então nós juntinhos iamos viajando ora para aqui, ora para alli, ás vezes pelo caminho de S. Thiago (1), ás vezes baixando a este sertão, para vêr onde é que botaram nossos dous corpos... Não era tão bom!...

Innocencia tinha a imaginação exaltada e a mente elevada.

Envolvida em sua pureza, como n'um manto de bronze, entregava-se sem reserva á força da paixão. Tambem essa natureza pudica e delicada por tal fórma dominava Cyrino que invencivel acanhamento o prendia ante a debil donzella que dos mysterios da existencia só sabia que amava.

Assim, pois, nem sequer, lhe corria pela mente, não já a possibilidade de saltar por aquella janella, mas a de formular um pensamento menos decoroso. Consumia o tempo em beijos nas mãos de sua namorada, em tagarellice de amor, protestos, juras, e illusões de futuro.

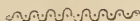
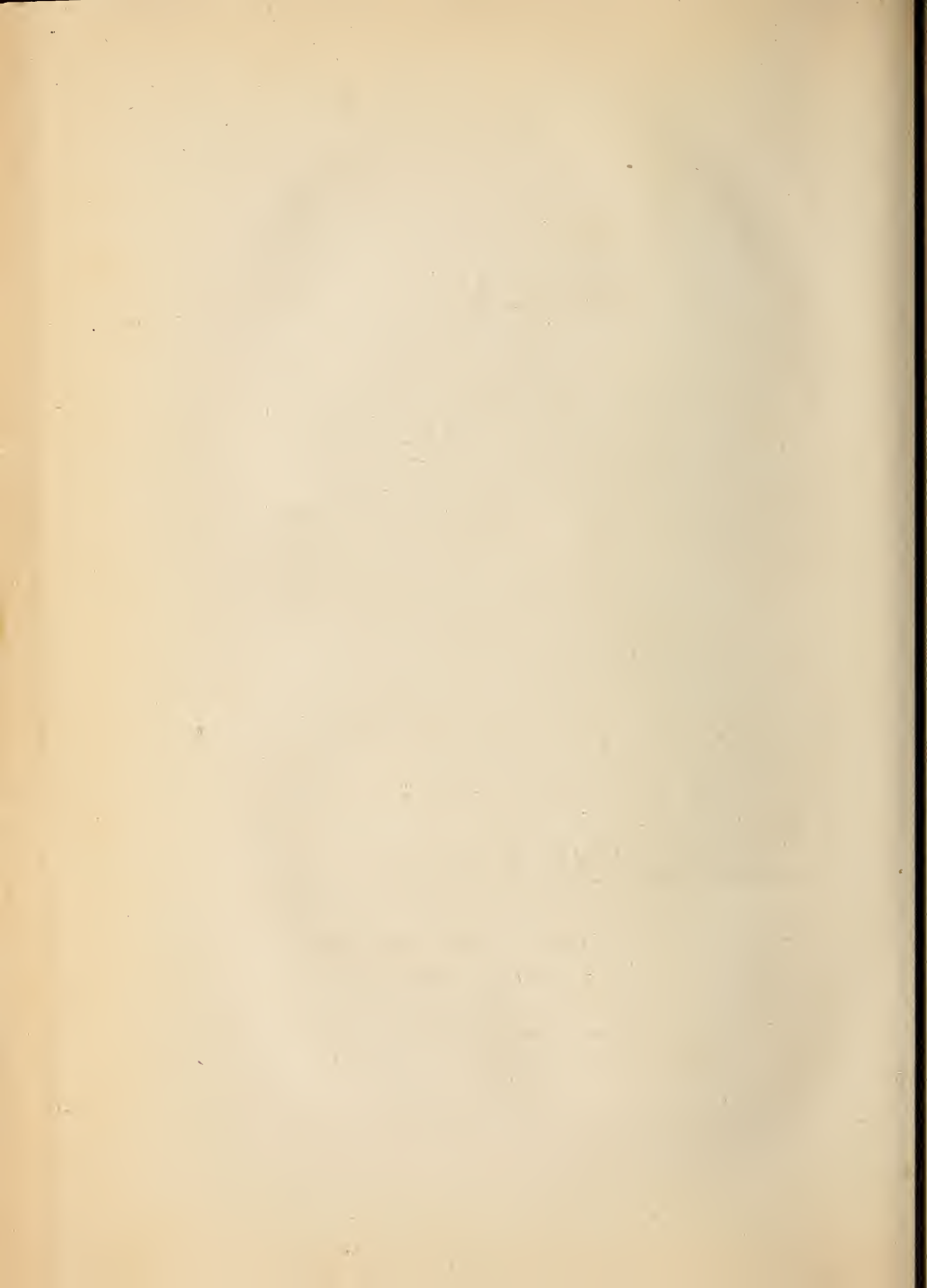
(1) Via lactea.

— Amanhã, dizia Cyrino, hei de com cuidado *assumptar* a seu pai... fallando no seu casamento... depois... hei de virar a conversa para mim...

— Papai, observou a menina, é bom... Mas eu tenho um medo delle!... Tem um genio, meu Deus!...

— Tenho muita esperança... hei de fallar bem claro e explicado... O que quero é que você me seja constante...

O sentimento de temor que sobresaltava Innocencia, tambem o partilhava Cyrino. Por isso chegava o dia e não ousava elle tocar a questão, bem que as continuas queixas de Pereira contra Meyer lhe dessem certa entrada em materia e, com espirito mais desembaraçado, houvessem podido lhe fornecer thema para a conversa decisiva que queria encetar.

Entretanto, apezar de succederem-se os dias uns após outros sem que trouxessem modificação naquelle estado de cousas, doce esperança descansava no fundo de seu coração e consentia-lhe planos de risonho porvir e feliz desenlace ás duvidas e soffrimentos em que vivia.

CAPITULO XX.

NOVAS HISTORIAS DE MEYER.

> Sancho lhes disse : Que cada um tenha olho vivo e fique alerta, porque annuncio-vos que o diabo entrou na dansa e que se lhe derem occasião, ver-se-hão maravilhas. Virai mel e as moscas vos comerão.
>
> CERVANTES — D. Quichote. — CAP. XLIX.

Uma occasião, de volta do trabalho diario, a irritação habitual de Pereira contra Meyer attingio grandes proporções. Entrára elle cabisbaixo, sorumbatico e fez gesto a Cyrino de que precisava fallar-lhe a sós ; pelo que, sahindo ambos, caminharam silenciosos pela estrada até um regato que ficava a meio quarto de legua da casa.

— Que terá este homem hoje? dizia Cyrino comsigo mesmo. O momento de tratar daquelle assumpto talvez vá chegando.

Pereira de repente voltou-se e, com voz alterada, prorompeu em exclamações:

— Sabe, Sr. doutor, que não posso mais aturar esse *allamão*... Aquillo é um *mandingueiro*, uma

cuçuarana sahida do inferno para me botar a perder!... Meu irmão... meu irmão, que presente você fez-me!...

— Mas que houve? perguntou Cyrino.

— Olhe.... se não fosse aquella carta, e a palavra que dei ao maldito... cem raios o partam, surucucú do diabo! potro melado!.... já uma bala tinha ido mecher com os miólos delle.....

— Que novidades ha então, Sr. Pereira? tornou a inquirir Cyrino.

— Vim mesmo até aqui para tirar este peso do coração....

— Mas....

— O Sr. sabe que aquelle *Mochú*, peior que um tigre preto.... parece um homem que não é capaz de matar uma pulga.... pois, aquillo é uma alma damnada.... um *suductor*....

— Sempre suas desconfianças? observou Cyrino.

— Desconfianças, não: certeza. Pois o que quer dizer o homem todo o dia.... estar a lembrar-se da menina?.. Procurar trazel-a á conversa?—Como está sua filha? me pergunta elle sempre — Está boa, de uma vez por todas.— E elle *toda a vida* a insistir.... Isto me põe o sangue a ferver, mas vou-lhe respondendo com bom modo.... Hoje elle sahe-se de seus cuidados e me diz como quem *está tomando leite com farinha de milho*: (1) — Sua filha vai casar?— Vai, lhe respondi todo trombudo.—

(1) Como quem faz uma cousa muito simples.

E com quem? Tive vontade de lhe dizer— Não é de sua conta, *seu* bisbilhoteiro, e atacar-lhe uma cabeçada, mas como elle é meu hospede *secundei-lhe* com socego : — E' com um homem do sertão, que ha de amolar a faca na pelle da barriga do mariola que vier mecher com a mulher delle. —O *allamão* não se deu por achado e, com todo o sem vergonhismo, me retrucou : — Pois o Sr. faz mal. A sua filha é muito mimosa e devia ir casar com alguem da cidade. Então, perdi a paciencia— Mochú, lhe disse eu, cada um manda em sua casa como entende, e aqui não quero ser *anarchisado*. Elle, quando me vio fulo de raiva, pedio-me muitas desculpas, me contou muitas historias, isto, aquillo, aquillo outro, que era para bem de minha filha e não sei mais o que, n'uma meia lingua que eu pouco entendi....

—Elle não fez bem, atalhou Cyrino.

— Boa duvida, aquillo é um corpo para as caldeiras de Pedro Botelho, é um judeu....emfim é um caçador de *anicetos:* está dito tudo!... Mas ainda não lhe contei o resto... Parece que hoje elle estava com o diabo no corpo.... Metteu-se no mato perto da minha roça, onde eu trabalhava com os meus *captivos*, e lá fazia um barulho a quebrar galhos e romper o sipoal como se fosse anta. De repente ouvi uma gritaria muito grande, era o tal Meyer com o camarada José Pinho a berrarem como dous *minhocões* (1). Corri a vêr o

(1) Minhocões são animaes phantasticos do sertão que, segundo pretendem, dão gritos muito fortes. Acreditam alguns que sejam sucurys monstruosos.

que era e os achei muito contentes a olhar para uma *barboleta* grande já fincada n'um páo de pita.— Então que é isto? perguntei. O *allamão* pôz-se a pular como um cabrito — E' novo, me disse elle, é novo! — Novo o que, *Mochú*? — Este bicho ninguem descobrio antes de mim! E' cousa minha.... Entendeu? E eu vou botar o nome de sua filha!..— Quando ouvi isto, fiquei tão passado que não pude engulir o cuspo da boca.... Vejam só.... o nome de *Nocencia* n'uma bicharada! .... Até parece *mangação*.... Agora quero saber do doutor o que devo fazer.... Venho ao menos desabafar-me.... Não posso mandar uma bala naquelle patife como elle merecia.... mas tambem é demais tel-o em casa.... é demais! .... Peço seu conselho.... Felizmente trago-o sempre arredado de casa, e a menina de nada desconfia; do contrario, como mulher que é, *havéra* de me dar que fazer.. Tambem não sei porque Manecão não chega.... só elle é que me ha de livrar destes apuros.... uma vez que o tal *allamão* visse a rapariga com o noivo, deixava-a socegada.... Não acha? Olhe, palavra de honra, isto *ansim* não é viver! Fui feito para dizer o que penso, tratar bem a todos.... mas estes modos que tenho agora, sabe Deus quanto me custa... Até meu serviço vai soffrendo, porque muitas vezes largo a roça e ponho-me a correr atrás dos bichinhos, só para não deixar de olho o tal *marreco*, em lugar de feitorar o trabalho dos negros.... Meu *fazendeiro* é um diabo ruim e já velho.... Ah! meu irmão, que carga você

pôz-me em cima das costas.... Eu, então que não nasci para esconder o que sinto cá dentro!....

E, Pereira, de tão attribulado que trazia o espirito, deixou-se cahir, que não sentou-se, n'um cumulo de terra.

Cyrino, defronte delle, ficára de pé e pensativo.

Afinal, depois de breve duvida, decidio tentar fortuna e encetar a grave questão que lhe importava a felicidade.

— Sr. Pereira, disse elle meio commovido, acho que o allemão faz mal em andar batendo lingua em pessoa de sua familia e dou razão ás suas inquietações....

— Ah! vósmecê é homem de confiança.

— Mas, continuou o moço a custo e parando em cada palavra, acho que n'um ponto elle tem razão.... E' quando... lhe deu.... conselho... que o Sr. não casasse sua filha..... assim... sem perguntar a ella... se... emfim não sei... mas talvez o Manecão não lhe agrade...

Pereira ergueu-se de um só pulo e, approximando a face repentinamente incendida de colera junto á cara de Cyrino:

— Que? exclamou com voz de trovão, eu... consultar minha filha?... Pedir-lhe licença... para casal-a?.. O Sr. está doudo... ou está mangando comigo?.. Ai... que tambem....

E um lampejo de vaga desconfiança illuminou a sua chammejante pupilla.

Cyrino comprehendeu logo o delicado da situação e tratou de desfazer a má impressão que recebêra o mineiro.

— Ah! disse elle com riso fingido, é verdade...

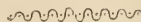
Isto são costumes da cidade.... aqui no sertão ha outro modo de pensar.... Desculpe-me, Sr. Pereira, este Meyer é que está a confundir-me todas as idéas. Pois eu julgo... já que pede a minha opinião, que o Sr. deve continuar a ter o olho no allemão... e hei de ajudal-o, quanto estiver nas minhas forças.

O outro recobrára pouco e pouco a tranquillidade.

—Tambem agora, disse elle depois de ligeira pausa, não ha de ser por muito tempo... Ha mais de um mez que aqui pára elle e já me.... contou que breve seguia viagem para Camapuan.... Desenganou-se afinal... Esse não chegará até lá.... mas é o mesmo. Um desses dias leva por ahi algum tiro para botar-lhe juizo na cachola, ou alguma facada que lhe põe as tripas á mostra... Nem sempre ha de ter cartas de irmão para sahir-se da *rascada*... Que o diabo o leve para longe !.... Voltemos, Sr. Cyrino... Já demais temos deixado o bicho só....

E encaminhou-se para sua vivenda, acompanhado de Cyrino, que ia todo desalentado. Na realidade essa conversa subitamente cortára-lhe as esperanças que o animavam na tentativa de opposição ao projectado casamento de sua amante com o fatal Manecão.

Ainda no meio do caminho voltou-se Pereira e disse-lhe peremptoriamente :

—Devéras, Sr. Cyrino, aquellas suas palavras me boliram com o sangue todo.... Ainda o sinto galopear nas veias....

CAPITULO XXI.

PAPILIO INNOCENTIA.

> Considerai com que arte são compostas as azas da borboleta: a regularidade das escamas que as cobrem como se fossem pennas; a variedade de suas cambiantes côres; a tromba enrolada com que suga o alimento no seio das flôres; as antennas, orgãos delicados do tacto, que coroam-lhe a cabeça cercada de uma rede admiravel de mais de mil e duzentos olhos...
>
> BERNARDIN DE SAINT-PIERRE — Harmonias da natureza.

Meyer que estava sentado á soleira da porta com as compridas pernas encolhidas, ergueu-se precipitadamente ao avistar Cyrino e correu ao seu encontro.

Trazia o coração no rosto, um coração cheio de alegria e de triumpho.

— O' Sr. doutor, exclamou elle, venha vêr uma preciosidade... uma descoberta... especie nova... não ha em parte alguma... Ouvio?... Um bicho assim vale um throno... E fui eu que o descobri!... Nem sequer *Júque* me ajudou... esse estava deitado e dormindo... Não é verdade, Sr. Pereira?

— Veja, murmurava o mineiro, que barulhada faz elle com o tal *aniceto*... Ao menos se fosse um anima l grande !

Meyer exultava de orgulho.

— E' uma especie... nova... nova ! Já tem nome... Dei-lhe um logo... Vou-lhe mostrar... Espere um instante...

E, entrando na sala, pouco depois voltou tendo entre mãos uma caixinha quadrada de folha de flandres, que carregava com toda a reverencia e cujo tampo abrio cautelosamente.

De sua propria garganta sahio um grito de admiração que Cyrino acompanhou, com menos enthusiasmo comtudo.

Pregada a uma larga taboa de pita, via-se uma grande borboleta, com as azas meio abertas, como que dispondo-se para tomar o vôo.

Essas azas eram de um colorido maravilhoso ; as superiores do branco o mais puro e igual, as inferiores de um azul metallico e de brilho vivissimo.

Dir-se-hia que aquelle insecto representava a combinação dos dous mais bellos lepidopteros das matas do Rio de Janeiro, os Laertes e os Adonis, estes azues como o mais puro canto do céo, aquelles brancos como uma petala de flôr do baile.

Sem contestação era um lindissimo specimen, verdadeiro capricho da explendida natureza daquelles páramos ; tambem Meyer não tinha mão em si de contente.

— Esta borboleta, dizia elle como se o ouvissem

dous profissionaes na materia, pertence á phalange das Heliconias e eu a denominei logo Papilio-Innocentia, em honra á filha do Sr. Pereira, que me tem tratado tão bem. Tenho todo o respeito ao grande Linneo — e Meyer levou a mão ao chapéo — mas a sua classificação já está um pouco velha. A classe é, pois, *Diurna*; a phalange, *Heliconia*; o genero *Papilio* e a especie *Innocentia*, especie minha e que ninguem me póde tirar... Daqui vou escrever, hoje mesmo, á sociedade entomologica de Magdeburgo participando este facto...

Meyer dizia isto com verdadeiro tom de ufania e com lentidão toda dogmatica.

Depois, com mais volubilidade e apezar de tropeçar amiudadas vezes em palavras, o que, para commodidade dos leitores temos quasi sempre deixado de indicar, continuou:

— Reparem, meus senhores, neste lepidoptero com os olhos da sciencia. Elle tem quatro pés caminhantes; as antennas de terminação comprida e oval, cavada em fórma de colher; os palpares maiores do que a cabeça e escamosos; tromba toda branca e o labio quasi nullo. Não perdi nem sequer um pouco de seu pó, porque o pó, um só grão de pó, vale tanto como uma penna de passaro e a comparação é perfeita, visto como, cada uma destas escamas á semelhança das pennas é atravessada por uma trachéa, por onde circula o ar. Oh! que achado! proseguio elle. Que gloria para mim! A sociedade entomologica de Magdeburgo ha de ficar muito orgulhosa... Sem du-

vida farão uma sessão solemne, extraordinaria... *Mein Gott!*... Estou que não posso de alegria!... Tambem daqui a dous ou tres dias vou me embora desta casa...

— Devéras? atalhou Pereira.

— Sim, senhor. Com esta descoberta fico satisfeito. Meu itinerario é para Camapuan; depois vou a Miranda e talvez até Nioac... Hei de subir para o Coxim, e ahi, ou embarco para Cuyabá no Rio Taquary, ou sigo por terra pelo Pequiry.

— E o senhor volta para sua terra?

— Boa duvida!... Daqui a anno e meio pretendo apresentar minha collecção toda arranjada á sociedade entomologica...

— Homem, observou Pereira com intenção que seu hospede não podia nem de leve perceber, eu já quizera estar nesse dia. Daqui a anno e meio que voltas terá dado o mundo?...

— Terá percorrido, respondeu Meyer gravemente, dezoito signaes do Zodiaco.

— Pois bem, eu queria vêr isto... Já me tarda esse dia...

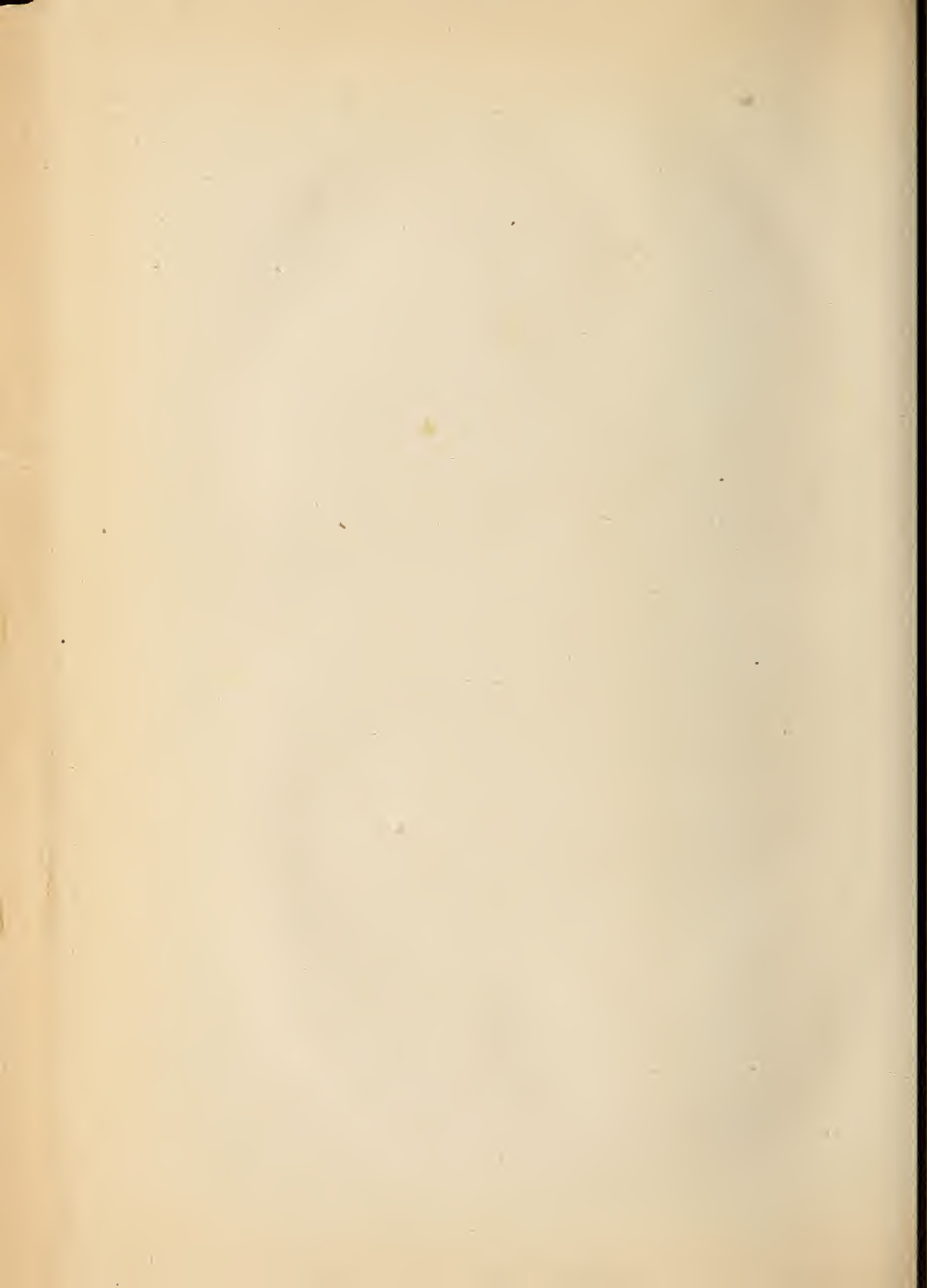
— Quando elle chegar, continuou o allemão com sinceridade e todo commovido, hei de me lembrar com gratidão do tratamento que recebi... nos sertões do Imperio... e hei de dizer... bem alto... que os Brasileiros... são felizes... porque são morigerados e têm boa indole....

— Acrescente, interrompeu Pereira com algum

azedume, que elles zelam com todo o cuidado a honra de suas familias.

Meyer obedeceu docilmente e repetio palavra por palavra:

— E zelam com todo o cuidado a honra de suas familias.

— Muito bem, replicou o mineiro, diga isso, e o Sr. terá dito uma verdade.

CAPITULO XXII

MEYER PARTE.

> Adeus, pois, amigos; adeus, doce reunião! Aos seus lares distantes cada um de nós por caminhos diversos deve chegar.
>
> CATULLO — Epigramma XLVI.

No entretanto as consultas, feitas a Cyrino por enfermos vindos de um circuito de muitas leguas, não haviam descontinuado. A porção de sulfato de quinina que elle trouxéra em suas canastras estava toda esgotada, tão frequentes eram os casos de sezões e maleitas, pelo que vira-se levado a substituil-o, ainda que não com tanta confiança, por plantas verdes do campo ou hervas seccas que lhe haviam sido fornecidas por uns bolivianos, a quem encontrára em Minas, vindos de Santa Cruz de la Sierra com o fim de peregrinarem pelo interior do Brasil e de medicarem doentes, mas sem Chernoviz em punho, nem àquelles résquicios de conhecimentos therapeuticos que ostentava o nosso doutor.

Entre os enfermos que o vinham diariamente procurar, alguns accusavam molestias cujas quali-

ficações eram completamente estranhas: assim, declaravam-se affectados de *mal de engasgue*, *espinhéla cahida*, *mal de encalhe*, *tosse de cachorro*, *feridas bravas*, etc.

Quem se queixava do *mal de engasgue* era o capataz de uma fazenda chamada do Váo, distante da casa de Pereira umas boas 50 leguas.

— Sr. doutor, disse o enfermo, minha vida é um continuo lidar de soffrimentos. Estou com este mal, *fará* cinco annos em S. João, por signal que me veio com uma grande dôr na boca do estomago. Ha *tempos* que não posso engulir nada, sem beber logo uns *gólos* de agua, de maneira que me encharco todo e fico que mal me mecho de um lugar para outro.

— E a dôr, perguntou Cyrino, ainda a sente?

— *Toda a vida*, respondeu o capataz... O que me *afflege* mais é que ha comidas então que não me passam pela boca... E um fastio de meus peccados.... Boto uns pedacinhos no *buxo* e me parece que dentro tenho um bolo que está subindo e descendo pela garganta....

O medico receitou umas dóses de herva de marinheiro como emetico e fez mais algumas prescripções que o enfermo ouvio com toda a religiosidade.

No estado de perturbação moral em que se achava o joven facultativo, é natural que fosse uma cousa pela outra, mas de importancia era a fé que suas indicações incutiam, a fé, essa alavanca poderosa da medicina, esse contingente precioso que o espirito

vai fornecer aos esforços da natureza na sua constante luta contra os principios morbidos.

O doente de *espinhéla cahida* accusava um peso muito forte e perenne no estomago e a impossibilidade de levantar as mãos unidas á mesma altura.

Cyrino prescreveu-lhe amargos do campo, genciana e quina e ordenou-lhe certas cautelas firmadas na voz geral, mas com algum fundo de razão; verbi gratiâ: engulir sempre a saliva e sobretudo deixar de fumar depois de comer.

O infeliz moço, ao passo que tratava de curar os outros, mais do que ninguem precisava de quem lhe cuidasse, pelo menos da alma.

Via não só Meyer fazendo os seus preparativos de partida, em vespera de deixal-o a sós com Pereira, que a final suspeitaria o engano em que havia laborado, como tambem a clinica quasi esgotada aconselhando a conveniencia de transportar-se para outro ponto e continuar a encetada viagem.

Tudo isso, e o amor a augmentar, a tirar-lhe todo o socego, a emmagrecel-o, a consumil-o a fogo lento...

Meyer, na realidade, desde o achado de sua magnifica borboleta, não pensava senão em partir.

—Oh! dizia elle, eu quizera estar já em Magdeburgo... Quantas leguas, *Mein Gott*! ... *Papilio Innocentia*.... minha gloria! ... Que diz, Sr. Cyrino? ....

— E' verdade... mas quem sabe se o Sr. não de-

veria ficar mais tempo aqui? .... Talvez achasse uma outra borboleta nova....

—Não, é impossivel... Era felicidade de mais... Além disso o dinheiro não me havia de chegar.

—Oh! posso lhe emprestar....

—Muito obrigado.... mas é de todo impossivel a minha estada aqui... Veja o Sr.: tenho ainda que ir a Camapuan, a Miranda, a Cuyabá, para então voltar.... E só tenho poucos mezes.... A sociedade entomologica de Magdeburgo conta commigo na primavera do anno que vem....

Uma vez que esta idéa metteu-se na cachola de Meyer, não deixou elle de fallar na sua partida um só instante e, para que a execução correspondesse ao promettido, na tarde seguinte mandou José Pinho, o camarada, alçar cargas ás costas do burro, depois de tel-as, elle proprio, arranjado e revistado com toda a cautela.

José Pinho nesse momento julgou de dever lavrar um protesto:

— *Mochú*, disse elle, vai recomeçar com o seu modo de andar por estas estradas á noite.... Afinal nós havemos de cahir em alguma *buraqueira*, eu, o senhor, o burro, as cargas e os bichos e não chegaremos, nem eu ao Rio de Janeiro, nem o Sr. á sua terra. Emfim já estou cansado de avisar.

No momento da partida apresentava o naturalista aquelle mesmo aspecto com que se mostrára no dia de sua chegada: eram aquellas mesmas frasqueiras a tiracollo, aquelle mesmo ar tranquillo

e bonachão com que viera, alta noite, pedir pousada a Pereira.

Este, ao vêr o hospede a cavallo e prompto a deixar para sempre a sua morada, sentio-se possuido de alegria, entretanto, sem saber pelo que, com admiração intima, não pôde vencer tal ou qual commoção. No fundo começára a achar que suas desconfianças eram mal empregadas e a deixar-se levar pela sympathia que o caracter naturalmente inoffensivo e meigo do saxonio em todos incutia.

— Chegou, declarou Meyer, a hora de minha despedida.

E, sacudindo com força a mão e o braço do mineiro.

— Sr. Pereira, disse elle, adeus!... nunca mais nos havemos de vêr.... mas hei de me lembrar do Sr. toda a vida... Quando eu estiver na minha patria, daqui a milhares e milhares de leguas... pelo pensamento recordarei os dias felizes... que aqui passei.

— Oh! Sr. Meyer, balbuciou Pereira.

— Sim, felizes, continuou Meyer com muita lentidão, felizes porque correram.... sem que eu percebesse que o tempo estava caminhando... De todo o Brasil fica em mim a lembrança ... mas desta sua casa.... essa lembrança é mais viva e mais forte.

O allemão acompanhára o seu pensamento com o gesto, acenando com o punho fechado para mostrar o effeito daquellas impressões.

Voltando-se para Cyrino, elle acrescentou:

— Sr. doutor, suas receitas estão todas marcadas no meu caderno... O Sr. póde se enganar ás vezes.... mas suas intenções são sempre boas.... e isso basta para desculpal-o... Eu...,

Interrompendo o que ia dizendo, ficou instantes a olhar para Cyrino e Pereira, que estavam igualmente silenciosos, e uma lagrima comprida deslisou-se-lhe pela face, sem que a physionomia mostrasse a menor alteração.

— Adeus! concluio elle repentinamente.

— Boa viagem, Sr. Meyer, boa viagem, disse Pereira ajudando-o a montar a cavallo.

— Adeus!... adeus!... repetio elle.

E interpellando o camarada:

— *Júque*, vá na frente!... Toca pouco no burrinho.... Nosso pouso é daqui a meia legua...

Meyer deu então de rédeas e caminhou a passo, atrás de José Pinho, que munira-se de um cabeçudo cacete evidentemente hostil ás costas do cargueiro entregue aos seus cuidados.

— Lá vai o bicho! exclamou Pereira ao vêr a tropinha pelas costas. E' um allivio... Elle, coitado, não era máo.... mas não tinha modos... Safa, hei de sempre lembrar-me do tal Sr. Meyer!... Foi uma campanha... Ué... Olhe, Sr. Cyrino... não está elle de volta?... Teria esquecido alguma cousa?

Com effeito reapparecia a trote o allemão em carne e osso, trazendo ar de quem vinha procurar ou dizer alguma cousa de importancia.

— Então que tem? perguntou Pereira adiantando-se e alçando a voz. Deixou algum *trem*?... Daqui a pouco é *escurão*. (1)

Meyer, no entanto, ia chegando e de certa distancia foi explicando a razão da volta:

— Não deixei cousa nenhuma, Sr. Pereira. Tão sómente faltei a um dever....

— Qual é? indagou o mineiro.

— Não me despedi de sua filha...

— Ah! replicou Pereira com vivacidade, não era preciso.... tanto mais que ella... está dormindo... meio adoentada.... Ha pouco tinha muito peso na cabeça... Eu lhe hei de dizer ... Não se incommode....

— Pois então, observou Meyer com muita gravidade, diga-lhe que tem em mim um criado em toda parte onde esteja... Seu nome ficou para sempre na sciencia e a estima em que a tenho é grande... E' uma moça muito bella... digna de ser vista na Europa....

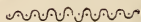
— Pois não, pois não, interrompeu Pereira, vá sem susto.

— Sim, eu me vou, adeus!

— Vá indo... olhe que o sol *dòbra* de repente aquelle mato e a noite cahe logo...

— Sim, sim, adeus, disse elle despedindo-se de uma vez.

(1) Escurão é o finalizar do crepusculo.

E na estrada areenta, á luz do sol que descambava, a sombra do bom Meyer foi se tornando comprida a mais e mais, á medida que elle marchava atrás de seu camarada, cargueiro e collecção entomologica.

CAPITULO XXIII.

A ULTIMA ENTREVISTA.

> A mascara da noite está sobre meu rosto; sem ella verias minhas faces tintas de rubor virginal.
>
> SHAKSPEARE—ROMEU E JULIETA.—ACTO II.

> Mais cresce a luz; mais augmentam-se as trevas de nossas desgraças.
>
> IDEM—ACTO IV.

A retirada de Meyer trouxe grave modificação no systema de viver daquella choupana, na qual agitava-se um dos problemas mais comezinhos da natureza moral, mas que se apresentava com côres algum tanto carregadas e sombrias.

Pereira fôra dormir no interior da casa, onde passava a maior parte do tempo, de maneira que os encontros dos dous apaixonados tornaram-se absolutamente impossiveis : além disso a sua attenção, não tendo mais o alvo a que sempre visára durante a estada do allemão, começava, como era de prevêr, a voltar-se para Cyrino, a quem elle confessou ter tratado Meyer com injusta esquivança.

— Hoje, dizia o mineiro, dóe-me na consciencia o modo por que encarci aquelle homem....Quem sabe se tudo que eu pensava não foi abusão cá do meu espirito?.... Sr. Cyrino, quando a gente põe-se a scismar... é que vê que todos têm quéda para maluco... Sim senhor!... Hoje estou convencido que o tal *allamão* era bom e sincero... Olhou para a menina...achou-a bonita...e disse aquelle *despotismo* (1) de asneiras sem vêr a mal ...Em pessoa que não guarda o que pensa, é que os outros podem fiar....A's vezes o perigo vem d'onde nunca se cuidou...Emfim não me arrependo muito de ter feito o que fiz...Receei... e tomei tento....

Estes e outros dizeres iguaes, amiudando-se, deram que reflectir a Cyrino. De uma hora para outra comprehendeu que as vistas inquisitoriaes poderiam tornar a sua posição insustentavel.

Por emquanto tratou de encontrar-se com Innocencia. As difficuldades eram grandes e o meio unico novamente tentar as entrevistas nocturnas, pelo que não arredava pé do laranjal durante noites inteiras, em que alli ficava com os olhos presos á janella de sua querida amante.

N'uma madrugada vio afinal a sombra de Innocencia.

O mancebo n'um apice achou-se junto della e agarrou-lhe com violencia nas mãos.

— Emfim, exclamou elle, eu a vejo.

(1) Grande quantidade.

— Meu pai, disse a moça com voz tão fraca que mal se ouvia, póde acordar...

— Não importa, replicou surdamente Cyrino, descubra-se tudo... não posso mais viver assim...

— Chi! observou ella, cuidado!... Se elle nos acha aqui, mata-nos logo... Olhe, vá me esperar junto ao *corguinho* (1) para lá do laranjal... eu daqui a pouco vou ter com mecê.... A porta está só encostada....

O moço fez signal que obedecia e incontinente sumio-se na escuridão do pomar.

A'quella hora uma lua de minguante dava alguma claridade á terra; entretanto como que presentia-se outra luz a preparar-se no céo para irradiar com todo o explendor e infundir á natureza adormecida animação e alegria. Nos ramos das larangeiras ouvia-se o pipilar de passaros que se dispunham a acordar, um gorgear intimo e avelludado de ave que cochila, e ao longe um sabiá mais madrugador desfiava notas que o silencio repercutia harmoniosamente. No oriente via-se uma tenue linha vermelha, prenuncio mal percebivel do dia, nos espaços estrellas de brilho um tanto amortecido, no poente o disco da luz cercada de frôxa e amarellada auréola.

Cyrino estava tão commovido, que teve que sentar-se emquanto esperava Innocencia.

Esta pouco tardou: vinha vestida de uma saia de algodão grosseiro e á cabeça trazia uma grande

(1) Corregosinho.

manta da mesma fazenda, cujas dobras suas mãos prendiam junto ao corpo. Estava descalça, e a firmeza com que pisava o chão coberto de seixinhos e gravêtos, mostrava que o habito lhe havia endurecido a planta dos pés, sem alterar-lhes comtudo a primitiva elegancia e pequenez.

Ella parecia muito assustada, e, máo grado seu, dos olhos cahiam-lhe lagrimas a fio.

O mancebo, apenas a avistou, correu ao seu encontro.

—Innocencia, exclamou elle notando um gesto de duvida, nada receie de mim ... Hei de respeital-a como se você fôra uma santa.... Não confia então em mim ?...

—Sim! disse ella apressadamente. Por isso é que cá vim.... Entretanto estou com a cara ardendo de vergonha...

E, levando uma das mãos de Cyrino ás suas faces :

— Veja, Cyrino, como tenho o rosto em braza... Porque é que mecê veio bolir commigo ?... Eu era uma moça socegada... agora se mecê não gostasse mais de mim... eu morria...

— Não, contestou o moço com energia, se disso depende a sua vida, você ha de viver uma eternidade...

— Devéras ?

— Eu lhe juro... E' mais facil apagarem-se de repente estas estrellas todas do que eu deixar de amal-a...

— E Manecão? perguntou ella com terror.

— Oh! esse homem, sempre esse nome maldito!...

— Elle ha de ser meu marido...

— Isso, nunca, Innocencia... E' impossivel!... Tudo póde acontecer, menos isso... E se fugissemos?... Olhe, amanhã a estas mesmas horas, ou mais cedo, trago para aqui dous bons animaes... Você monta n'um e eu n'outro... batemos para Santa Anna e, a galope sempre, havemos de chegar a Uberaba... onde acharemos um padre que nos case... Vamos, ouvio?

— E mecê havia de me estimar *toda a vida?*

— Sempre... Diga, sim... diga pelo amôr de Deus, e estamos salvos... diga!...

— E meu pai, Cyrino? O que *havéra* de ser?.. Elle me amaldiçoava... eu ficava perdida... uma mulher de má vida... sem a benção de seu pai... Não... mecê está me tentando... Não quero fugir... Antes a desgraça para toda a existencia... mas fique eu sendo o que meu nome diz que sou... Já muito pécco, fazendo o que faço... Mecê é moço da cidade: não custa enganar uma creatura como eu... Até...

— Pois bem, interrompeu Cyrino, você não quer?... não fallemos mais nisso... Não hei de querer, senão aquillo que você achar bom... E se eu emfim me decidir a fallar a seu pai?...

— Deus nos livre! retorquio ella aterrada. Eu pensei a principio que isto podéra ser, mas depois vi que era peior... Mecê não conhece o que é palavra de mineiro... ferro quebra, ella não... Manecão ha de ser genro delle...

— Quem sabe, Innocencia ? Hei de fallar tanto... pedir com tanta humildade...

— Ché, que esperança ! de nada serviria...

— Então que fazer ? bradou o moço. A que santo nos agarrarmos ? Porque é que o céo nos quer tanto mal ?

E, occultando a cabeça entre as mãos, pôz-se o mancebo a chorar ruidosamente. Innocencia, por seu lado, encostou a fronte ao hombro de seu amante, e ambos, unidos, choraram como duas crianças que eram.

Foi ella quem primeiro rompeu o silencio.

— Ah ! meu Deus, se padrinho quizesse !...

— Seu padrinho ? perguntou Cyrino. Quem é ?... quem é elle ?

— E' um homem que mora para lá das Parnahybas, já nos terrenos das Geraes.

— Onde ?... E' longe ?...

— Meio longe, meio perto... Mecê não conhece o *Pauda* (1) ?

— Conheço... A' 16 leguas do rio Paranahyba...

— Pois é ahi que o padrinho *pára* (2)... A' esquerda da fazenda do Pauda, n'umas terras de sesmaria...

— E como se chama elle ?

— Antonio Cesario... Papai deve favores de dinheiro e faz tudo quanto elle manda... Se dissesse uma palavra, Manecão *havéra* de ficar atrapalhado...

(1) Talvez seja o nome deste fazendeiro Padua. Entretanto é geralmente conhecido por Pauda.

(2) Móra.

— Oh! exclamou Cyrino com subita confiança, estamos salvos então!... Amanhã mesmo monto a cavallo e toco para lá... Daqui á villa são sete leguas... Até lá umas dezesete... E' um passeio... Chego... conto-lhe tudo... me ponho de rastos a seus pés... e...

— Mas, interrompeu Innocencia, não lhe falle em mim, ouvio? Não lhe diga que *tratou* commigo... Que commigo *mapiou*... Estava tudo perdido... Invente umas historias... faça-se de rico... nem de leve deixe *assumptar* que foi por meu *juizo* que mecê bateu á porta delle... Hi! com gente desconfiada é preciso saber *negaciar*...

— Oh! meu Deus, disse Cyrino no auge de alegria, estamos salvos!... Não ha duvida... Vejo agora como tudo ha de acontecer... Depois de um dia ou dous de parada na casa, *desembuxo* tudo. O velho escreve uma carta a seu pai e pelo menos se não arredar-se logo Manecão... ganha-se tempo... Eu já quizera estar montado na minha besta torquilha queimada a bater estrada por ahi... Dous dias para ir; dous para voltar; dous ou tres para pousada; com pouco mais de uma semana, estou de volta, trazendo ou a felicidade ou a *caipora* de uma vez. Não! Tenho fé em Nossa Senhora da Abbadia... Ella nos ajudará... e juntos havemos ainda de cumprir a promessa que já fiz...

— Que *permessa* foi? perguntou Innocencia com curiosidade.

— Nós irmos daqui até a villa a pé, botar duas velas bentas no altar de Nossa Senhora.

— Sim, confirmou a moça com fogo, eu juro ... Que fosse até o fim do mundo!...

— Oh! minha santa do Paraizo, exclamou o moço apertando-a de encontro ao peito, quanto me ama você?!

E assim abraçados ficaram elles, emquanto a aurora vinha clareando o firmamento e atirando para a terra raios indecisos como que a sondarem a profundidade das trevas; emquanto os passaros chilravam á surdina, preparando as gargantas para o matutino concerto; emquanto o orvalho subia da terra para o céo, molhando o dorso das folhas das grandes arvores e suspendendo ás rasteiras plantinhas gottas que scintillavam como diamantes.

Ao longe, na beira de algum rio, as aracuans levantavam a sonora grita, e o macauan lançava aos ares os pios prolongados de sua aspera garganta.

— E' dia, observou Innocencia desprendendo-se dos braços de Cyrino.

— Já, exclamou este amuado.

— Meu Deus, e eu que tenho de ir até a casa.... vou-me embora...

— Então partirei hoje mesmo, disse o moço.

— Sim...

— E na semana que vem, estou de volta...

— Pois bem.... Leve com mecê esta certeza: minha vida ou minha morte depende do padrinho....

— A minha tambem, replicou o mancebo beijando com fervor as mãos de Innocencia...

— Me deixe... me deixe, implorou ella.... Adeus, estou com um medo... Felizmente ninguem me vio....

Nesse momento e, como que para responder á asseveração, partio do pomar aquelle assovio agudo que tanto assombrára os dous amantes na primeira de suas entrevistas.

Innocencia quasi cahio por terra.

— Meu Deus! balbuciou ella, isto é agouro.... Quem sabe se não é gente?

Ao assovio seguio-se uma especie de gargalhada que gelou o sangue nas veias dos dous amantes.

A menina agarrou-se a Cyrino.

— E' alma do outro mundo, murmurou ella persignando-se.

O mancebo não perdêra o sangue frio. Invocando S. Miguel, fez o signal da cruz na direcção dos quatro pontos cardeaes; depois suspendeu a moça em seus braços e, transpondo a toda pressa o pomar, foi depôl-a junto á porta da casa, porta que estava entreaberta, naturalmente pelo vento.

Innocencia quasi desmaiára: entretanto reunindo as forças, pôde entrar e, com mão cautelosa, fechar o trinco interior.

Uma vez socegado a respeito della, voltou Cyrino ao laranjal e como da primeira vez começou a percorrel-o em todos os sentidos, indagando, á nascente claridade do dia, se era ente humano ou fantasma que delle parecia fazer joguete.

No momento em que passava por junto de uma larangeira mais copada, vio repentinamente uma massa informe cahir-lhe quasi na cabeça e no meio de folhas ramos quebrados vir ao chão com um grito de angustia.

— Cruz! Te esconjuro! bradou o moço.

E, como uma visão, uma creaturinha passou-lhe por entre as pernas, desapparecendo logo entre os troncos das arvores.

Cyrino alli esteve com os cabellos erriçados, os olhos fixos, os braços hirtos de medo, os labios seccos a tartamudear um exorcismo e as pernas a tremer que nem varas verdes.

Uma voz, a certa distancia, arrancou-o desse estado.

Era Pereira que, com as mãos encostadas á bocca interpellava no terreiro a um dos seus escravos.

— *Faz* fogo, José!... Se fôr alma do outro mundo ou lobishomem, a bala não pega.... Se fôr gente, melhor.....

E um tiro atroou.

E uma bala sibilou aos ouvidos de Cyrino, indo cravar-se n'uma arvore proxima.

O moço não esperou por outra. A favor da escuridão que ainda reinava, deslizou-se rapido e foi buscar a frente da casa, quando já iam acordando os seus camaradas.

Mal chegára á sala, e Pereira appareceu-lhe á porta.

— Que foi isto? perguntou-lhe Cyrino compondo a physionomia.

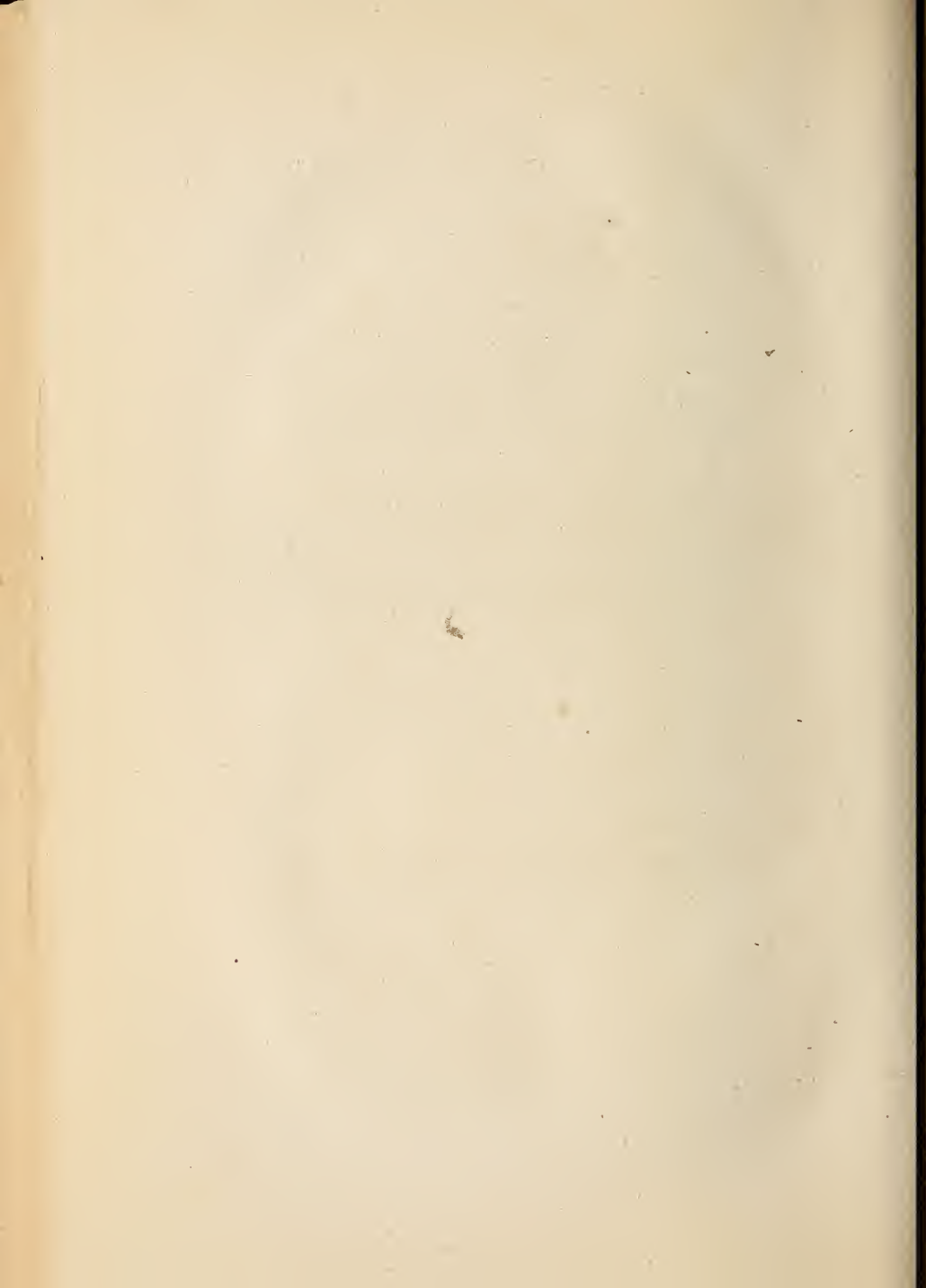
— Lá sei, respondeu o mineiro. Uma matinada de gritos no laranjal, que parecia um inferno... A pequena ficou toda que parecia querer morrer de medo. Desconfio que a alma do col-

lector (1) andou hoje rondando-me a casa... Não seja presagio de mal... A Senhora Sant'Anna nos proteja....

— Pois eu dormi que nem um chumbo, disse Cyrino; acordei com um tiro...

— E não ha de poder enfiar outro somno, porque daqui a um *nadinha*, o sol está batendo no terreiro.

Com effeito depressa caminhára a aurora e debaixo daquellas vivas impressões acordaram aquelles que haviam conciliado o somno na morada de Pereira.

(1) Este collector de que falla Pereira e cuja alma anda, no dizer dos sertanejos, vagando pelas bandas de Sant' Anna era um empregado publico, que foi processado e preso depois de provada a concussão praticada no exercicio de suas funcções. Falleceu na prisão, e como o Estado sequestrou todos os seus bens, cahiram em abandono uma excellente casa e fazenda que elle formára a trinta leguas da villa.

CAPITULO XXIV.

A VILLA DE SANT'ANNA.

> Sob o céo ha uma cousa que nunca se vio : é uma cidade pequena da qual se tenham banido a tagarellada, a mentira e a bisbilhotice.
>
> LAVERGNE.

Nesse mesmo dia Cyrino montou a cavallo e despedio-se de Pereira por uma semana ou pouco mais, dando como razão de tão inesperada viagem não só a necessidade de visitar alguns doentes mais afastados, como procurar uns remedios que lhe iam faltando, quér na villa, quér mesmo nos campos da provincia de Minas Geraes.

— Daqui a um terno de dias estou de volta, disse elle.

E partio.

A estrada desde a casa de Pereira até o Albino Lata é tão ensombrada e agradavel que essas tres leguas foram-lhe muito faceis de vencer.

Desde ahi, porém, começam campos dobrados e desabrigados que, n'uma linha de quatro leguas,

até a villa de Sant'Anna proporcionam penosa viagem, sobretudo quando se os atravessa sob os ardentes raios do sol do meio dia.

Os incommodos de espirito exaltam-se, irritam-se, no momento em que o physico começa a soffrer.

Quando Cyrino passou por aquellas campinas batidas do sol, abrazadas de calor, em sua alma surgio um desanimo completo do exito da empreza a que se atirára. Tanta esperança o transportára quando elle ia seguindo a vereda encoberta e amena, quanto sentia agora desalento e, desacoroçoado, deixava que o animal o fosse levando a passo vagaroso e como que identificado com a disposição de animo do cavalleiro.

— Que vou eu fazer? pensava elle.... Como encetar aquella conversa?

A duvida que o assaltava era tamanha, que chegou quasi a blasphemar contra a amada do seu coração.

— Maldita a hora em que vi aquella mulher!... Eu seguia socegado o meu rumo... seus olhos me botaram a perder!...

Depois exclamou contrito:

— Perdão, Innocencia; perdão, meu anjo! Estou a amaldiçoar a hora de minha felicidade... Eu que sou homem posso fugir... deixar-te...mas tu, amarrada á casa... Infeliz, fui o culpado!...

E, mergulhado em dolorosa cogitação, alcançou a villa de Sant'Anna do Paranahyba.

De longe o primeiro aspecto da povoação é summamente pittoresco.

Ponto terminal do sertão de Mato Grosso, ergue-se ella assente no dorso de um outeirosinho. O que lhe dá, porém, encanto particular para quem a vê de fóra, é o extenso laranjal, coroado annualmente de milhares de aureos pomos, no qual se encravam as casas e sobre cuja folhagem verde-escura destaca-se a cruz da modesta igreja, que serve de matriz.

Transposto limpido regato e subindo-se uma ladeira pedregosa com casinholas de sapé á direita e á esquerda, chega-se á rua principal, cujo monumento mais grandioso é uma espaçosa casa de sobrado de construcção antiquada. Tem varanda toda de ferro e um telhado que adianta-se para a rua, como querendo abrigal-a em sua totalidade dos raios do sol.

E' ahi que mora o major Martinho de Mello Taques.

E' na sua loja de fazendas ao rez do chão que reune-se a melhor gente da localidade, para ouvil-o dissertar sobre politica, ou contar a guerra dos farrapos no Rio Grande do Sul e a vida que se leva na côrte do Rio de Janeiro, onde estivera elle pelos annos de 1838 e 1839.

De vez em quando naquella rua silenciosa, em que tão bem impresso está o typo melancolico de um centro de população em decadencia, apparece alguma tropa carregada que levanta nuvens de pó e attrahe ás janellas rostos macilentos de mulheres, ou então á porta crianças pallidas e barrigudas de comer terra ou das febres do rio Paranahyba.

Tambem aos domingos, á hora da missa, por alli cruzam mulheres velhas embrulhadas em mantilhas, acompanhando outras mais mocinhas que trajam capote comprido até os pés e usam pentes elevados, como foi moda em tempos que já vão longe.

Cyrino atravessou a villa, e passando por defronte do Sr. Taques saudou-o com a mão, mas sem parar.

Estava o major, como de costume, sentado ao balcão rodeado da melhor sociedade e contando não só as proezas proprias, que muitas as tem aquelle estimavel cidadão, como tambem as façanhas dos antigos sertanejos, historias que elle sabe na ponta da lingua.

— Lá vai o doutor, disse uma das pessoas presentes á palestra da loja.

— O' Sr. Cyrino ! interpellou o major correndo para a porta. Então que é isto ? Por aqui ? !

— E' verdade, respondeu Cyrino, e vou de passagem ; tambem por pouco tempo : talvez nestes oito ou dez dias esteja de volta.

Tudo quanto enchia a salinha havia sahido para fóra, de modo que o moço ficou logo cercado de gente. Uns recostaram-se quasi á anca do animal ; outros afagavam-lhe a pá do pescoço e brincavam com o freio.

A curiosidade achava-se aguçada : era preciso dar-lhe pasto.

O major comprehendeu o alcance da situação.

— Cada um tem os seus negocios particulares, disse elle para começar, mas se não ha segredo, que diabo significa esta sua volta ?

— Já devia estar bem longe de *acá*, observou um sujeito. Ha quasi dous mezes que *parou* aqui na *cidade* e....

— Espere, interrompeu o vigario, não ha tal dous mezes. O doutor passou por esta rua ha um mez e vinte dous dias, ás 8 horas da manhã.

— Pois bem, continuou o major, tinha tempo de sobra para estar já por bandas de Miranda...

— Isso é se eu fosse escoteiro, replicou Cyrino; reparem que levava cargas.... e demais viajava curando....

— E' verdade! confirmou o collector (homem esguio, que trazia um chapéo alto e afunilado), elles não pensam nisso. O que querem é fallar... fallar...

— Eu creio que o Sr. não se refere a mim? perguntou o vigario com ar rusguento.

— Quem em tal pensou, Sr. padre? protestou apressadamente o outro. Estou dizendo em geral... em geral. Eu não...

— Mas, doutor, atalhou o major, onde esteve o Sr. de molho este *tempão?*... em alguma fazenda?

O interrogatorio promettia ir longe.

Inprescindivel tornava-se tomar uma deliberação que impedisse o seu proseguimento.

— Eu já estava quasi perto do Sucuriú, disse Cyrino meio perturbado, no....

— Não é tão perto assim, observou o vigario. Uma vez....

— Ouçamos, Sr. padre, atalhou o collector que mostrava ter rixa velha com o clerigo. O moço não disse que seja perto daqui....

O major repetio as palavras de Cyrino, acentuando-as de certo modo:

— Então o doutor estava quasi perto do Sucuriú, não é?

— E' facto. Alli encontrei uma pessoa que me devia, ha tempos, um dinheiro...

— Um dinheiro? perguntou o vigario. Uma pessoa?... Que pessoa?... Quem será?

— Homem, quem poderá ser? perguntaram a um tempo duas e mais vozes.

O major proseguio inplacavelmente:

— Deixem o doutor explicar-se... Vocês fazem logo uma algazarra!...

Foi quasi a balbuciar que Cyrino procurou continuar:

— Sim... era um tropeiro... mandou ordem *para mim* cobrar... de um parente uma *bolada*.. Tambem eu tinha que... pagar a outra pessoa... que...

— Espere, espere, interrompeu o major, então o Sr. veio receber dinheiro ou desembolsar? Não é uma e a mesma cousa...

— Por certo, apoiaram alguns circumstantes.

Cyrino fez uma repentina parada nas suas explicações.

— Tambem, disse elle com alguma volubilidade, eu muito breve estou voltando até cá. Tenho de ir para lá um pouco do rio...

— Vai até as Melancias? perguntou o collector proporcionando o nome de um pouso para vêr se acertava.

— E' mais adiante, respondeu o moço, o qual, vendo a impossibilidade de escapar honrosamente daquelle terrivel interrogatorio, mudou de tactica e dirigindo-se ao major:

— Na volta, disse elle, hei de lhe comprar algumas fazendas....

— Já adivinhei, exclamou o vigario cortando repentinamente a palavra a Cyrino, o doutor vai casar.

— Ora, observaram alguns, para que tanto segredo?... Ninguem lhe ia roubar a noiva!...

— Sobretudo quando as cousas têm de me vir ás mãos, ponderou o padre.

O repentino acanhamento e o silencio de Cyrino deram por instantes azo a muitas observações.

— Parabens! dizia um.

— Mas quem é essa feliz do sertão? perguntaram outros.

— Meus senhores, procurou contrariar o moço, não ha nada....

O padre proseguio:

— Pois se quer um conselho, apresse isso, para que eu de uma cajadada mate dous coelhos... Poderei casar ao senhor e ao Manecão.

— E é verdade, concordou um dos presentes.

— Mas onde metteu-se elle? perguntou um outro.

— Ha pouco estava aqui...

— Quem? o Manecão?

— Sim....

— Alli vem elle! annunciou um terceiro.

Com effeito no fim da rua apparecia um homem

montado em fogoso cavallo que sofreava com mão segura.

Era o typo do capataz de tropa.

Os cabellos compridos e emmaranhados, o ar selvatico e sobranceiro, a tez queimada e a vigorosa musculatura compunham um todo que não deixava de chamar de prompto as vistas.

Os pés mettidos n'umas especies de polainas de couro crú de veado, grandes chilenas de ferro, lenço vermelho atado ao pescoço, garruchas nos coldres da sella e chicote de cabo de osso em punho indicavam o tropeiro no exercicio de suas funcções.

— Nosso Senhor .... comvosco, disse elle ao chegar erguendo ligeiramente a aba do chapéo com a ponta de um dedo.

— Bons dias, Sr. Manecão, respondeu por todos o major, ou melhor, boas tardes. Já sei que desta feita vai de batida...

— Boa duvida, grasinou o vigario, vai vêr a pequerrucha....

O capataz sorrio-se com melancolia:

— Não é por isso, Sr. vigario. Não me deixo *anarchisar*(1) por mulheres, mas emfim a gente deve um dia deitar a poita... A vida é uma viagem.....

Cyrino e Manecão ficavam no meio do grupo dos curiosos.

Fitaram-se: um indifferente e altivo, no seu modo de encarar; o outro, descorado, meio tremulo.

(1) Dominar, desmoralisar.

— Este *cujo* é o *cirurgião?* perguntou a meia voz Manecão adernando no sellim para o lado do collector. A Cula(1)da venda me disse que elle tinha chegado...Tem-me cara de *enjoado*(2).

— Chi! retrucou o outro, mas *tem muita cabeça* (3). Por ahi fez um *despotismo* de curas.

Cyrino, notando que era delle de quem se tratava, cumprimentou com um riso de amabilidade:

— Boa tarde, patricio.

— Ora viva, correspondeu o tropeiro com tom aspero.

E, olhando para o sol, acrescentou:

— Vejam lá o que é um homem estar fazendo como mulheres....a bater lingua ...O sol vem descendo e tenho hoje muito que *palmear*....Minha gente, adeus....Sr. major, até mais vêr...Sr. vigario, breve estou aqui...

Esporeou o animal; o circulo abrio-se, e Manecão partio em boa marcha.

Cyrino, por seu turno, aproveitando aquella sahida que rompêra a cadêa dos que o rodeavam, apertou a mão do major e tomou rumo do rio Paranahyba, em cuja margem contava passar a noite.

Mal desapparecêra, e sobre elle choveram commentarios que nem saraiva.

(1) Modificação familiar de Clotildes.

(2) *Enjoado* é um qualificativo muito usado na provincia de Goyaz. Tem muitas accepções desde engraçado, tolo, até impostor, vaidoso.

(3) Tem muitos conhecimentos.

— Notou o Sr., disse o vigario para o major, como o doutor estava mudado ?...todo *jururú*.

— Nem tanto, contrariou o collector, nem tanto...

O Sr. Taques, major e juiz de paz, tomou um ar de profunda meditação.

— Hão de os senhores vêr, disse elle por fim levantando um dedo ao ar, que aqui ha dente de coelho....

Durante essa noite e muitos dias subsequentes, a villa toda repetio aquellas celebres palavras.

— Foi o major quem disse, asseverava-se com tom de convicção, aqui ha dente de coelho.

CAPITULO XXV.

A VIAGEM.

> Sinto ás vezes a necessidade de morrer, como pessoas acordadas sentem a necessidade de dormir.
>
> M.me DU DEFFAND.

> Ah! encantador paiz! Teu bello aspecto, teus solitarios bosques, teu ar puro e balsamico têm o poder de dissipar qualquer especie de tristeza, menos a da perda da esperança.
>
> CARLOTA SMITH.

Cyrino em pouco mais de hora transpôz a distancia da villa ao rio. Tambem na legua e quarto que até lá medeia, só ha de ruim no caminho o trecho em que fica a mata que borda as margens do magestoso caudal.

Nessa mata os troncos das arvores trazem os vestigios das grandes enchentes; o terreno é lodacento e ennatado; centro de putrefacção vegetal d'onde irradiam os miasmas que, por occasião da retirada das aguas, se formam nos dias de intenso calor.

Ahi abundam coqueiros de curto stipite e folhuda

corôa chamados *aucurys* que rodeam numerosas lagoinhas de agua empoçada e coberta de limo.

O aspecto, pois, em nada é aprasivel, e a lembrança de que alli moram as tão temidas sezões faz com que qualquer viajante apresse sua passagem por essas tristonhas paragens.

A' curta distancia ouve-se o ruido do grande rio.

Elle é largo, claro e corre com rapidez.

Como duas orlas verdes reflectem-se no espelhado da corrente as elevadas margens, junto ás quaes moitas de *sarandys* curvadas pelo esforço das aguas e n'um balancear continuo produzem um doce marulho.

A contemplação de uma massa imponente a rolar, rolar mansamente, tangida de força occulta, causa-nos involuntaria tristeza.

Como diante do oceano cujo movimento incessante, monotono, agita a alma, assim tambem aquelle passar perenne, quasi silencioso de um immenso caudal, leva-nos insensivelmente a meditar.

E quando o homem medita, entristece.

A alegria é franca e espontanea como todo o facto da natureza repentino. A tristeza é uma vaga aspiração metaphysica, é uma elação inquieta, quasi dolorosa acima da contingencia.

Ninguem se prepara para ficar alegre. A melancolia pelo contrario não procede subitaneamente; é o resultado de phenomenos psychologicos que se encadeam uns nos outros.

Como nasceu aquella massa enorme de agua?

D'onde veio? Para onde vai? Que mysterios encerra em seu seio?

Cyrino ficou a olhar para o rio largo tempo. Na sua mente tumultuavam negros pensamentos.

O crepusculo já havia chegado, e bandos folgazões de *quero-queros* saudando os ultimos raios de sol, que illuminavam a extrema rama das arvores, acordavam os ècos com descommunal gritaria. De vez em quando passava algum pato selvagem batendo pesadamente as azas; sobre as aguas as garças adejavam estirando e recolhendo o niveo collo, e pombas, aos centos, cruzavam de margem a margem a buscar um pouso conhecido.

A luz foi morrendo no céo de perto seguida pelas sombras, e o rio tomou um aspecto uniforme, como se fôra uma lamina de prata não burnida.

— Emfim conheci o Manecão! pensava Cyrino. E para esse é que reservam a minha gentil Innocencia?!... Bonito homem para qualquer.... para mim, para ella, horrendo monstro... E como é forte!...

Digamôl-o, sem por isso amesquinhar o nosso heróe, a idéa de força no seu rival acabrunhava-o.

— Se eu podesse... esmagava-o!... Mas, que ar sombrio e desconfiado!... Meu Deus, dai-me coragem... dai-me esperanças... Nossa Senhora da Abbadia!... Nosso Senhor da Canna Verde.... valei-me!....

E o mancebo, diante daquella natureza immensa que tanto se importava com a paixão a apertar-lhe

com tenazes o peito, quanto com o insecto que chilrava debaixo da folha de humilde herva, cahio de joelhos, orando com fervor ou melhor desfiando automaticamente as rezas que sua mãi lhe havia em pequeno ensinado.

E o rio corria sereno e uma onça ao longe urrava, ou algum passaro da noite lançava um grito de susto, esvoaçando estonteadamente.

....

Transpondo, na manhã seguinte, o rio Paranahyba, pisou Cyrino o territorio de Minas Geraes.

Depois de legua e meia em mata semelhante á da margem direita, abrem-se campos dobrados, um tanto queimados do sol, de aspecto monotono e abundantissimos em perdizes e codornas.

Tão preoccupado levava o moço o espirito que nem sequer uma só vez imitou o pio daquellas aves, prazer, comtudo, a que não se nega quem por lá viaja, tão vivos são os motivos de instigação.

Foi com impaciencia cada vez mais crescente que elle venceu as 16 leguas que o separavam da fazenda do Padua.

Seu coração ia cheio de tristeza e os olhos se lhe arrazavam de lagrimas cada vez que contemplava o melancolico bority. Então pelo pensamento voava á casa de Innocencia. Tambem, alli, junto ao ribeirão em cuja margem déra-se a ultima entrevista, erguia-se uma daquellas palmeiras, rainha dos sertões.

Que estaria fazendo a querida dos seus sonhos?

Que lhe aconteceria? E Manecão?! Já estaria lá? Cyrino em tal pensar entrava na maior agitação e com vigor esporeava a cavalgadura.

O caminho transformava-se para elle n'uma via dolorosa que quizéra percorrer em vertiginosa carreira, mas que era preciso ir tragando pouso por pouso, ponto por ponto.

A impassibilidade magestosa da natureza o exasperava.

Quando o homem soffre, desejára nos arrancos de louco orgulho vêr tudo derrocado pela furia de temporal que se harmonisasse com a tempestade de seu intimo.

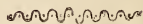
— Meu Deus, murmurava Cyrino, tudo que me rodêa está tão alegre! Os passaros voam com tanta leveza; as flôres são tão bellas, os ribeirões tão claros, convidam a tanto descanso.... só eu é que soffro? Antes morrer... Quem pudéra arrancar-me do coração este peso, esta certeza de desgraça? O que é afinal o amor?... Daqui a annos talvez nem me lembre eu mais de Innocencia... Estarei me atormentando a tôa?... Oh não! Essa menina é minha vida, meu sangue... Quem m'a tirar, me mata. Venha essa morte... ella que fique para chorar-me.... para contar como um homem sabe amar!...

Cyrino levantára a voz: de repente gritou como que abrindo o peito á expansão:

— Innocencia!... Innocencia!

E os écos, doceis a qualquer ruido, repetiram aquelle nome querido, como repetiam o uivo da çu-

çuarana, a nota plangente do sabiá ou a estridente martellada da araponga.

Como tudo, afinal, tem um termo, no quarto dia alcançou Cyrino a casa de Antonio Cesario, que o acolheu ccm toda a amabilidade e franqueza e sob cujo tecto o deixaremos, para vêr o que se passava na vivenda de Pereira entre a gentil Innocencia e os que a destinavam ao sacrificio do forçado matrimonio.

CAPITULO XXVI.

RECEPÇÃO CORDIAL.

> Marquemos este dia entre os dias felizes; não se poupem as amphoras; e como Salios, não demos descanso aos nossos pés.
>
> HORACIO — Ode XXVI.

Em breve chegára Manecão á casa de seu futuro sogro.

A distancia de Sant'Anna até lá não era muita, e entretanto o animal brioso e descansado que montava o tropeiro viera sempre estimulado do acicate.

O coração de Manecão batia de impaciencia, e a lembrança da mimosa noiva que o esperava enchia-o de desconhecido alvoroço. Tambem por vezes fugia-lhe do rosto aquelle toque habitual de tristura, e tenue sorriso, afastando a custo os densos bigodes, pairava-lhe nos labios.

Pereira acolheu-o com explosão de verdadeira alegria.

— Viva! viva! exclamou elle de longe acenando com os braços, seja bemvindo neste rancho.... Ora, até que afinal! ... Faltam *rojões* para festejar a sua chegada....Que demora!...Pensei que não

topava com o caminho da casa.... *Nocencia* vai pular de contente....

Emquanto o mineiro enfiava estas palavras quasi em gritos, apeava-se o sertanista, que, de chapéo na mão, veio pedir-lhe a benção.

— Deus o faça santo, disse Pereira abraçando-o com força. Você não queria chegar....

— Como vai a pequena ? perguntou Manecão.

— Agora, muito bem.... Teve sezões, mas já está de todo boa....

— E lembrou-se de mim ?

— Olhe, que *enjoado* ! ....Pois se você enfeitiça a gente....Eu mesmo só pensava em você...Quando chegará aquelle marreco ? dizia eu commigo mesmo: ....e botava uns olhos compridos por esta estrada a fóra...quanto mais, mulher ! Isto é um nunca acabar de saudades.

— Mas, observou elle, estamos a bater lingua e não o faço entrar ... *Agorinha* mesmo *Nocencia* foi para o corrego... Desensilhe o *pingo* e deixe-o por ahi...

Manecão fez o que dizia Pereira. Tirou os arreios, não de subito mas com cuidado e lentidão, para que o animal, acalorado como estava, não ficasse *airado* : deixou sobre o lombo a manta e, apanhando um sabugo de milho, com elle esfregou a anca e o pescoço.

Depois de terminada aquella operação, penetrou na casa fazendo soar as rosetas das esporas, que pelas dimensões desproporcionadas obrigavam-o a caminhar firmado nos dedos e com a planta do pé levantada.

O mineiro não cabia em si de contente.

— Então está tudo arranjado? perguntou elle sofregamente.

— Tùdo. Os papeis já foram tirados...Tivè que ir até Uberaba e foi o que me atrazou...Quando mecê queira...nos botamos de partida para a Senhora Sant'Anna... Amanhã chegam cá os cavallos que comprei...está fallado o Lata...o vigario avisado... só falta o dia....

— Nestes casos, quanto mais depressa melhor... Não acha?

— De certo que sim....

— Então se quizer, daqui a dous domingos....

— Como queira... Eu por mim...Bem sabe, isto de *casorios*, o que custa é... tomar resolução... depois... deve-se *pegar* na carreira...A rapariga está prompta?...

— Não sei...ha de estar...Vejo-a sempre cosendo....Eu quero ficar certo no dia, porque mando chamar a gente do Roberto .... Afinal é preciso matar a porcada e mandar buscar *restillo* (1). Quando se casa uma filha e ...filha unica, as algibeiras devem ficar *velleiras* (2) ... Já estão todos combinados....é só dar o signal....Tudo se arma logo... Aqui em frente da casa faz-se um grande rancho... A latada para a *janta* ha de ser no outão direito... Já encommendei de Sant'Anna alguns rojões e o

(1) *Restillo* é a aguardente distillada. No interior empregam-se estas palavras como synonimas.

(2) *Velleiras*, isto é, faceis de serem abertas.

mestre Tabuco prometteu-me uns que deitam lagrimas....Depois tiros de bacamarte e *ronqueiras* hão de atroar...

— Eu, interrompeu Manecão, mandei com sua licença vir da *cidade* duas duzias de garrafas de vinho da casa do major...

— Homem ! Você metteu-se em gastos !.... Duas duzias de garrafas de vinho ?

— Nhôr-sim....

— Pois essas, meu caro, hão de ser reguladinhas...Para o vigario...para o major...o collector...o professor...gente, emfim, de alguma representação, porque com ella conto, sem fallar na *arraia miuda*. Isso ha de haver um *despotismo*. Quero que dez dias antes da *fonçonata* venha a comadre do Ricardo com seu povo para preparar os sequilhos, tarecos, biscoutos de polvilho e *brevidades*. (1) Haverá regalo de *chicolate* (2) todas as manhãs. Você verá que desta festa fallarão....E o *sapateado* á noite ? Os descantes?...Talvez se possa arranjar um *cururú* valente....

— Mas, perguntou Manecão, *que dê* sua filha ?

Pereira rio-se.

— Maganão ! não pensa n'outra cousa, hem? Tambem fui *ansim*....cada um tem seu tempo... Isto é regra de Nosso Senhor Jesus Christo.

E, sahindo para o terreiro, gritou com força, fazendo das mãos busina :

(1) *Brevidade* é uma especie de pão de milho em que entra clara de ovo.

(2) *Chicolate* é café com leite e ovos batidos.

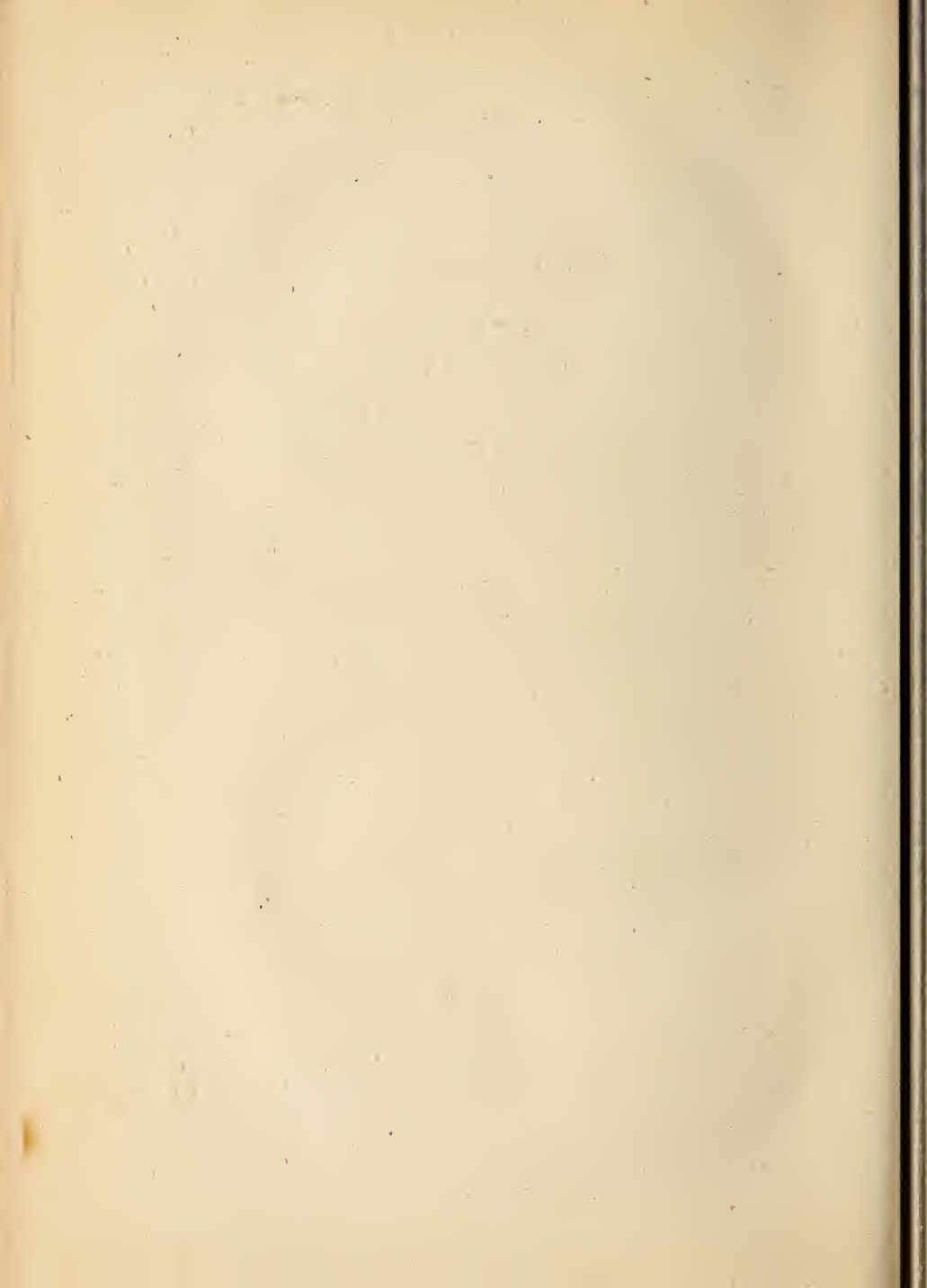
— *Nocencia!... Nocencia!...*

Não teve resposta.

— Coitadinha da pequena, disse elle, ha de saltar que nem uma veadinha, quando voltar do rio.

E acrescentou:

— Já que ella não vem... entremos. Você é de casa: tome por cá e chegue até meu quarto.... Rede e pelles macias não faltam.

Ao dizer estas palavras, Pereira bateu amigavelmente no hombro de Manecão e fêl-o seguir para o lanço dos fundos da casa.

CAPITULO XXVII.

SCENAS INTIMAS.

> Santa Maria, advogada nossa, ouvi meus rogos... Virgem pura, ante vós se prostra uma infeliz donzella.
>
> WALTER SCOTT — Os dous desposados.

Descrever o choque que recebeu Innocencia ao ver-se cara a cara com Manecão fôra impossivel. O espanto, o terror pintaram-se-lhe tão fortemente na physionomia que o reparo não só da parte do noivo, como da do proprio pai, habitualmente tão desprevenido, foi immediato.

— Que tem você? perguntou Pereira.

— A modo, observou Manecão com tristeza, que eu metto medo á senhora dona....

O queixo da donzella batia de commoção: nervoso tiritar balanceava-lhe o corpo todo.

O mineiro chegou-se a ella e pegou-lhe no braço.

— Mas não tem febre?.... Que é isto, rapariga?

Depois, meio sorrindo, voltou-se para Manecão:

— Já sei o que é.... Ficou abalada... vendo a você... Vamos, *Nocencia*, deixe de tremer.

— Eu quero, murmurou ella, voltar para meu quarto.

E encostando-se á parede, com passo vacillante encaminhou-se para dentro.

O capataz ficára sombrio.

De sobrecenho carregado recostára-se á mesa e fôra seguindo com a vista aquella a quem já chamava de esposa.

Pereira sentou-se defronte delle com ar de admiração.

— E que tal? exclamou elle... Ninguem póde contar com mulheres, hem?

O outro nada retorquio.

— Sua filha, perguntou elle de repente com voz muito arrastada e parando em cada palavra, vio alguem?

O mineiro descorou e quasi a balbuciar:

— Não... isto é, vio... mas todos os dias... ella vê gente... Porque me pergunta isto?

— Por nada...

— Não, explique-se... Você faz assim uma pergunta que me deixa um pouco... *anarchisado*. Este negocio é muito sério. Lhe dei minha palavra de honra em como minha filha *havéra* de ser mulher sua... a *cidade* já sabe e... commigo não quero historias... E' o que lhe digo.

Manecão ergueu-se subitamente.

— Está bom, replicou elle, nada de *percipitações*. *Toda a vida* eu fui *ansim*... Já volto, vou vêr onde *pára* meu cavallo.

E sahio, deixando Pereira entregue a desencontradas supposições.

Dias decorreram sem que os dous tocassem mais no assumpto que lhes moia o coração. Ambos, calmos na apparencia, viviam vida commum, iam ás plantações, comiam juntos, caçavam e só se separavam á hora de dormir, porque o mineiro ia para dentro e Manecão tomava a sala dos hospedes.

Innocencia não apparecia.

Mal sahia do quarto, pretextando uma recahida de sezões: entretanto seu corpo não era o doente, não; sua alma, sim, essa soffria morte e paixão, e lagrimas amargas, sobretudo á noite, inundavam-lhe o rosto.

— Meu Deus, dizia ella, que será de mim? Nossa Senhora da Guia me soccorra... Que póde uma infeliz rapariga dos sertões?...

E de joelhos diante de tosco oratorio allumiado por esguias velas de cera, orava ella com fervor, balbuciando as preces que costumava recitar antes de deitar-se.

De repente parou.

—Quizéra uma reza que me enchesse mais o coração... que mais me alliviasse na minha desgraça de hoje....

E como que levada de inspiração, prostrou-se murmurando:

—Minha Senhora, mãi da Virgem que nunca peccou, ide diante de Deus e pedi-lhe que tenha pena de mim... que não me deixe assim nesta dôr cá de dentro..... Estendei vossa mão sobre mim... Se é crime gostar de Cyrino, mandai-me a morte....

Ás vezes Innocencia sentia em si elementos de resistencia: era a natureza de seu pai que acordava, natureza forte e teimosa.

—Hei de ir, dizia ella com os olhos a chammejarem, á igreja de rastos e na cara do padre direi: não, não!.. Matem-me... mas eu não quero...

Quando a lembrança de Cyrino apresentava-se-lhe mais viva, ella estorcia-se de desespero. A paixão punha-lhe o peito em fogo..

—Que é isto, meu Deus? Aquelle homem me botou um máo olhado?... Cyrino, Cyrino volta, vem tomar-me... eu morro!...

E cahia prostrada no seu leito, com arripios nervosos.

Um dia Pereira entrou repentinamente e a achou toda lacrymosa.

Vinha sereno; seu ar era decidido.

—Que tem você, menina, perguntou elle com ternura, de alguns dias para *cá?*

Innocencia encolheu-se toda como uma pombinha que sente que a vão agarrar.

O pai puxou-a brandamente e fêl-a sentar ao collo.

—Vamos, que é isto, *Nocencia?* Você se *socou* no quarto, e Manecão lá fóra a todas as horas está perguntando por você.... Isto não é bonito... E' elle ou não seu noivo?..

As lagrimas redobraram.

—Uma mulher não deve se atirar á cara dos homens... mas tambem é bom não se *canhar*

assim.... E' de *enjoada*... Um marido, como já elle é...

De repente o pranto de Innocencia cessou.

Ella desenvencilhou-se dos braços do pai e de pé diante delle encarou-o com resolução :

— Papai sabe porque tudo isto ?

— Sim....

— E' porque eu... não devo...

— Não deve o que ?

— Me casar.

A essas palavras Pereira arregalou os olhos e de espanto abrio a boca.

— O que ? perguntou elle levantando muito a voz.

A menina comprehendeu que a luta ia travar-se. Achou-se revestida de toda a coragem.

— Sim, meu pai, este casamento não deve fazer-se...

— Você está douda ? observou Pereira com fingida tranquillidade.

Innocencia proseguio então com muita rapidez e com as faces incendidas de rubor :

— Papai eu lhe conto tudo.... Não me queira mal.... Foi um sonho.... Outro dia, antes deste homem chegar, eu estava sesteando e tive um sonho.... Neste sonho, ouvio, papai ? minha mãi vinha descendo do céo.... Coitada, estava tão branca que mettia pena.... Vinha *bem limpa*, com um vestido todo azul....

— Sua mãi ? interrompeu Pereira tomado de ligeira emoção.

— Nhôr-sim, ella mesma....

— Mas você não a conheceu ? ... Morreu quando você era *pequetita*...

— Não faz nada, continuou Innocencia, eu logo vi que era minha mãi... Olhava para mim tão amorosa ! ... Perguntou-me: *Que dê* seu pai ? Eu respondi com medo—Está na roça ; quer, mecê, que elle venha ? —Não, me disse ella, não é *perciso* ; diga a elle que eu vim até cá, para não deixar Manecão casar com você, porque ha de ser infeliz..

— E depois? perguntou Pereira levantando a cabeça com ar sombrio e gyrando os olhos.

— Depois... ella disse mais... se esse homem casar com você, uma grande desgraça ha de entrar.... nesta casa... E sem mais palavra ella sumio-se.

Pereira cravou olhar inquiridor na filha.

Uma suspeita lhe atravessára o espirito.

— Que signal tinha sua mãi no rosto ?

Innocencia empallideceu repentinamente.

Levando então ambas as mãos á cabeça e rompendo em pranto ruidoso exclamou :

— Não sei... eu estou mentindo... Isto é mentira ! ... E' mentira ! ... Não vi minha mãi ! ... Me perdôe, minha mãi, me perdôe ! ...

E cahindo de bruços na cama, ficou immovel com os cabellos esparsos sobre as espaduas.

Pereira contemplou-a largo tempo sem saber o que pensar, nem o que dizer.

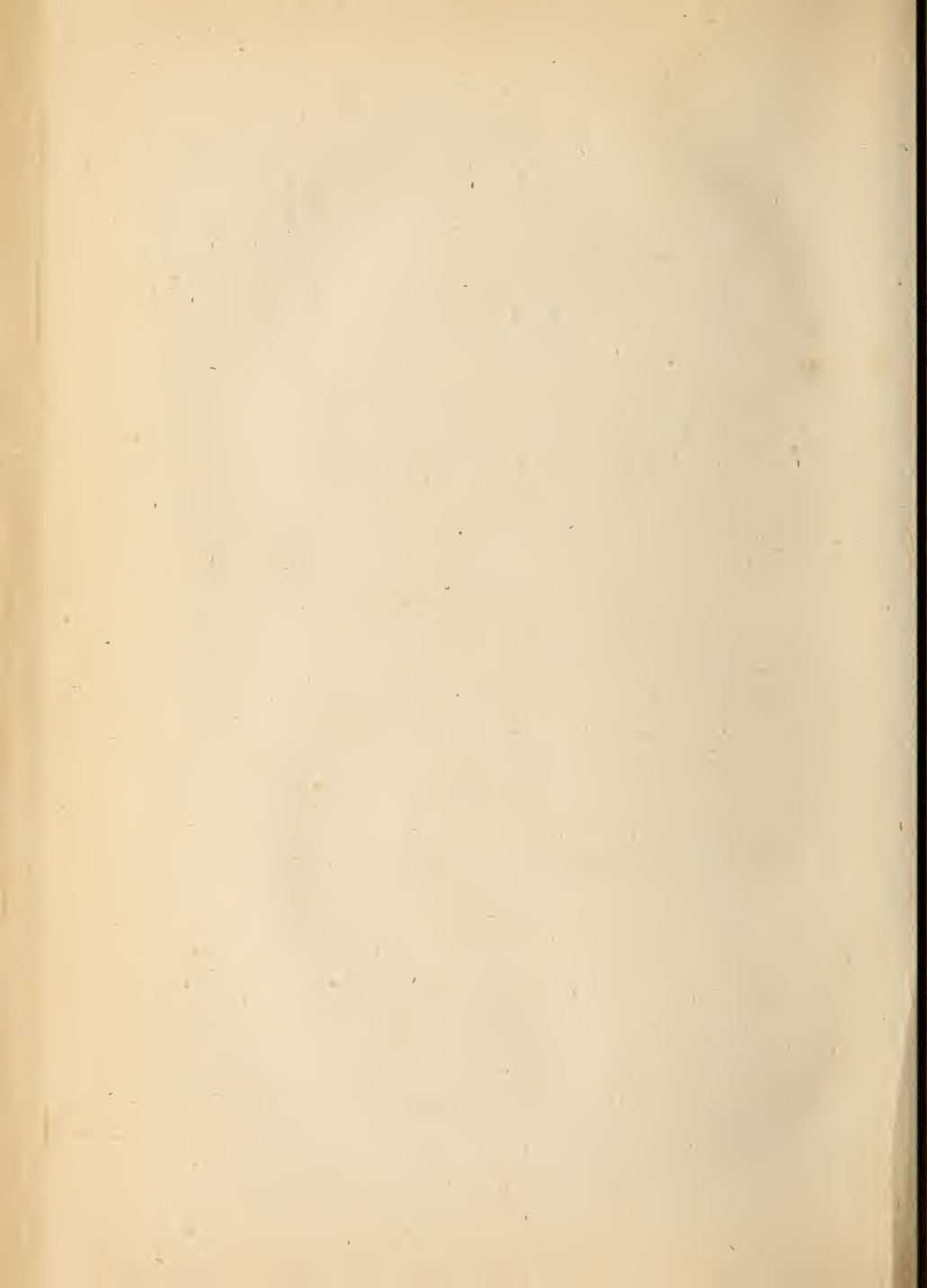
Subito inclinou-se sobre o corpo da filha e murmurou-lhe ao ouvido e com muita energia estas palavras :

— *Nocencia*, daqui a bocadinho Manecão chega da roça... Você ha de ir para a sala... se não lhe fizer boa cara, eu a mato.

E erguendo a voz:

— Ouvio? Eu a mato! ... Quero antes vêr você morta do que... a casa de um mineiro deshonrada.....

Sahio então precipitadamente do quarto, deixando Innocencia na mesma posição.

— Pois bem! balbuciou ella, já que é preciso... morra eu! ....

CAPITULO XXVIII.

EM CASA DE CESARIO.

> Ah! a perspectiva que póde mais docemente sorrir ao meu coração é a do aniquilamento.
>
> KLOPSTOCK — A Messiada.

Cyrino, logo que estabeleceu-se em casa de seu novo hospede, tratou de captar-lhe as sympathias. Medicou um escravo que estava de cama, fez valer o conhecimento e amizade que tinha com Pereira, conversou muito a respeito delle e incidentemente deu noticias de Innocencia.

Antonio Cesario neste ponto atalhou-o.

— Mecê a vio? perguntou elle.

— Pois não, respondeu o moço, por signal que a curei de sezões.

— Ah! E' uma guapa rapariga....

— Pareceu-me...

— Isto é... fallo assim porque afinal...daqui a poucos dias ella casa... não sabe?

— Ouvi contar.

— Pois é verdade. O noivo passou por *cá* e levou a minha licença. E' um homem de mão

cheia. A pequena deve estar contente. Ah! nem todas no sertão são felizes assim. Tem-se por aqui o máo costume de arranjar casamentos ás cegas, e ás vezes *encambulha-se* um mocetão com uma fanadinha ou então uma sujeita de encher o olho com um rapaz todo engorovinhado... Cruz! E uma vez dada a palavra, acabou-se....

Cyrino achou a occasião propria e retorquio com vivacidade:

— Então o Sr. não é desse parecer?

— Conforme, respondeu logo Cesario com reserva. Aos pais é que convém *inziminar* essas cousas.

— Boa duvida... Mas... se... sua afilhada... não gostasse de Manecão?

— Não gostasse?

— Sim.

— E que lhe importa isso? Uma menina como aquella não sabe o que lhe fica bem ou mal... Ninguem a vai consultar. Mulheres, o que querem é casar. O patricio não ouvio dizer já que ellas não casam com carrapato, porque não sabem qual é o macho?

E Cesario rio-se ruidosamente.

Depois, fechando de repente a cara, perguntou:

— Porque é que estamos a dar de lingua nesse ponto? Não sou amigo disso. Quer me parecer que mecê é um tanto namorador...

— Eu? protestou Cyrino rapidamente.

— Boa duvida. Eu cá nem fallar nellas quero.

Mulher é para viver perto do tear, para tratar dos filhos e crial-os no temor de Deus; não é nem para *parolar-se* com ella, nem a respeito della.

Como se vê, as mesmas theorias imperavam no espirito de Cesario e de Pereira: a mesma grosseria repassada de desprezo pelo sexo fraco, a mesma susceptibilidade em desconfiar de qualquer individuo ou de qualquer palavra que lhes parecesse menos bem soante aos prevenidos ouvidos.

— Minha afilhada, continuou Cesario, deve levantar as mãos para o céo. Achou um marido que a ha de fazer feliz e tornal-a mãi de uma boa duzia de filhos.

Cyrino estremeceu, mas nada disse.

Por toda a parte esbarrava de encontro a preconceitos que nada podia sobrelevar.

Nessa tarde mesma quiz elle montar a cavallo e voltar para Sant'Anna; entretanto o pensamento de resistencia com que Innocencia encetára a terrivel contenda com seu pai, actuou em seu espirito e o reteve.

Decidio-se a atacar o touro pelas aspas.

Ao menos restava-lhe o consolo do desabafo e n'um jogo perdido arriscava ainda um ousado lance.

—Sr. Cesario, disse elle na manhã seguinte, preciso muito lhe fallar em particular.

— A mim?

— Sim, senhor.

— Pois, estou aqui ás suas ordens.

— Eu quizéra sahir. O que vou lhe dizer... ninguem póde... ninguem deve ouvir.

— Oh! O senhor me assusta.... Então tem segredos que contar-me?

— Tenho....

— Pois vá lá.... *Mapiaremos* fóra.... Ao meio dia esteja na minha roça... sabe onde é?

— Sei...

— Espere-me n'um páo de peroba secco que está derrubado.

— Lá estarei.

Muito antes da hora aprazada, achava-se Cyrino no lugar indicado.

A impaciencia o devorava.

Resolvido a contar sem rebuço os seus amores a esse homem a quem mal conhecia, que por elle não tinha razões de sympathia, e de quem, comtudo, estava dependente sua felicidade, considerava decisivos esses momentos.

O ente que se acha nessas circumstancias enxerga em todos os objectos que o rodeam symptomas de bom ou máo agouro, e nesse momento a Cyrino pouco parecia sorrir a natureza.

Não chovia, mas o tempo estava carregado.

O céo tinha uma côr acinzentada, e do lado do poente umas linhas negras e continuas denunciavam trovoada talvez para a tarde.

O local, além disso, era tristonho.

N'uma grande área enfileiravam-se pés de milho já pendoados, d'entre os quaes surgiam imponentes madeiros de tronco possante e galhada completamente despida de folhagem. Uns estavam, da base á extrema ponta, ennegrecidos pelo fogo lan-

çado antes da sementeira ; outros haviam perdido as folhas em consequencia da incisão profunda e circular com que o machado impedira a ascensão da seiva. Esses quedavam vivos, mas n'uma vida latente e esmorecida, denunciada por uns entanguidos brótos no mais alto dos topes.

Quando o dia é claro, aquelles gigantes da floresta, que pela robustez do cerne haviam desafiado as chammas e os esforços dos homens, servem de poleiro a innumeros bandos de papagaios, periquitos, araçaris, ou então de graúnas que formam concertos capazes de ensurdecer os écos.

Naquella occasião, porém, tudo era silencio.

Só de vez emquando ouviam-se as pancadas surdas e intermittentes dos pica-páos de crista vermelha, que agarrados aos troncos das arvores exploravam-lhes os pontos carunchosos, subindo em zig-zags.

Antonio Cesario apresentou-se á hora ajustada.

Por cautela vinha armado de uma espingarda de caça, que serviria bem para derrubar alguma onça ou animal mais daninho.

Seu rosto habitualmente sereno indicava alguma inquietação repassada de curiosidade.

— Aqui me tem, doutor, disse elle descansando a arma sobre o páo derrubado e sentando-se ao lado de Cyrino. Estou prompto para ouvil-o quanto tempo queira...

Cyrino muito pensára nesse momento a que devia chegar e entretanto não podéra achar o modo por que encetasse as suas declarações. Parafusára de continuo mil pretextos e nada assentára.

Foi, pois, a balbuciar que respondeu:

— O Sr. me... ha de desculpar... o incommodo que... lhe dou...

— Incommodo nenhum.

— Mas deve estar... espantado do que lhe pedi... vir fallar commigo... em lugar ermo... commigo que sou um hospede como qualquer outro, como tantos que a sua casa franca recebe todos os dias...

— Com effeito, confirmou Cesario.

— Pois bem, daqui a um nada tudo lhe ficará claro e explicado... Se depois de eu ter fallado... o offender, me perdôe, ouvio?

— Sr. Cesario, continuou Cyrino após breve pausa, se o Sr. visse um homem arrastado n'uma *corredeira* e pudesse atirar-lhe uma corda e salval-o.. Não o faria?

— Boa duvida! replicou o outro com força. Ainda que eu corra perigo de vida, não deixarei homem nenhum, branco ou preto, livre ou escravo, rico ou pobre, conhecido ou não, sem o soccorro de meu braço.

— Pois bem, exclamou Cyrino arrebatadamente, sou eu esse homem que vai morrer, que está perdido, e a quem o Sr. póde salvar....

E respondendo a uma tacita observação de quem o ouvia:

— Não acredite que eu esteja doudo... não. Estou tão são de juizo como o Sr. e fallo-lhe a verdade. Uma palavra esclarece-lhe tudo: eu morro de paixão por uma mulher e essa mulher é... sua afilhada... Innocencia!

Cesario levantou-se de um só pulo. Seus labios tremiam; os olhos de subito injectaram-se de sangue e a mão procurou a arma que lhe ficava ao lado.

— Que é isso? balbuciou elle encarando fixamente Cyrino.

Este adivinhára-lhe todos os pensamentos.

Levantára-se tambem e pondo-se cara a cara com Cesario:

— Mate-me, bradou elle, mate-me... E' um favor que me faz... Dê cabo desta vida desgraçada...

O outro, já arrependido do gesto que fizera e um tanto vexado de sua precipitação, replicou todo sombrio:

— Não tenho razões para matal-o... O Sr. nunca me fez mal...

— Não, proseguio Cyrino meio desvairado, peço-lhe isto... Se o Sr. tem caridade, se é bom, se gosta de seus filhos, se tem uma mãi no céo... por tudo isso lhe peço de joelhos: mate-me!... mate-me!

E deixou-se cahir aos pés de Cesario, occultando a cabeça entre as mãos.

O mineiro contemplou-o largos instantes com sorpreza. Depois sua physionomia foi se modificando.

Inclinando-se para o moço, bateu-lhe no hombro e disse-lhe com brandura:

— Que historia é essa, doutor?.. Isto é loucura! Conte-me o que ha... Quero saber se sua *bola* está gyrando ou não. Sou um homem do sertão, mineiro de lei... mas sei tratar com gente....

Ao ouvir estas palavras, Cyrino recobrou algum alento e ergueu-se.

Sentando-se então ao lado de Cesario, narrou-lhe tudo, o desespero que sentia, a certeza que tinha do amor de Innocencia e a implacavel sentença proferida por Pereira.

Cesario ouvia-o com attenção. Só de vez em quando deixava escapar esta exclamação :

— Ah ! mulheres !... mulheres !

Depois que Cyrino acabou de fallar, elle encarou-o detidamente e com ar severo perguntou :

— Falle-me a verdade, doutor, o senhor nunca trocou palavra com Innocencia ?... Nunca esteve só com ella ?

— Estive, respondeu o outro meio receioso.

Uma onda de sangue subio ás faces de Cesario.

— Então, rouquejou elle, a desgraça...

— Meu Deus, atalhou Cyrino com fogo, a alma de minha mãi caia no inferno, se Innocencia não é pura... se...

Cesario conteve-o com um gesto.

— Basta, moço : quem jura assim, não mente... Eu tambem no meu tempo tive uma paixão infeliz... e sei o que é soffrer...

— Oh ! Sr. Cesario, me salve !...

— Que posso eu fazer ? Não sabe o senhor que ella hoje não pertence nem mesmo a seu pai, a seu proprio pai ? Pertence á palavra de honra, e palavra de mineiro não volta atrás... Não sabia o senhor disso, quando deixou que o amor lhe entrasse pelos olhos ?... Não fallo della... Mulheres não

pensam... mulheres o que querem é ver homens todos cahidos por ellas... sacrificam tudo... por um requebro *pincham* na rua a honra de suas casas...

— Não, protestou Cyrino, ella não é assim...

— Então é melhor que as outras ? perguntou Cesario com desdem.

— Sim, sim, é melhor do que tudo neste mundo. Acima della só Nossa Senhora !...

O enthusiasmo com que foram ditas estas palavras fez sorrir ligeiramente o mineiro.

— Qual ! observou elle, bem disse o *outro*: a paixão é um transtorno. Fica um homem que nem uma miseria ! E'...

— Então ? interrompeu Cyrino.

— Então o que?... Já não lhe disse quanto basta ? Minha afilhada pertence tanto a Manecão, como uma garrucha ou um *guampo lavrado* (1) que Pereira lhe tivesse dado... Não ha meios e modos de voltar atrás...

O mancebo não desanimou.

Fallou por muito tempo com verdadeira eloquencia, appellando principalmente para a protecção que a gente tem obrigação de dispensar ao ente a quem se leva á pia baptismal, ao seu segundo filho, ao pagãosinho por quem o padrinho se torna responsavel perante Deus.

Ferio o sentimento religioso e commoveu o mineiro.

(1) Guampo é uma vazilha feita de chifre para tirar agua. Chama-se guampo lavrado quando elle tem desenhos de lavor.

— Não me falle assim, disse este, o senhor quer ver se me puxa para seu lado... E quem me assegura que *Nocencia* gosta assim de sua pessoa?... Quem?

— O coração está-lhe dizendo isto baixinho, respondeu com calma Cyrino. O senhor, que é homem de honra, acredita que eu esteja mentindo? Que tudo isso é falso?... diga, acredita?

Cesario murmurou:

— Sim... *Assumpto* verdades, mas...

— Ah! exclamou o mancebo, o Sr. sente o coração que lhe bate que sua afilhada está desamparada, que vai ser sacrificada... e agora tapa os ouvidos e diz: Não quero ouvir, não quero cumprir com minha palavra! — Porque tambem o Sr. a deu, essa palavra de honra de que tanto falla! .... Nossa Senhora que a proteja... que a tire deste mundo... Isto lhe ha de pesar na consciencia ... e quando um dia tiver noticia que Innocencia morreu de desgostos pensará lá comsigo que ajudou a cavar-lhe a sepultura

Cesario estava abalado, e foi com verdadeira anciedade que elle retorquio:

— Que historias me conta o Sr.? Eu mettido no meu canto.... vivendo tão socegadinho..... não bolindo com ninguem e agora *anarchisado* por estes mexericos! ... Quem lhe mandou vir cá?

— Quem seria, retrucou Cyrino, senão Innocencia? Eu por ventura o conhecia? .... algum dia o vi? ... Não; foi aquelle anjo que me disse: busca meu padrinho, é o ultimo recurso. Se elle

não nos amparar, então.... estamos perdidos de uma vez.

Estas palavras convenceram de todo Cesario.

Ficou em silencio, recolhido a meditar. Cyrino o observava offegante.

— Pois bem, disse por fim o mineiro com tom grave e pausado, hei de pensar no que o Sr. me conta....

— Oh! Sr. Cesario! ....

— Levarei dous dias remoendo o caso... O que eu disse uma vez, não digo duas... No fim desse tempo monto a cavallo e appareço pela casa de Pereira....

— Sim, sim, balbuciou o moço.

— Amanhã mesmo, de madrugada, o Sr. sahe daqui e vai me esperar na Senhora Sant'Anna.

— Irei... me salve....

Cesario parou um pouco.

— Agora quero que o Sr. faça um juramento... pelas cinzas de sua mãi.

— Estou prompto.

— Pela salvação de sua alma....

— Pela salvação de minha alma, repetio Cyrino.

— Pela vida eterna....

Cyrino acenou com a cabeça.

— Jure!

O mancebo cruzou os dedos indices e beijou-os com uncção, abaixando os olhos e empallidecendo.

— O Sr., disse Cesario, jurou antes de saber o que era... Isto dá boa idéa de seu caracter....

Farei tudo para ajudal-o, mas imponho-lhe uma condição.... Se quizer aceital-a, fica valendo o juramento; senão... o dito por não dito...

— Que será, meu Deus? murmurou Cyrino.

— E' ficar o Sr. me esperando em Sant'Anna. Se eu apparecer nestes oito dias, iremos juntos á casa do compadre. Se não, é que decidi o contrario. Neste caso o Sr. virá até cá, á espera de suas cargas que mandarei buscar. Será o signal de que nunca mais, nunca mais, ha de procurar botar as vistas em Innocencia... nem sequer fallar nella. Aceita?

— Aceito, respondeu o moço com exaltação; mas fique certo de uma cousa: se o Sr. não estiver na villa no tempo marcado, reze pela alma de Cyrino, porque ella terá deixado este mundo de afflicções.

Cesario meneou tristemente a cabeça e retirou-se sem dizer mais palavra.

CAPITULO XXIX.

RESISTENCIA DE CORÇA.

> Acasto—Ella não póde fallar ?
> Oswald — Se fallar é tão sómente fazer ouvir sons por meio da lingua e dos labios, aquella creatura é muda; mas se esta maravilhosa faculdade consiste igualmente em tornar comprehensiveis seus menores pensamentos por acionados e gestos expressivos, póde dizer-se que ella a possue, pois seus olhos brilhantes como estrellas do céo têm uma linguagem intelligivel, bem que falta de sons e de palavras.

Deixámos Innocencia tão abatida de corpo, quanto resoluta de espirito.

Ella presentia que choques tinha que supportar e robustecia a alma na meditação continua e firme de sua infelicidade.

Estava de joelhos diante da imagem de Nossa Senhora quando a voz de seu pai a fez levantar.

— *Nocencia!* chamava elle.

A pobresinha passou rapidamente a mão pelo rosto para apagar os vestigios de seu copioso pranto e com passo quasi seguro penetrou na sala.

Pereira e Manecão estavam sentados junto á mesa. O anãosinho Tico aquecia-se aos pallidos raios de um sol meio encoberto e sentado á soleira da porta brincava ou fingia que brincava com umas palhinhas.

—Estou aqui, papai, disse Innocencia em voz alta e pouco tremula.

Manecão encarava-a com ar entre sombrio e apaixonado.

Julgou dever dizer alguma cousa.

—Até que emfim sahio a dona do ninho... E' que hoje o dia está de sol, não é?

A moça nada respondeu-lhe, mas mirou-o com tanta insistencia que fêl-o abaixar os olhos.

—Ella esteve doente, desculpou Pereira.

E voltando-se para a filha:

—Sente-se aqui, bem perto de nós.... O Manecão quer conversar com você em negocios particulares....

—Ella bem percebe, observou o desazado noivo intentando abrir motivo para risos.

Innocencia replicou em tom incisivo:

—Não percebo.

—Está se... fazendo de...engraçada, tartamudeou Manecão. Pois já...se esqueceu...do que tratei com seu pai?...Parece que comeu muito queijo....

Com a mesma entoação e cortando-lhe a palavra, ella retorquio:

—Não me lembro.

Houve uns minutos de silencio.

A colera ia-se accumulando no peito de Pereira:

seus olhos irados fitavam ora Manecão ora a imprudente filha.

—Pois se você não se lembra, disse elle de repente, eu cá não sou tão esquecido.

—Ora, recomeçou Manecão levantando-se e vindo se recostar á beira da mesa para ficar mais chegado á moça, ella faz-se de *enjoada* a tôa... Nosso casamento...

—Seu casamento? perguntou Innocencia fingindo espanto.

—Sim...

—Mas, com quem?

—Ué, exclamou Manecão, com quem ha de ser... Com mecê...

Pereira fôra se tornando livido de raiva.

O anão acompanhava toda essa scena com muita attenção. Seus olhinhos scintillavam como diamantes pretos; seu corpo rachitico estremecia de impaciencia.

A' resposta de Manecão, Innocencia levantou-se rapida e, como que acastellando-se por trás de sua cadeira, exclamou:

—Eu?... Casar-me com o Sr.?! Antes uma boa morte!.... Não quero... não quero....

Manecão bambaleou.

Pereira quiz pôr-se de pé, mas por instantes não pôde.

—Está douda, balbuciou elle, está douda.

E segurando-se á mesa ergueu-se terrivel.

—Então você não quer? perguntou batendo com os queixos.

— Não, disse a moça com desespero, quero antes....

Não pôde terminar.

Pereira agarrára-lhe na mão, obrigando-a a curvar-se toda.

Depois com violento empurrão atirou-a por terra de encontro á parede.

A infeliz cahio com um gemido surdo e ficou estendida no chão, amparando o peito com as mãos. Pallidez mortal cobria-lhe as faces, e de uma ligeira brecha que se abrira na testa lentejavam gottas de sangue.

Pereira quiz precipitar-se sobre ella como que para esmagal-a debaixo dos pés, mas parou de repente e, levando as mãos ao rosto, occultou as lagrimas que lhe saltavam dos olhos.

Manecão não fizera o menor gesto.

Extatico assistira a toda essa dolorosa scena. Sua physionomia estava impassivel, mas por dentro seu coração era um volcão.

Silencio lugubre reinou por algum tempo naquella sala.

O anão chegára-se á Innocencia e lhe tomára uma das mãos: depois a fizera sentar e, no meio de carinhos, mostrára-lhe por signaes a necessidade de retirar-se.

A' custo pôde Innocencia seguir aquelle conselho. Quasi de rastos e ajudada por Tico é que sahio da presença de seu pai e de seu perseguidor.

Nenhum gesto fizeram os dous para retel-a. Calados como estavam deixaram-se ficar de pé, um ao

lado do outro, ambos acabrunhados pela grandeza daquella desgraça.

Manecão alisava com frenesi o basto bigode.

Pereira tinha a cabeça pendida sobre o peito.

Afinal exclamou:

— E' preciso que eu *desembuxe* o que tenho cá dentro, senão estouro.. Quem fôr homem que seja.. Manecão, *Nocencia* para nós está perdida.... para nós, porque um homem deitou nella um máo olhado....

— E que homem é esse? perguntou com tom surdo e ameaçador o outro.

— Agora vejo como tudo foi .... Eu mesmo metti o diabo na minha casa.... Estive alerta... mas o mal já caminhava.

— Mas quem é elle? tornou a perguntar com impaciencia Manecão.

— Um maldito !....Um infame, um estrangeiro que aqui esteve... e roubou-me o socego que Deus me deu....

Pereira contou então ás pressas todas as tentativas do allemão Meyer, tentativas que haviam sido descobertas, mas que infelizmente, pelo menos assim suppunha, tinham produzido os seus damnosos fructos.

— Ah! disse elle por fim abaixando a voz, pensou aquelle cachorro que tudo era namorar mulheres e depois dar com os pés em polvorosa, não é?.. Amanhã mesmo eu lhe saio atrás.

— Para que? interrompeu Manecão.

— Os urubús que lh'o respondam...

— Para matal-o?

— Sim...

Houve uma pausa.

— Não será o senhor, disse o capataz, que lhe ha de dar cabo da pelle.

— Porque?

— Isto é negocio que me pertence. O senhor é pai, eu porém sou... noivo. Mangaram com os dous, ... mas o *allamão* fica no chão.

— Pois seja, concordou Pereira, parta amanhã mesmo ou hoje... agora, se fôr possivel. Cachorro damnado deve ser logo morto para que a baba não dê raiva... Vá depressa e venha me contar que aquelle homem já não existe... Como velho, como pai... abençôo a mão que o ha de matar. Caia o sangue que correr... sobre meus cabellos brancos...

Toda esta conversa havia sido ouvida attentamente por alguem.

O anão Tico.

Elle viéra a pouco e pouco approximando-se da mesa com os olhos a fulgirem.

De repente foi collocar-se resolutamente entre Manecão e Pereira.

— Que quer você aqui? perguntou o mineiro com rudeza.

O homunculo começou então a demonstrar por gestos vagarosos mas muito expressivos que estava ao facto de todos os projectos e que partilhava o mesmo sentimento de indignação e desespero que movia o dono da casa.

Depois, apressando mais a gesticulação e por sons

meios articulados, fez vêr que Pereira laborava em engano relativamente a uma pessoa, e com muita propriedade de imitação e mimica perfeita, ora levantando o braço para representar as alturas, ora com acenos de mão para caracterisar as physionomias, traçou tão exactamente Meyer e Cyrino, que Pereira logo os reconheceu.

— Bem sei, bem sei, Tico, murmurou elle. Você falla do doutor e daquelle....

Ahi o anão fez gesto de negação e apontando para o quarto de Innocencia indicou que ella nada tinha com o allemão.

Os dous ficaram pasmos.

— Então, balbuciou Pereira, quem será?... Cy... rino, meu Deus?!

— Sim... sim, gritou o anão com violento esforço abaixando muitas vezes a cabeça.

— Qual! protestou Pereira, o doutor?...

Tico desenvolveu com muita habilidade e segurança as provas que tinha.

Gesticulou como um possesso: correu para fóra de casa; denunciou as entrevistas; reproduzio ao vivo todas as passadas de Cyrino; mostrou o lugar do laranjal d'onde elle vira tudo, o galho quebrado em razão de uma quéda; repetio o grito que déra; lembrou a scena da madrugada que provocára aquelles tiros; emfim exprimio-se por signaes tão adequados e taes movimentos de cabeça e physionomia que qualquer duvida desappareceu do espirito de Pereira.

Então tudo se lhe descortinou claro e verdadeiro.

e sua cólera subio a um gráo de violencia inexprimivel.

Esteve a cahir fulminado.

— Infame, murmurou elle róxo de ira, você me paga !... Infame... infame !

Depois voltando-se para Manecão :

— Dê-me esse... eu o quero...

O capataz abanou a cabeça.

— Não, respondeu elle surdamente. Elle me pertence... Caçoou com o Sr... e fez de mim chacota.

— Então, disse apressadamente Pereira, parta hoje... parta já... E quando voltar, diga só : estamos desaggravados... Innocencia será sua...

Parando um pouco, concluio tomado de vexame :

— Se quizer aceital-a.

— Disso havemos de conversar...

O mineiro teve uma explosão de desespero.

— Meu Deus, exclamou elle com dôr, em que mundo vivemos nós ? Um homem que entra na minha casa, que come do que eu como, que dorme debaixo do meu tecto, bebe da agua que carrego da fonte, esse homem chega aqui e de uma morada de paz e de honra, faz um lugar de desordem e de vergonha ! Não, mil raios me partam !... Não quero mais saber que esse miseravel respira o ar que me cerca. Não ! Mil vezes, não ! E desde já enxoto a canalhada que elle trouxe, gente do inferno como elle !... Hei de cuspir-lhes na cara... *Pinchal-os* fóra como cães que são !.. Ladrões !.. Eu..

Manecão interrompeu-o com calma:

— Não faça nada... E' preciso que ninguem saiba do que se está passando aqui... Ninguem!.. percebe?...

— E então...

— Finja que recebeu uma *letra* (1) de Sant'Anna. E' do *cujo* que a mandou para que os seus camaradas o vão esperar no Leal... Ouvio?

Pereira fez signal que comprehendia tudo.

— Depois, acrescentou Manecão com voz sinistra, mãos á obra.

— Você diz bem, retorquio Pereira, tenha pena de mim.. Estou com esta cabeça como um cortiço de *guaxupé*... E' um zumbido!.. Mostre que já é dono desta casa e faça como entender... Me entrego de pés e mãos atados a você... Tudo lhe pertence... Emquanto a honra do mineiro não estiver desafrontada... não levanto o rosto... Meu Deus, meu Deus, que vergonha!...

— Coragem, coragem, interrompeu o outro.

— Se este *socavão* não chegar para esconder minhas miserias... mudo-me para as bandas do Apa.... Parece que vou morrer.... sinto fogo dentro da cabeça...

E vencido pela emoção encostou a testa á mesa, deixando cahir os braços.

Manecão bateu-lhe no hombro.

— Que é isto, meu pai, disse elle, de que serve ser homem?... Olhe cara a cara a sua desgraça....

(1) Carta.

que é minha tambem. Não *lhe* consola a certeza de que aquelle homem breve...

— Sim, replicou Pereira levantando a cabeça e reparando que o anão se retirára, mas que faremos deste *tico* de gente que sabe tudo?

— Não o deixe sahir mais de sua casa.

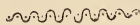
— Qual!... E' que nem *mussú*. Quando a gente mal pensa, surde no Sucuriú e até no Corredor.

— Pois bem... Elle ficará sabendo que... um só piscar de olho... póde lhe sahir caro... muito caro....

— Então, implorou Pereira, vá quanto antes limpar o meu paiol daquella gente... vá... Se eu podesse ainda dormir... esquecia um pouco, mas...

Com estas palavras a custo retirou-se o mineiro.

Manecão incontinente foi despachar os camaradas de Cyrino, os quaes, pouco depois, sahiam com destino á casa do Leal.

Em seguida montou o sertanejo a cavallo e em carreira desapoderada partio pará a villa de Sant' Anna do Paranahyba, onde chegou quando a noite ia já adiantada.

CAPITULO XXX.

DESENLACE.

> Estão contados os grãos de arêa que compõem minha vida. E' aqui que devo cahir. E' aqui que ella ha de acabar.
>
> SHAKSPEARE—Henrique V. Acto I.

> Eis que vi um cavallo amarello, e aquelle que o montava era a morte.
>
> S. JOÃO — Apocalypse.

Durante dous dias foi Cyrino rigorosamente espreitado pelo noivo de Innocencia.

Com cautela propria de seus habitos esquivos soube Manecão acompanhar-lhe todos os passos sem ser presentido.

Assim notou elle que seu rival montava a cavallo e ia até certo ponto da estrada como que esperando alguem que não chegava. Na ida mostrava impaciencia e inquietação; na volta vinha melancolico e curvado sobre si mesmo, absorto em funda meditação.

O infeliz mancebo ia ao encontro de Cesario; mas este não lhe apparecia.

Estava quasi expirado o prazo que lhe fôra dado, e prestes a soar chegava a hora do completo desengano.

Oh! se elle podéra!... Agarraria com forças de Josué esse sol que lhe marcava os dias e o deixaria immovel, até que seu salvador se resolvesse a estender-lhe a mão.

E agora que ia findando a semana!..

Completo o circulo de horas, se Cesario não apparecesse, começava a imperar o juramento que déra, aquelle irrevogavel juramento.

— Matar-me-hei, dizia Cyrino: elles ficarão sabendo que não menti ás minhas palavras.

Nessa resolução sahio o mancebo da villa; passou o rio Paranahiba e, como costumava, caminhou pela estrada de S. Francisco de Salles, talvez tres leguas. Contava pousar por aquelles sitios, de modo que alongava o seu passeio.

O dia era claro, lindo.

Por toda a parte cantavam mil aves. As gralhas gritavam nos cerrados; as perdizes piavam no relvoso chão.

Cyrino ia muito agitado. Elle nada ouvia: seus olhos fitos sempre na frente buscavam na estrada o vulto de um cavalleiro.

De repente soou-lhe aos ouvidos o tropel de um animal.

Alguem vinha a galope.

Seu coração pulsou que parecia ter tomado tambem o galope.

Mas o som partia de detrás.

Sem duvida era algum viajante que sahira da villa.

Cyrino continuou em sua vagarosa marcha.

O estrupido vinha indicando carreira folgada e que breve estaria emparelhando quem extravagantemente corria a desfilada em hora tão impropria.

O mancebo de nada cuidava, tanto assim que mal reparou em quem passára a trote largo por perto delle, quasi a roçar animal contra animal.

Dahi a pouco novo galope fez-se ouvir.

Parecia que o mesmo cavalleiro houvesse dado de redeas, cortando o rumo que levava.

Dessa vez, porém, Cyrino acordou do lethargo e, esporeando vigorosamente a sua cavalgadura, esbarrou com... Manecão.

Instinctivamente elle empallideceu. O outro estava tambem descorado.

Ambos estacaram os animaes e fitaram-se alguns minutos, um com desconfiança e pasmo, o outro com mal concentrado furor.

— Patricio, interpellou por fim o capataz com tom provocador, que faz mecê por aqui?

— Eu? perguntou Cyrino.

— Nhôr-sim, mecê mesmo.

— E' boa... viajo.

— Ah! viaja? replicou Manecão. Então é andejo?

— Andejo, não, contestou Cyrino com força. Não sou nenhum bruto.

E por prevenção levantou a capa do coldre em que havia uma pistola, fazendo menção de a sacar.

— Não será andejo, continuou o capataz, mas então o que é?

— Sou o que sou, não é de sua conta.

O rosto de Manecão contrahio-se todo.

De um tranco chegou o seu cavallo bem junto a Cyrino e disse-lhe em voz surda:

— E' um ladrão.... E' um cachorro!

A esse insulto Cyrino puxou a pistola.

— Mato-o já, bradou elle com violencia, se continúa a me destractar...

O capataz sorrio-se com desprezo.

— Gentes, observou cuspindo para um lado, vejam só que valentão... E sabe manejar garrucha!....

— Acabemos com isso, gritou Cyrino.

— Acabemos, retorquio Manecão com fingida calma.

— Mas quem é o Sr., perguntou Cyrino.

— Eu?

— Sim!... sim!...

— Então não me conhece?

— Não, balbuciou Cyrino.

— Conhece *Nocencia?* uivou Manecão com voz terrivel.

E tirando de sopetão uma garrucha da cintura, desfechou-a á queima roupa em Cyrino.

A bala varou o corpo do infeliz, que cahio por terra.

Dous gritos estrugiram.

Um de agonia, o outro de triumpho.

Cyrino ficára estendido de bruços. Reunindo as forças, que se lhe escapavam com o sangue,

voltou-se de costas e prorompeu em vociferações contra o inimigo que o contemplava implacavel.

— Matador!... vil!... Sim .. conheço Innocencia... Ella é minha.... Infame!... Me mataste... mas mataste tambem a ella!... Que te fiz eu?... Deus te ha de amaldiçoar... sim, meu Deus, meus Santos... maldição sobre este assassino.... Foge... minha sombra te ha de seguir sempre!...

— Melhor, interrompeu Manecão do alto do cavallo, isso mesmo é que eu quero.

— Ah! queres? continuou Cyrino com voz rouquejante, não é?... Pois bem!... De noite e de dia... minha sombra ha de estar comtigo... sempre, sempre....

Calou-se por um pouco e revolvendo-se no chão passou a mão pela testa. O suor frio e visguento da morte lentejava-lhe dos póros.

Seu rosto foi abandonando a expressão de rancor, e a respiração tornou-se mais difficil.

— Não, disse elle com tom grave e pausado, não quero morrer... assim!... Devo sahir desta... como christão... Eu hei de perdoar... Manecão... eu te perdôo.... por Christo... que morreu... na cruz, eu te perdôo... Nosso Senhor tenha pena de ti... Eu te perdôo, ouvio?

A' medida que o moribundo pronunciava estas palavras, Manecão esbugalhára os olhos de horror, com o corpo todo a tremer

— Não quero seu perdão, bradou elle a custo.

— Não importa, respondeu-lhe Cyrino com voz suave. Elle é ... dado de coração... Caia sobre tua cabeça.... Coitada de Innocencia.... Quem

sabe... se... ella... não morrerá? Manecão dá-me agua... Agua, pelo amor de Deus!... Desce do cavallo, homem.... E' um defunto que te pede... Desce!...

E com os braços erguidos acenava para Manecão.

— Agua, bradou o mancebo forcejando por levantar-se, dá-me agua.... eu te dou a salvação....

O capataz sentia o suor escorrer-lhe de entre os cabellos. Queria fugir e não podia. Parecia que seus olhos tinham que acompanhar passo a passo a agonia de sua victima. Aquella scena figurava-se-lhe um pesadello, e completo torpôr tolhia-lhe os membros.

O que o tirou desse enleio foi o bater das patas de um animal que vinha pela estrada a trote.

Cyrino tambem ouvira o estrepito e arregalára com anciedade os olhos.

Um sorriso de acre melancolia desabrochou-lhe nos labios.

Alguem vinha chegando.

Manecão esporeou então com vigor o cavallo e levantando uma nuvem de poeira desappareceu n'um abrir e fechar de olhos.

Nesse momento assomava um cavalleiro n'uma das voltas do caminho.

Era Antonio Cesario.

Vendo um homem estirado por terra apressou o seu movimento.

— O doutor?! exclamou elle apeando-se rapidamente e com horror.

— Eu mesmo, respondeu Cyrino com voz fraca.

— Mas quem lhe fez esse damno, santo Deus?

E correndo para o moço, ajoelhou-se junto delle e levantou-lhe o corpo.

— Quem foi o assassino?...

— Ninguem, rouquejou o misero, foi... destino... Morro contente... Dê-me agua... e falle-me de Innocencia...

— Agua? exclamou Cesario com desespero, aqui no meio do cerrado?... O corrego fica a tres leguas pelo menos...

— Ah! replicou Cyrino meio desvairado, se não ha... com que estancar... a sêde do corpo.... estanque a.. da alma.... Innocencia.... onde está?.. Quero vêl-a... Diga-lhe que morri!.. por causa della...

— Mas quem o matou? bradou o mineiro.

— Não vale a pena dizel-o, respondeu o mancebo entre gemidos. Cuide agora... só de mim.... Olhe... nunca fui máo... não tenho peccados... grandes... Acha que Deus... me ha de perdoar?

— Acho, respondeu Cesario com força.

— Que fiz eu... na minha vida? Talvez... enganasse os outros... dizendo que era... medico... Mas... tambem curei alguns.... De nada mais me recordo...

A morte vinha desdobrando suas sombras no rosto de Cyrino. Os olhos se lhe iam empanando; a lingua ficára tropega, o nariz se afilára e sinistro pallôr mais realçava a negra côr das barbas e cabellos.

Cesario sentára-se no chão para segurar com mais geito o corpo do moribundo. Duas lagrimas vinham-lhe sulcando as masculas faces.

Ligeiro estremecimento agitava o corpo de Cyrino.

— Agora, acrescentou elle com voz muito sumida, chegou... o meu dia.... Mas... eu lhe peço.... nada diga.... á sua afilhada.... Não consinta... que ella case com... Manecão.

— Então, interrompeu Cesario, foi elle quem?...

— Não, não, negou Cyrino, mas... ella havia de ser... infeliz... Ouvio?... Me promette?

— Prometto, respondeu Cesario com firmeza. Juro até...

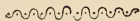
— Pois bem, suspirou o agonisante, agora... agradeço a morte... Quero apegar-me... ás santas do paraiso.... e chamo por.....

E com esforço, no ultimo alento, murmurou mais e mais baixo:

— Innocencia!

....

A' tarde desse dia, o viajante que passasse por aquelle sitio poderia ver uma cova coberta de fresco, sobre a qual erguia-se uma cruz tosca feita de dous grossos páos amarrados com cipós.

Eram as provas da caridade do mineiro Antonio Cesario.

EPILOGO.

MEYER REAPPARECE.

> Possue-te de justo orgulho e que os louros de Apollo corôem tua cabeça.
>
> HORACIO.

No dia 18 de Agosto de 1863 presenciava a cidade de Magdeburgo um espectaculo que ha muito fôra annunciado no mundo scientifico da sabia Germania.

Era uma sessão extraordinaria e solemne da Sociedade Geral Entomologica, a qual chamava a postos não só todos os seus membros effectivos, honorarios, correspondentes, como muitos convidados de occasião, a fim de acolher e levar ao capitolio da gloria um dos seus mais distinctos filhos, um dos mais infatigaveis investigadores dos segredos da natureza, viajante intrepido, ausente da patria desde annos e que voltava da America Meridional, em cujas regiões centraes por tal fórma se embrenhára que impossivel havia sido seguir o seu roteiro até nos mappas e cartas especiaes do grande colleccionador Simão Schropp.

A sciencia revestira-se de mil galas. Todos os socios de casaca preta e luvas brancas, alguns com discursos nos bolsos, enchiam a sala das sessões muito antes da hora marcada ; a musica executava a sonata n.° 26 de Luiz van Beethowen, e senhoras ostentavam *toilettes* ricas e de bom gosto.

De repente atroou um grito :

— Vivat Meyer ! ! Hurrah ! Vivat !...

E ao passo que todos os pescoços se estiravam para ver a quem entrava, no ar sacudiam-se com enthusiasmo lenços e chapéos.

Acalmada aquella ruidosa manifestação, levantou-se o presidente da Sociedade Entomologica, um presidente magro como um espeto e ornado de uma cabelleira ruiva que lhe dava o aspecto de um projecto de incendio.

— Sim ! exclamou elle depois de ter bebido uns goles d'agua assucarada e preparado a garganta, eis emfim, aqui, no meio de nós, o grande, o vencedor, o incomparavel Guilherme Tembel Meyer !...

E neste gosto fallou duas horas seguidas.

. . . .

No dia seguinte as gazetas de Magdeburgo traziam uma extensa relação da festa, transcreviam o discurso do presidente e, como appendice ás notas biographicas relativas a Meyer, enumeravam os prodigios entomologicos que elle havia recolhido em suas dilatadas peregrinações.

«O que ha de mais digno de admiração, dizia o *Tempo* (Die Zeit), em toda a immensa collecção que o Dr. Meyer trouxe de suas viagens, é sem

contestação uma borboleta, genero completamente novo e de um explendor acima de qualquer concepção. E' a *Papilio Innocentia*... (Seguia-se uma descripção de minuciosidade perfeitamente germanica.)

« O nome, acrescentava a folha, dado pelo eminente naturalista áquelle soberbo specimen, foi uma graciosa homenagem á belleza de uma moça (mädchen) dos desertos da provincia de Mato Grosso (Brasil), creatura, segundo conta o Dr. Meyer, de uma formosura fascinadora. Vê-se, pois, que tambem os sabios têm um coração sensivel e podem por vezes usar da sciencia como meio de demonstrar sentimentos, que muitos lhes querem negar..»

*
* *

Innocencia, coitadinha...

Justamente nesse dia completavam-se dous annos que seu gentil corpo fôra entregue á terra para dormir, no sertão de Sant'Anna do Paranahyba, o somno da eternidade.

FIM.

INDICE.